

# Anais do evento



## VII Fórum de Pós Graduação em Ciências do Esporte IV Fórum de Pesquisadores das Subáreas Sociocultural e Pedagógica da Educação Física

### Realização



### Financiamento



### ORGANIZADORES

Edivaldo GÓIS JUNIOR

Elaine PRODÓCIMO

Mário Luiz Ferrari NUNES

Silvia Cristina Franco AMARAL

# Realização

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNICAMP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNICAMP  
COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

# Financiamento

FAPESP  
FAEPEX UNICAMP

## **VII FÓRUM DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO ESPORTE**

## **IV FÓRUM DOS PESQUISADORES DAS SUBÁREAS SOCIOCULTURAL E PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

2017

## Tema central

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

## Local

Faculdade de Educação e Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

## Data

7 e 8 de novembro de 2017

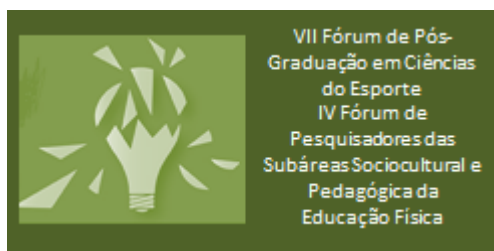
**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Elaborada pela Biblioteca “Prof. Asdrubal Ferreira Batista”**

F779a Fórum de Pós-Graduação em Ciências do Esporte; (7.: Campinas, SP).  
Anais do VII Fórum de Pós-Graduação em Ciências do Esporte e IV Fórum de Pesquisadores das Subáreas Sociocultural e Pedagógica da Educação Física / organizadores Edivaldo Góis Júnior [et al.]. – Campinas, SP: FEF/UNICAMP, 2017.

ISBN:978-85-99688-38-0

1. Ciências do esporte. 2. Educação física. 3. Pós-Graduação. I. Título. II. Góis Júnior, Edivaldo et al. III. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

613.7  
796.4



**ANAIS DO**

**VII FÓRUM DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO ESPORTE**

**IV FÓRUM DOS PESQUISADORES DAS SUBÁREAS SOCIOCULTURAL E PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

**2017**

**Tema central**

**A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO**

**ORGANIZADORES**

Edivaldo GÓIS JUNIOR

Elaine PRODÓCIMO

Mário Luiz Ferrari NUNES

Silvia Cristina Franco AMARAL

# Comissão Organizadora

## **Coordenação Geral**

Prof. Dr. Edivaldo Góis Junior  
Profa. Dra. Elaine Prodócmo  
Prof. Dr. Mário Luiz Ferrari Nunes  
Profa. Dra. Silvia Cristina Franco Amaral

## **Organização**

Ana Beatriz Gasquez Porelli  
Bruna Rafaela Esporta  
Dayane Ferraz Lacerda Trentin  
Daniele Cristina Carqueijeiro de Medeiros  
Maísa Ferreira  
Leonardo Mattos da Motta Silva  
Samuel Ribeiro dos Santos Neto  
Simone Gonçalves de Paiva  
Simone Malfatti Ide  
Mariângela C. P. Bartier  
Maria José da Conceição M. Marques  
Mario Angelo Grota Maggi

## **Realização**

Faculdade de Educação Física da Unicamp  
Programa de Pós-graduação em Educação Física  
da Unicamp  
Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte

## **Financiamento**

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do  
Estado de São Paulo FAEPEX – Fundo de Apoio a  
Pesquisa, ao Ensino e Extensão da UNICAMP

## **Apoio**

Coordenação de Extensão da FEF- Unicamp –  
CODESP  
Diretoria da FEF-Unicamp  
Departamento de Educação de Educação Física e  
Humanidades  
Apoio Técnico Didático FEF-Unicamp  
Biblioteca FEF-Unicamp  
Faculdade de Educação da Unicamp  
Secretaria Estadual de São Paulo do Colégio  
Brasileiro de Ciências do Esporte

## **Website**

Luís Filipe Mendonça Figueira  
Edgar Banhense  
Vítor Nicolau  
Informática FEF-Unicamp

## **Colaboradores**

Grupo MARGEM – FEF  
Grupo CORPO E EDUCAÇÃO – FEF

# Comissão Científica

Dr. Alex Branco Fraga (UFRGS)  
Dr. Allyson Carvalho de Araújo (UFRN)  
Dra. Ana Marcia Silva (UFG)  
Dra. Andrea Moreno (UFMG)  
Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares (UFRJ)  
Dr. Edivaldo Góis Junior (UNICAMP)  
Dr. Felipe Quintão de Almeida (UFES)  
Dr. Fernando Mascarenhas (UNB)  
Dr. Marco Paulo Sttiger (UFRGS)  
Dr. Marcos Garcia Neira (USP)  
Dr. Mauro Myskiw (UFRGS)  
Dr. Valter Bracht (UFES)  
Dr. Vicente Molina Neto (UFRGS)  
Dr. Victor Andrade de Melo (UFRJ)  
Dr. Wanderley Marchi Júnior (UFPR)  
Dra. Silvia Cristina Franco Amaral (UNICAMP)



## Apresentação

Em 2016, o debate sobre o currículo do ensino médio ganhou proporções midiáticas a partir da divulgação da Medida Provisória nº 746, que propunha uma reforma do ensino médio que, entre outros problemas, estabelecia a não obrigatoriedade de componentes curriculares de relevância cultural como a educação física, as artes, a sociologia e a filosofia. Os educadores, de modo geral, intensificaram suas críticas a esta iniciativa. Outros dilemas também podiam ser levantados como o aumento da carga horária sem um projeto pedagógico consolidado, a necessidade de formação específica dos educadores mediante a noção de “notório saber”, a flexibilidade do currículo, a excessiva ênfase em componentes curriculares de interesse do mundo do trabalho. Contudo, nesta proposição, almejamos a organização de um evento acadêmico que pretende discutir as bases deste currículo no que diz respeito à educação física no ensino médio. Enfim, quais são seus princípios? E, particularmente, de qual educação física se está falando? Os argumentos midiáticos que versaram sobre a formação esportiva, sobre a saúde e a obesidade infantil, refletem necessariamente a opinião dos estudiosos do tema no âmbito da Pós-Graduação?

Para responder a estes questionamentos, a Faculdade de Educação Física da UNICAMP, criada em 1985, foi constituída como um espaço institucional privilegiado e propositivo no campo das políticas públicas de educação, esporte e lazer, sobretudo, no âmbito da pesquisa e da pós-graduação. Por isso, a FEF-UNICAMP convida a comunidade acadêmica para um debate de alto nível e interdisciplinar sobre o lugar da educação física no currículo escolar e sobre a necessidade de se fomentar pesquisas que tenham como foco uma educação corporal mais próxima de uma abordagem biológica, mas também cultural.

Neste sentido, propomos a realização em Campinas, nos dias **07 e 08 de Novembro de 2017**, do Fórum de Pesquisadores das Subáreas Sociocultural e Pedagógica da Educação Física (quarta edição) e do Fórum de Pós-Graduação em Ciências do Esporte (sétima edição).



## Palestras

OS RISCOS E RETROCESSOS DA REFORMA DE ENSINO MÉDIO.....	14
TER OU NÃO TER? SE FOR PRA TER, QUE SEJA PARA TRANSGREDIR O QUE SE TEM.....	17
CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE SOBRE O CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO.....	24
IDEIAS E NOÇÕES DE NATUREZA, EDUCAÇÃO, SAÚDE E EDUCAÇÃO FÍSICA-NOTAS PARA PESQUISA.....	27
EDUCAR LOS CUERPOS CIENTÍFICAMENTE: SALUD, HIGIENE Y NATURALEZA EN IMÁGENES DE CINE DOCUMENTAL INFORMATIVO.....	38





## Comunicações Orais

SITTING VOLLEYBALL AMONG BRAZILIAN AND IRANIAN TEAMS: IN POINT OF VIEW NEWELL'S CONSTRAINTS THEORY.....	42
EDUCAÇÃO FÍSICA E FILOSOFIA DA LINGUAGEM: POSSÍVEIS ARTICULAÇÕES <sup>1</sup> .....	44
A INFLUÊNCIA DO LAZER NA REINSERÇÃO SOCIAL DE ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI .....	46
MIRANDO O FUTURO: O SIGNIFICADO DO MOVIMENTO NO COTIDIANO INFANTIL .....	48
A GINÁSTICA NO SESC SP .....	50
APLICABILIDADE DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO .....	52
EDUCAÇÃO DO CORPO E IDENTIDADE NACIONAL: AS SEMANAS DE EDUCAÇÃO BRASILEIRA (1928-1935) .....	54
ANÁLISE DO NÍVEL DOS PADRÕES FUNDAMENTAIS DE MOVIMENTO EM ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL I.....	56
EM DEFESA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO .....	58
<i>VERDADE E HISTÓRIA</i> NO JOVEM NIETZSCHE: UMA HISTORIOGRAFIA DO CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DE UMA FILOSOFIA VITALISTA .....	60
AS LUTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: DIAGNÓSTICOS, PRINCÍPIOS E PRÁTICAS .....	62
AS INFLUÊNCIAS DO PNUD NA FORMULAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE ESPORTE E LAZER NO BRASIL .....	64
O PARADOXO ESTÁ EM JOGO: AS REPRESENTAÇÕES DA MÍDIA IMPRESSA SOBRE.....	66
INFLUÊNCIA DO DESEMPENHO FÍSICO NA MORTALIDADE, FUNCIONALIDADE E SATISFAÇÃO COM A VIDA DE IDOSOS .....	68
JOGOS ELETRONICOS E CULTURA CORPORAL .....	70
INFLUÊNCIA DO INSTITUCIONAL CAPES NO NÚMERO DE AUTORES EM ARTIGOS CIENTÍFICOS PUBLICADOS EM PERIÓDICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	72
A GINÁSTICA EM PERIÓDICOS MÉDICOS NO RIO DE JANEIRO.....	73
TREINAMENTO DE FORÇA COM DUPLA TAREFA (DUAL-TASK): ADAPTAÇÕES MORFOFUNCIONAIS, COGNITIVAS E HORMONAIS EM IDOSOS SAUDÁVEIS .....	75
A CAPOEIRA NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE JAGUARIÚNA .....	77
INFÂNCIA E RESISTÊNCIA: SIGNIFICANDO AS PRÁTICAS CORPORAIS INFANTIS .....	79
EPISTEMOLOGIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA: ANÁLISE DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO NO ESTADO DA PARAÍBA .....	81
PLANEJAMENTO DE PROJETOS SOCIAIS EM DANÇA .....	83
PERFIL DE FRAGILIDADE EM IDOSOS FREQUENTADORES DE ACADEMIAS DA TERCEIRA IDADE.....	85
EPISTEMOLOGIA NO NORDESTE BRASILEIRO: ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DO ESTADO DE PERNAMBUCO.....	87
LUSO-BRASILIDADES IMAGINADAS: CLUBES E ASSOCIAÇÕES ESPORTIVAS DA COLÔNIA PORTUGUESA NA IMPRENSA PAULISTANA (DÉCADA DE 1930) .....	89



DOS PASSEIOS, PIQUENIQUES E PESCARIAS AOS CLUBES: A CONSOLIDAÇÃO DO ESPORTE NOS RIOS DO ESTADO DE SÃO PAULO .....	91
NEM SÓ DE ARTE VIVE A BOLA: A COPA DE 1982 PELO JORNAL FOLHA DE.....	93
DAS NECESSIDADES DE UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA.....	94
UMA ANÁLISE HISTÓRICA DOS CONGRESSOS DO COI (1894 – 1914) .....	96
POR UMA EDUCAÇÃO SUPERIOR ATIVA NA FORMAÇÃO DE TREINADORES .....	98
RELAÇÕES ENTRE O FLOREIO DA CAPOEIRA E A DANÇA ACROBÁTICA AFRICANA DOS HOMENS-PANTERA .....	100
PRODUÇÕES SOBRE VIOLÊNCIA NO ENSINO MÉDIO .....	102
A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR: DESCREVENDO E INTERPRETANDO TEORIAS SUBJETIVAS .....	104
ESCADA DE AGILIDADE: UMA NOVA PROPOSTA DE DUPLA TAREFA PARA IDOSOS DA COMUNIDADE .....	106
PARQUE MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE: RELAÇÕES ENTRE DIVERTIMENTO, CORPO E NATUREZA.....	108
A COPA DO MUNDO COMO POLÍTICA PÚBLICA: 1950 E 2014 .....	110
“ESCOLA SEM PARTIDO”: O CORPO (MAIS UMA VEZ) EM JOGO .....	112
MARIA ESTHER BUENO NAS PÁGINAS DO JORNAL “O GLOBO” .....	114
DIÁLOGOS CIRCENSES: A CONSTRUÇÃO DE UMA LINHA DE PESQUISA NA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA .....	116
HÁ FORÇA NO ESPORTE?: O CONTEXTO GREGO ANTIGO COMO INSPIRAÇÃO PARA UMA REFLEXÃO ÉTICO-ESTÉTICA .....	118
REDE NACIONAL DE TREINAMENTO QUESTÕES INICIAIS SOBRE LEGADO OU DEMANDA OLÍMPICA? .....	120
UM OLHAR ESTÉTICO PARA A RODA DE CAPOEIRA: DESAFIOS DA PESQUISA COM DADOS SENSÍVEIS .....	122
A MAGIA DE ENSINAR O VOLEIBOL .....	124
TÁ NO SANGUE E NO SUOR: OS SIGNIFICADOS DAS PRÁTICAS CORPORAIS DO FORRÓ UNIVERSITÁRIO .....	126
EM SÃO PAULO DÉCADA DE 1970: ROUPAS NO SKATE .....	128
POS-GRADUAÇÃO E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO .....	130
PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE DANÇA E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO BRASIL: ANALISANDO ARTIGOS CIENTÍFICOS .....	133
CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA NO ENSINO DE JOGOS POPULARES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA .....	135
MOTIVAÇÃO DE CORREDORES PARA CONSUMO DE SUPLEMENTOS NUTRICIONAIS ..	136
CAN TRANSCRANIAL DIRECT CURRENT STIMULATION IMPROVE MUSCLE POWER IN INDIVIDUALS WITH ADVANCED WEIGHT-TRAINING EXPERIENCE? .....	137
FORMAS DE HIGIENIZAR POR MEIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA SEGUNDO TESES, CONFERÊNCIAS E PERIÓDICOS MÉDICOS DO RIO DE JANEIRO.....	139
AS CONTROVÉRSIAS DO PILATES: A VIA DE MÃO DUPLA ENTRE O ESTÚDIO E O LABORATÓRIO .....	141



EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, PRÁTICAS CORPORAIS E LAZER DE ALUNOS EVANGÉLICOS .....	143
DANÇA NA UNIVERSIDADE: UMA RELAÇÃO DE AMOR E ÓDIO .....	145
AS LEIS DE FINANCIAMENTO ESPORTIVO PÓS CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA.....	147
EDUCACIÓN FÍSICA Y GUBERNAMENTALIDAD BIOPOLÍTICA .....	149
A SAÚDE NO CADERNO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ESTADO .....	151
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E PÓS-GRADUAÇÃO: ANÁLISE DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DE UM PROGRAMA RECOMENDADO PELA CAPES.....	153
TECNOLOGIA-EDUCAÇÃO: CONFLITOS GERACIONAIS NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA.....	155
DINÂMICA DIALÉTICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CONFIANÇA ENTRE ATLETAS DE ALTO NÍVEL DO VOLEIBOL.....	157
EFFECTS OF TRANSCRANIAL DIRECT CURRENT STIMULATION ON TIME LIMIT AND RATINGS OF PERCEIVED EXERTION .....	159
PROCESSOS IDENTITÁRIOS RELACIONADOS AO ESPORTE NA MÍDIA IMPRESSA: O CASO DO BASQUETEBOL MASCULINO BICAMPEÃO MUNDIAL (1959-1963).....	160



## Índice Remissivo

### A

Alex Natalino Ribeiro, 60  
Alexandre Paixão de Moraes, 137, 159  
Aline Renata de Farias Fragoso, 133  
Aline Rodrigues Santos, 153  
Allan Delmiro Barros, 44  
Amanda Sousa do Nascimento, 147  
Ana Beatriz Gasquez Porelli, 58  
Ana Carolina Capellini Rigoni, 143  
André Fattori, 68

### B

Bianca Blanco, 83  
Breno Alves dos Santos Blundi, 157  
Bruna Rafaela Esporta Fernandes, 66  
Bruno Freitas Meireles, 153  
Bruno Modesto Silvestre, 64

### C

Caio Henrique Caldato Ferreira, 135  
Camila da Silva Ribeiro, 116  
Carlos Eduardo da Cruz Severino, 52  
Carlos Fabre Miranda, 120  
Carlos José Martins, 149  
Cássia Maria Hess, 151

### D

Daiani Larissa Maciel, 102  
Daniel Teixeira Maldonado, 153  
Daniela Bento Soares, 98  
Daniele Cristina Carqueijeiro de Medeiros, 91  
Dayane F. L. Trentin, 46

### E

Edivaldo Góis Junior, 54, 160  
Eduardo Galak, 38  
Elaine Prodócimo, 102, 104  
Eliana de Toledo Ishibashi, 50, 100, 147, 151  
Elisabete dos Santos Freire, 153

### F

Fabiano Bragantini Mastrodi, 50  
Fabiano Dias, 153  
Felipe Lameu dos Santos, 73, 94, 139, 145  
Fidel Machado de Castro Silva, 118

### G

Gabriel Kaiser Fullin Castanho, 136  
Geraldo Maranhão, 137  
Gethin L. Thomas, 98  
Gilson Santos Rodrigues, 116  
Giovanna Garcia Ticianelli, 114  
Gustavo Luiz Gutierrez, 42

### H

Harian Pies Braga, 93  
Helena Altmann, 114

### I

Iggor Taddeu Bahiense Fernandez, 94  
Isabela Boscolo, 124  
Ivan Lima, 102

### J

Jean dos Santos Mantovani, 96  
Jorge Andrés Jiménez Muñoz, 149  
José Eduardo Corrente, 136  
Junior Vagner Pereira da Silva, 72

### K

Kleber Rodolfo Albino Ferreira, 85

### L

Larissa Leite Billerbeck Carrapateira, 72  
Laryssa Rangel Guerra, 73  
Laurita Marconi Schiavon, 98  
Leonardo Mattos da Motta Silva, 54  
Leonora Tanasovici Cardani, 116  
Lívia de Paula Machado Pasqua, 100  
Livia Tenorio Brasileiro, 44, 133  
Luís. Felipe Milano Teixeira, 85  
Luiz Gustavo Bonatto Rufino, 62  
Luz Albany Arcila Castaño, 75, 106

### M

Manoel Francisco do Amaral, 81, 87  
Marcelo Rodrigues do Prado Júnior, 77  
Marco Antonio Coelho Bortoleto, 116  
Marco Carlos Uchida, 42, 75, 85, 106  
Marco Paulo Stigger, 141  
Marcos Garcia Neira, 24  
Maria Cristina Rosa, 108  
Mariella Brighenti Bortoluzzi, 104  
Marina Contarini Boscarol, 79  
Mário Luiz Ferrari Nunes, 17, 77, 79, 126  
Mayara Mascarenhas de Lima, 48  
Monique Kathleen Soares De Camargo, 155

### N

N. M. Ferreira, 85  
Nora Krawczyk, 14

### O

Odilon José Roble, 60, 118, 122  
Olívia Cristina Ferreira Ribeiro, 83



## P

Paula Teixeira Fernandes, 68, 136  
Paulo Clepard Silva Januario, 153  
Paulo Henrique de Souza Cavalcante, 112  
Paulo Vitor Bognoli Mattosinho, 102  
Phillipe Mendes, 124

## R

Raquel da Silveira, 141  
Raquel Larissa Cabral, 102  
Ravine Carvalho Pessanha Coelho da Silva, 94, 145  
Rebeca Signorelli Miguel, 112  
Renan Almeida Barjud, 122  
Renan Felipe Correia, 160  
Ricardo Aurélio Carvalho Sampaio, 85  
Ricardo Henrique Zambon, 126  
Rosana Helena Nunes, 81, 87  
Rubens Antônio Gurgel Vieira, 70, 155  
Rute EstanislavaTolocka, 48

## S

Samanta Fioravante Saraiva, 137  
Samuel Ribeiro dos Santos Neto, 89  
Sergio Machado, 137  
Shirko Ahmadi, 42  
Silvia C. F. Amaral, 46, 120  
Silvio Sánchez Gamboa, 130

Simone Gonçalves de Paiva, 110  
Stefanie Hesse Alves, 124

## T

Talita de Carvalho Sajorato, 143  
Tânia Cristina Bassani Cecílio, 56  
Tatiane Castro de Paula, 56  
Thiago Augusto Costa de Oliveira, 56

## U

Uirá de Siqueira Farias, 153

## V

Valdilene Aline Nogueira, 153  
Valéria Nascimento Lebeis Pires, 94  
Vinícius de Almeida Silva, 70  
Vinícius dos Santos Moreira, 153  
Vinícius Nagy Soares, 68  
Vinícius Pereira Chieppe, 128  
Vitor Antonio Cerignoni Coelho, 48  
Vitor Daronco Freire, 124  
Vivian Castillo De Lima, 75, 106  
Vivian Marina Redi Pontin, 112

## Y

Yuri Santos de Menez, 73



## Palestras

### OS RISCOS E RETROCESSOS DA REFORMA DE ENSINO MÉDIO

Dra. Nora Krawczyk  
Universidade Estadual de Campinas

A Lei n. 13.415 de 16/02/2017 instaura uma reforma que muda radicalmente o ensino médio brasileiro: muda o tempo escolar, a organização e conteúdo curricular, o oferecimento do serviço educativo (através de parcerias), a profissão docente e as responsabilidades da União e dos Estados. Flexibilizar e desregular têm sido os motes dessa reforma.

Lendo nas entre linhas dessa Lei, é possível identificar a presença de conflitos e tensões do passado, como é o caso do caráter seletivo que sempre acompanhou a expansão do ensino médio. Na primeira metade do século XX essa expansão seletiva caracterizou-se por dois movimentos simultâneos: a criação de um sistema dual e a desigualdade regional da expansão. Ambas responderam às necessidades do processo de industrialização e, ao mesmo tempo, aos interesses da elite de se reservar espaços escolares públicos.

O abandono do sistema dual, tardio em relação a outros países latino-americanos, criou um forte debate em torno da educação técnica, relegando a um segundo plano preocupações em torno do ensino médio ‘regular’, que até a década de 1960, aproximadamente, esteve reservada a uma educação enciclopedista e formadora de uma elite política.

A reforma atual também contém a historicidade dos conflitos em torno das competências e responsabilidades do governo nacional, dos entes federados (estados, Distrito Federal, municípios) e do setor privado na educação. A expansão seletiva do ensino médio em profissionalizante e não profissionalizante teve uma participação bastante importante do setor empresarial. As diferentes posições em disputa, que atrasaram a promulgação da LDB de 1996, também são exemplo disso. O consenso pela extensão da obrigatoriedade de frequência na escola, pela idade e não pelo nível de ensino, demonstra igualmente a pouca vontade política em matéria de investimento no ensino médio.

Com a reforma educacional da década de 1990, inicia-se um forte processo de mudança no papel do governo central na educação, em nome da autonomia dos entes federados, da própria escola e da eficiência da gestão privada. Isso provocou um processo de descentralização escolar não apenas para os estados e municípios, como também para o mercado. A gradativa incorporação do setor empresarial na gestão da escola pública acabou por se traduzir numa proposta pedagógica e didática sustentada em valores e estratégias de gestão de recursos humanos empresariais. Todo esse processo (que faz parte do processo de reforma do Estado) desagua agora na reforma do ensino médio aprovada em 2017, que se dá em nome da inovação e flexibilização.

A historicidade presente na reforma atual inclui agora o projeto conservador e profundamente regressivo em termos de conquistas sociais e de certa integração social.



A reforma do ensino médio, apresentada em forma de Lei, foi em primeira instância uma Medida Provisória definida pelo Presidente Temer. Em ambos os casos, o governo e o Legislativo tomaram decisões relativas às propostas que tinham forte oposição de vários movimentos sociais e foram objeto de intensos debates no Congresso, sem encontrar consenso. A ideia de flexibilização como panaceia para a solução de todos os problemas, vem sendo utilizada, nas últimas décadas, não somente para pensar a educação. Elas se opõem a uma estrutura estatal de proteção do trabalho e de proteção social que afeta todos os espaços públicos.

O termo flexibilização é muito tentador porque remete, na fantasia das pessoas, à autonomia, livre escolha, espaço de criatividade e inovação. Mas flexibilização pode ser também desregulamentação, precarização, instabilidade da proteção contra a concentração da riqueza material e de conhecimento, permitindo a exacerbação dos processos de exclusão e desigualdade social. Flexibilizar uma política pode ser também o resultado da falta de consenso sobre ela.

Nesse contexto, a Lei n. 13.415 de 16/02/2017 ‘flexibiliza’ o tempo escolar, a organização e conteúdo curricular, o oferecimento do serviço educativo (parcerias) a profissão docente e a responsabilidade da União e dos Estados.

A leitura cuidadosa da Lei permite compreender que ela não é propriamente uma reforma educacional, mas parte de um processo de desregulamentação, precarização e desagregação do ensino médio e de outros espaços públicos.

Nesta configuração de desregulamentação de responsabilidades a União se reserva a definição de padrões de desempenho que serão a base dos sistemas nacionais de avaliação.

Estamos num novo estágio do processo de mudança das relações entre as diferentes esferas de governo, com a esfera privada e com a unidade escolar. Vive-se no Brasil atual um intenso processo de mudança da racionalidade organizacional do ensino médio, que afeta profundamente a lógica de gestão do sistema e o trabalho na escola pública, novamente justificada pela baixa qualidade do ensino, pelos baixos indicadores de rendimento e altos indicadores de fracasso escolar, aumentando os espaços de mercantilização da educação, e a segmentação regional, criando novos mecanismos de seleção e aprofundando a exclusão e desigualdade social via educação.

A vigência do teto para os gastos públicos implicará, como têm demonstrado várias análises, inclusive da CONFOP (Consultoria do Orçamento e Fiscalização Financeira da Câmara dos Deputados), na diminuição progressiva, no decorrer dos próximos 20 anos, dos recursos disponibilizados à educação e à saúde, atingindo todos os níveis do ensino público e escancarando a hoje já ampla abertura às ações da iniciativa privada na área educacional, seja por meio da criação de escolas charter (escolas públicas com gestão privada), seja, o que tem se ampliado bastante, por meio da oferta de consultorias ou pela participação em parcerias.

Ante este quadro é necessário analisar como sob o discurso da livre escolha, da necessidade de atender o interesse do aluno, implanta-se na verdade um sistema em nome do



qual os Estados (e em muitos casos as próprias unidades escolares) estarão submetidos a um conjunto muito escasso de condições de trabalho e ao rígido controle e responsabilização através das avaliações nacionais.

A concepção reducionista que permeia a reforma do ensino médio, marcada pelo enxugamento dos conteúdos obrigatórios<sup>1</sup>, pela alteração da estrutura curricular é, por outro lado, condescendente com as pressões oriundas de setores fundamentalistas e homofóbicos que as escolas e a sociedade como um todo vêm sofrendo, atingindo a autonomia docente por meio da censura aberta ou velada.

Será examinada na apresentação os antecedentes, os interesses que subjazem às mudanças, assim como o risco à precarização e desagregação do ensino médio brasileiro, e seu caráter regressivo em relação às conquistas adquiridas pelos movimentos sociais ao longo das últimas décadas.

---

<sup>1</sup> Restringindo a obrigatoriedade do ensino de arte e educação física a educação infantil





## **TER OU NÃO TER? SE FOR PRA TER, QUE SEJA PARA TRANSGREDIR O QUE SE TEM**

Dr. Mário Luiz Ferrari Nunes  
Universidade Estadual de Campinas

Os problemas da Educação Física (EF) no Ensino Médio (EM) também estão presentes em outras disciplinas (falta de estrutura, desinteresse por parte dos alunos, desvalorização docente, seleção de conteúdos, questões de método etc.) e, assim como as demais, apresenta particularidades. Vou tratar de algumas. Para abordá-las, apresento alguns dados extraídos das mídias, de depoimentos localizados, dos relatos do cotidiano da escola, de pesquisas empíricas e das propostas oficiais para balizar o debate. Práticas discursivas que estabelecem o seu problema.

O primeiro conjunto de dados vem das mídias. Quando do anúncio da exclusão do componente EF do EM, vozes diversas e dissonantes emergiram de todas as direções, atacando tal medida. Do Faustão ao sistema Cref/Confef, passando por narradores, atletas e outros sujeitos do mundo esportivo profissional, professores da área, leigos, e, até, um renomado filósofo disseram que soava estranho um país que foi sede da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos suprimir a EF/EM. Em diferentes sítios da internet era possível notar a revolta. Trago alguns como exemplo. Na coluna intitulada: "ter-ou-nao-ter-educacao-fisica-e-artes-no-ensino-medio-eis-a-questao", publicada no Uol, em 27/09/2016, Maria Alice Setúbal – representante do programa Todos pela Educação, escreveu:

"a prática de esportes também é fundamental para que as crianças aprendam a lidar com valores e habilidades necessárias para a vida em sociedade: ganhar e perder, ter disciplina, trabalhar em equipe, ter persistência, entender o valor da cooperação. Além disso, as aulas de Educação Física podem relacionar-se com inúmeras outras competências, como expressão e fluência oral (por exemplo, ao incentivar os alunos a narrar e comentar os jogos), ou o aprendizado sobre mediação de conflitos e liderança, ao colocar as crianças na posição de árbitros ou técnicos...

(<https://educacao.uol.com.br/colunas/maria-alice-setubal/2016/09/27/ter-ou-nao-ter-educacao-fisica-e-artes-no-ensino-medio-eis-a-questao.htm>)

Também é possível observar como determinada escola do interior paulista enaltece sua função social em sua homepage:

O aspecto cultural é um fator importante para determinar as atividades a serem selecionadas para as aulas de Educação Física. Cada adolescente tem um estilo próprio e identifica-se com as modalidades que vão ao encontro dos seus interesses e características. No eixo que norteia a proposta de conteúdos a serem trabalhados no Ensino Médio, temos esportes coletivos e individuais, danças, ginástica, lutas, além de outras atividades que, com a globalização, estão tendo destaque e fazem parte do cotidiano do adolescente. Abordar ainda temas como nutrição, fisiologia e outros ligados à saúde e à qualidade de vida ajuda os alunos a ter um desenvolvimento global.



(<http://www.colegiometa.com/a-importancia-da-educacao-fisica-escolar-para-o-ensino-medio/#.WeX1L1tSyM8>)

Outro colégio realçou seus benefícios, tais como: garante uma saúde melhor, constrói a autoconfiança, desenvolve a coordenação motora, auxilia no trato com a boa alimentação, alivia o estresse. Conclui, que ela "ajuda muito os alunos que já possuem algum tipo de problema, melhorando seu desenvolvimento, ajudando a aceitar e melhorar esses transtornos que não podem limitar a vida". <https://canaldoensino.com.br/blog/quais-os-beneficios-da-educacao-fisica-no-ensino-medio>

Cabe destacar o tom tipicamente neoliberal dos discursos. Afinal, sabemos bem que desde o final do século XVIII, governar os interesses da população é a melhor e mais eficiente forma de conduzir as condutas do conjunto de indivíduos que a compõe. Não é preciso nenhum esforço para perceber que os interesses anunciados favorecem a consolidação de um estilo de vida afeito à produtividade, à performatividade, enfim, favorece uma forma de viver.

O segundo conjunto de dados provém de um relato: recentemente, soube que uma escola particular pretende reduzir as aulas de EF, composta por 3 aulas semanais em todos os níveis de ensino. A justificativa ancora-se na necessidade de outras disciplinas ampliarem a carga didática. Nada contra o aumento da carga didática das disciplinas. A questão é que a supressão não decorre da nova Lei do EM. Tampouco a opção foi pela equidade com as demais disciplinas. O relato faz crer que a EF não consegue justificar o seu atual número de aulas. Afinal, o que nela acontece também ocorre em outros espaços sociais, os quais alunos e alunas frequentam, sejam aqueles em que se desenvolvem habilidades motoras, sejam os que permitem a aquisição ou manutenção de um estilo de vida ativo e, também, aqueles cuja finalidade é o treinamento esportivo. Cabe ressaltar que escola se opõe às ações compensatórias, é contra a meritocracia e acredita que as competências relativas às relações pessoais podem ser trabalhadas em outras disciplinas, assim como outros conhecimentos como a alimentação saudável, fisiologia, anatomia etc...O questionamento da escola contrapõe-se às vozes ecoadas acima, assim como enterra qualquer justificativa da manutenção da carga didática na EF ancorada naquilo que diz objetivar.

O terceiro conjunto de dados vem dos depoimentos de graduandos de EF. Há mais de 10 anos, ministro na educação superior a disciplina EF no EM. Questiono aos discentes, desde então, como eram as aulas que tiveram neste nível de ensino. Sem qualquer intenção de transformar isso em estatística, majoritariamente, explanam que as aulas eram livres ("rola-bola"). Nestas, em geral, pequena parcela dos meninos joga futebol, algumas meninas jogam vôlei e escutam música, alguns não fazem nada e, quando em vez, alguns meninos e meninas transitam entre essas e outras práticas corporais ofertadas. Salvo raras exceções, às vezes as aulas eram atravessadas por ensino de regras e de conceitos relativos à atividade física e à pedagogia da alimentação saudável, mas sempre de forma esporádica e, em geral, em dias de chuva. Nenhum aluno ou aluna relatou que a aula estava pautada no treinamento esportivo. Se eu levar em consideração que eram classes com 60 alunos em média, 3 turnos e duas turmas por ano, posso dizer que mais de 3600 estudantes relataram algo parecido. A coisa se complica mais quando questiono professores desse nível de ensino, em momentos de formação continuada. E já se vão mais de 15 anos atuando nesse segmento. As falas dos



depoentes versam entre "é um nível em que os alunos não querem fazer nada" e "o importante é garantir que se mantenham em movimento". Em momento algum, tanto os professores como os graduandos anunciaram algum trabalho sistematizado ou parecido com o que acessam na faculdade. Cabe apresentar, também, um comentário de um assinante do Uol, a respeito da posição de Maria Setúbal. Diz o comentador:

Na educação física, o que acontece muitas vezes, é dar uma bola para os jovens, sendo muitas vezes a aula resumida a uma pelada, vôlei ou queimada. Em artes, a produção de trabalhos manuais sem muita dedicação. Então a questão não é apenas o ter ou não ter, mas como as mesmas hoje estão sendo abordadas nas escolas.

O quarto conjunto vem das pesquisas empíricas. Na faculdade em que atuava, o cenário declarado nas aulas ministradas mobilizou alguns estudantes a pesquisarem a EF/EM - tanto no período diurno como no noturno, além da EJA. Em que pese esses estudos terem ocorrido em poucas escolas, os resultados foram os mesmos. Interessante relatar que outros estudos indicam que a aula de EF/EM atende a um currículo esportivista, apesar das características meramente recreativas. Em vários artigos acadêmicos, observo essa narrativa, mas não há nada nas aulas similar ao treinamento esportivo. O que indica uma confusão de fronteiras epistemológicas entre os pesquisadores. Em geral, o que as pesquisas descrevem são jogos, com ou sem arbitragem, nos quais o professor restringe sua função a de árbitro, incentivador da prática e/ou guardião da moral e da ordem. Os estudos indicam a presença de práticas não sistematizadas, em geral futebol, recusa em participar de parcela significativa das meninas, ensino de alguns conceitos relativos à atividade física, regras dos esportes hegemônicos, tal e qual as narrativas citadas anteriormente. Alguns raros estudos indicam um fazer EF/EM pautado na pesquisa colaborativa. Nestes casos, os resultados apresentam experiências exitosas, que podem ser descritas como práticas sistematizadas e com participação ativa dos estudantes. No entanto, as práticas pedagógicas descritas são pensadas com finalidades acadêmicas. Em geral, não emergem das leituras por parte dos docentes a respeito dos dilemas que enfrentam no cotidiano escolar. Esses estudos não indicam se houve continuidade ou não do fazer didático investigado.

Um dado diferente que emergiu nessas pesquisas e vale sua citação foi o ódio à aula de EF. Importante pontuar que, em pesquisa que realizei com pessoas escolarizadas, que viveram aulas de EF nos anos 1980 e 1990 nada diferente de tudo até aqui descrito foi anunciado. Em relação ao ódio, destaco dessa pesquisa um depoimento interessante de um dos entrevistados:

O professor de EF é o pior professor que a escola tem. Sempre! O professor de EF merece ser considerado pior que os outros professores da escola. Ele é considerado e ele é o pior professor. (...) O que eu queria dizer do professor, é que eu sempre tive raiva dele. A culpa é toda dele. Por quê? Porque ele é um omissor. (...) Não prepara a aula adequada pra atender os alunos que tem dificuldade e, ele não sabe ensinar os que têm dificuldade. Ele não percebe que é por culpa dele que os que têm dificuldade não aprende...(NUNES, 2006, p.129, 130)

Todos os depoimentos a respeito das aulas ora citados se alinham com os dados que produzi nos últimos três anos a respeito das práticas pedagógicas que ocorrem na EF escolar. Trata-se de coleta de informações extraídas de relatos formulados pelos discentes das



disciplinas de Estágio Supervisionado I e II do curso de Licenciatura da FEF/Universidade Estadual de Campinas. Até agora, nenhuma aula descrita indicou qualquer sinal de prática pedagógica sistematizada apesar de muitos docentes supervisores dos estágios alegarem que seguem determinado referencial teórico e apresentarem planos de ensino organizados. Isso se dá em todos os níveis de ensino. Na EF/EM apenas constatou-se maior presença do “rola-bola”. Mesmo quando se nota intencionalidade e planejamento didático, não se observa o atendimento às demandas específicas dos alunos e alunas, sejam as de ordem do desenvolvimento, da aptidão física ou da técnica. Destaco também, que as atividades de ensino têm pouca ou nenhuma relação com os objetivos anunciados. A avaliação, por sua vez, limita-se a participação dos alunos nas atividades. Nem mesmo a racionalidade técnica clássica da educação, elaborada por Ralph Tyler, no final dos anos 1940, é notada. Indicadores que reforçam um “não-saber-fazer”. Mesmo quando o professor se auto intitula crítico percebe-se algo diferente. Em relação ao controle disciplinar, nota-se maior preocupação com o comportamento do que com a aprendizagem.

O quinto conjunto de dados decorre dos currículos oficiais. Em pesquisa recente a respeito dos currículos oficiais de 10 Estados da federação, inclusive o de São Paulo (2012), os pesquisadores identificaram que o foco desses currículos está na aprendizagem da dimensão simbólica do esporte, focada nos processos de alienação e consumo, e enfatizam que não há qualquer menção à fixação da gestualidade técnica e a eficiência no desempenho motor. Os autores destacam que o teor dos documentos propõe atividades de ensino que raramente são encontradas na formação inicial do professor de EF e, por conta disso, a colocam em xeque. Se os dados fazem crer que o professor do chão da escola tem dificuldade em conduzir aulas cujo enfoque é o ensino da gestualidade técnica de cada modalidade, o que dizer em relação ao tratamento de textos literários, jornalísticos, fílmicos etc. Frente a essa problematização, tudo leva a crer que maiores dificuldades para o exercício da docência ocorrerão.

Se levarmos em consideração que as DCN da EF propagam a formação inicial centrada no saber-fazer, organizada por meio de um currículo com ênfase na generalização e no aprofundamento de alguns saberes (pedagogias?), poderíamos pensar que os problemas ora anunciados se resolveriam com o ensino de atividades específicas para organizar o processo de ensino-aprendizagem, independente da teoria pedagógica da EF. Por esse viés e pela posição de todos aqueles que indagamos nestes anos, a questão parece ser o método. Não à toa, o discurso dominante no chão da escola, nas políticas públicas, na interferência do terceiro setor e nas pesquisas centra-se no interesse dos alunos. Não à toa, é dominante no debate a respeito da formação inicial a dicotomia excesso de teoria *versus* excesso de prática e, dentro dele, acirram-se os ânimos entre os defensores de cada linha. Não à toa, ocorre a luta pelo controle das políticas públicas. Não à toa, cresce o número de cursos cujo enfoque é pautado em promessas de resolução desses problemas por meio de novos métodos de ensino, favorecendo a mercadização do conhecimento. E o pior é que essa modalidade também está adentrando a Universidade pública, sem cerimônia e com o consentimento de muitos que se colocam à esquerda no espectro político. Não à toa, há os defensores dos livros didáticos de EF, entre outras coisas. Não à toa, as pesquisas nesse segmento de ensino reforçam a crítica aos métodos e buscam apresentar soluções para o que não tem solução. Um alerta para essa



modalidade de pesquisa!

Por outro lado, a grande procura por parte dos docentes por cursos de toda ordem, ao mesmo tempo em que visa à solução imediata dos seus problemas, o alivia do rótulo de incompetente. Por sua vez, esses cursos anunciam atacar o maior problema: o jovem desinteressado dos dias de hoje. São cursos centrados no aspecto motivacional. O que favorece a construção de um significado de juventude como algo a ser combatido ou curado, se preferirem. Esse quadro há mais de uma década anuncia que o egresso não é o culpado. Ele é vítima do currículo que o formou.

Mediante o discurso amplamente propagado que enfatiza que a formação inicial (e eu acrescentaria a continuada) pouco ou nada contribui para que os futuros egressos enfrentem os problemas e a complexidade do cotidiano escolar, ocasionando o denominado choque de realidade, defendo que a questão vai além do método, vai além da condição de ser jovem, vai além dos professores formadores de professor sem desconsiderá-los. Vai além do currículo, se pensarmos nele apenas como correção de rota do que está aí.

Defendo que o problema está nas relações entre escola, currículo e as mudanças mais amplas pelas quais passa a sociedade. Nesse quadro, fica evidente que há grande descompasso entre o modelo de sociedade (moderna - iluminista) que instaurou tanto a escola como a EF e o que acontece no seu interior, no dia a dia. Modelo que a escola insiste em permanecer. Não podemos esquecer que a escola é um aparelho de Estado, suas disciplinas, arquitetura, burocracia, conhecimento selecionado para a transmissão, métodos etc. são seus dispositivos e os professores seus agentes. Também não podemos esquecer que em tempos neoliberais, a escola passou a ser um aparelho de Mercado ou se preferirem um aparelho de Estado a serviço do Mercado. Nestes termos, a escola transforma o significado de cidadão outrora anunciado. Cabe reforçar que o significado de cidadão é o que conduz e motiva a todos os seus sujeitos (docentes, discentes e familiares).

A escola que governava as almas das crianças e jovens para atuar em uma sociedade estática, com representações da realidade definida por critérios universais, mesmo quando governada para o mercado é assolada, questionada, confrontada pelas condições que a própria sociedade produziu e piorou com a dominação dos princípios de Mercado. Como pensar uma escola marcada por mudanças da nossa compreensão de tempo e espaço (o tempo e o espaço escolar são modernos), ou como pensar os seus sujeitos diante da impossibilidade de definir quem eles são e/ou definir o que "devem" ser (alunos definidos pelas filosofias da consciência e pelas psicologias do desenvolvimento). Enfim, como tentar governar o ingovernável? Afinal, os quadros de referência que forneciam noções estáveis de pertencimento aos sujeitos foram abalados e com isso qualquer ideia de conhecimento, de identidade das coisas também. E isso não tem a ver com aquisição de competências para se adaptar a flexibilidade do mundo do trabalho. O resultado desse momento tem sido o aumento das lutas pelo controle dos processos de significação, pelo controle do que é ser humano. Eis aqui o problema!

Como produto da sociedade em que vivemos a escola, assim como todos nós, também está diante de um terrível jogo pelo controle do significado das coisas do mundo (escola, EF, EM, professor, sujeito, criança, jovem, mulher, sexualidade, currículo, aprendizagem,



conhecimento, trabalho etc..). Não à toa, reformas estão em jogo e estratégias mais agudas são viabilizadas para garantir o que o mundo é e deve ser. E sabemos bem quais os grupos que as estão mobilizando: elites econômicas e elites políticas, todas predatórias, e, para mim, os mais aguerridos: os conservadores de determinada moral e costumes (gente de bem), que não aceitam a diferença. Nesse quadro, os conservadores vão para muito além das elites políticas e econômicas: trata-se das elites simbólicas – aqueles que defendem um modelo de sociedade pautado em valores universais, que como sabemos, de universal não tem nada, pois foi produzido pelo grupo que os criaram e os defendem. São esses grupos que controlam muitos significados, como o de escola, de jovens e crianças, de moral, de EF, de aula, de práticas corporais, de cultura. Grupos, sujeitos que não aceitam a diferença!

A diferença não é aqui entendida como o diferente, nem como uma categoria que a tudo abarca. De maneira alguma como o extremo da individualidade, presente nas expressões de cunho neoliberal do tipo "faça a diferença". Tampouco falo da diferença cultural, tratada como diversidade cultural (que nada mais é do que mais do mesmo –mesmidade – mesmo que isso seja importante). A diferença é aqui proposta como a condição do processo de significação. Aquilo que é colocado para fora nessa luta, mas que, por ser colocada de fora, à margem, constitui o centro, o âmago, a identidade das coisas do mundo e cuja presença balança, ameaça os limites que tentam garantir a fixidez da identidade. Daí a ojeriza da sua presença. Daí a nossa defesa de uma pedagogia da diferença. Uma pedagogia que balança as certezas que negam outras formas de conhecimento, outras formas de vida.

Se assim for, a questão ter ou não ter EF/EM ganha outros contornos. Se for para ter, que se transgrida o que se tem. Afinal, o que se tem visa amarrar a escola, a EF e seus sujeitos no enredo que não está nos desfiles deste ano e de outros faz tempo. O que se tem se trata de uma antinomia política: prepara-se um professor preparado para impor modos de vida, mas despreparado para viabilizar outras vidas. Um professor que, em ação, proporciona outra antinomia: ele produz uma prática pedagógica cujo objetivo é o melhor para todos, mas que produz sujeitos que se digladiam na escola e para além dela. Afinal, quem definiu o que é melhor para todos? Em suma: produz técnicas políticas e técnicas de si que conduzem as condutas dos sujeitos alunos a negarem outros sujeitos, a negarem outras vidas. – O resultado é o que está aí: o enfrentamento ou a abstenção do exercício da docência.

Se for ter, que se transgrida o que se tem. Para isso, parto da questão kantiana: o que somos hoje? O que se tem (na escola, na EF/EM) não permite ao sujeito compreender como somos amarrados na nossa própria história; como produzimos o Outro, ou melhor, não permite que se vislumbre que produzimos a nós mesmos indiretamente pela exclusão de determinados Outros e com eles seus conhecimentos (quais outros a EF exclui, principalmente quando o faz pela inclusão de todos? E a escola, quais outros ela produz? Aqui cabem todas as identidades policiadas). O que se tem (na escola, na EF/EM) não permite ao sujeito compreender que a realidade não é uma verdade verdadeira, tampouco que ela não é algo definitivo e para sempre, muito menos que é fruto de relações de poder, de relações que visam governar a conduta das condutas. Relações que visam governar a cultura. Relações que visam produzir e eliminar determinadas vidas (qual a verdade verdadeira da EF pautada em referenciais de saúde, desenvolvimento, movimento e crítica social? Quais vidas eles negam?)



Se for para ter o que se tem, solucionado o problema anunciado anteriormente mediante um método ou currículo redentor, o resultado será mais descompasso ou, como prefiro pensar, mais violência para conter a diferença e com isso mais resistência, mais luta. Afinal, se a questão for apenas de método, a norma que estabelece quem está dentro e quem está fora, quem pode e quem não pode continuará a marcar limites, continuará a determinar o que é a vida e quem pode vive-la. Afinal, no pensamento moderno, neoliberal, também no da crítica social ou do modo como queiram denominar, a garantia da vida é parceira da sentença de morte.

Entendo e defendo que precisamos de outro projeto de sociedade. Sendo assim, outro projeto de escola, de EF, de EF/EM, de conhecimento, de aprendizagem. Não há pretensão de dizer como tem que ser esse projeto, pois se assim for, também validaria sentenças de morte.

Esse projeto de sociedade já está em curso. Ele está nos modos de vida que produzem contracondutas, como na solidariedade das favelas, na cultura da partilha dos sem nada, nas resistências dos grupos marginais (pichadores, delinquentes, loucos etc..), nos outros modelos de família, nas "novas" relações afetivas etc. Ele está nas artes, nas escolas, na EF, enfim, na política (tomada aqui em seu sentido de compartilhamento da vida pública), na vida das pessoas infames. Política essa que tem nos jovens de hoje, principalmente os/as das periferias sua força maior. Daqui podemos pensar a EF/EM como dispositivo de transgressão, como potência para que se produzam práticas de liberdade. Práticas de liberdade que inviabilize tanto a razão de Estado como a razão do Mercado. Práticas de liberdade que inviabilize o já dado.



## CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE SOBRE O CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO: A PERSPECTIVA CULTURAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Dr. Marcos Garcia Neira  
Universidade de São Paulo

Escapando à lógica tecnicista em que a definição dos conteúdos se dá *a priori*, no currículo cultural da Educação Física os conhecimentos abordados advêm da tematização das práticas corporais. Quando tematiza uma brincadeira, dança, luta, esporte ou ginástica, o professor emaranha a própria cultura experiencial e as dos alunos com outros saberes (acadêmicos, do senso comum, populares etc.). No bojo da triangulação promovida pelas atividades de ensino, são produzidos novos sentidos para as manifestações culturais.

A Educação Física cultural potencializa o contato com diversos saberes, não apenas os hegemônicos e legitimados. Não há valores e conhecimentos universais que devam ser exaltados, pois se sabe que essa condição é apenas discursiva, ou seja, varia de acordo com a posição de poder de quem a enuncia. Tampouco há razões para que se façam distinções hierárquicas. Um tema é legítimo e valioso quando emana da sociedade, o que abre caminho para a tematização das práticas corporais pertencentes a todos os grupos sociais, independentemente da origem.

A tematização das práticas corporais com base na sua ocorrência social e a problematização dos significados que lhe são atribuídos e postos em circulação através dos discursos, objetiva imergir os estudantes nas águas da realidade. São necessárias várias outras medidas analíticas e propositivas se o que se deseja é que os sujeitos desenvolvam posturas crítico-reflexivas sobre o que acontece nas diferentes esferas do tecido social (mídias, trabalho, poder público etc.). As atividades de ensino não podem deixar de descrever e examinar pontos de vista a favor e contra. Cada qual sofre influências das posições de lealdade aos grupos que pretende servir. Uma vez que não existem categorias individuais de significação, liberdade ou razão, a solidariedade forma a base da análise ideológica e se constitui no fundamento do trabalho educacional.

Na condição de artefato cultural, qualquer brincadeira, dança, luta, esporte ou ginástica veicula ideologias que, sem a devida atenção, insuflam tendências segregacionistas ou integracionistas, que tanto podem reforçar o preconceito e a injustiça social quanto reconhecerem e valorizarem as diferenças. Cabe ao professor e aos alunos analisarem os signos do poder presentes nas práticas corporais, examinar as relações de dominação e subjugação envolvidas e, conseqüentemente, observar quais identidades são valorizadas ou menosprezadas. A leitura crítica evita a formação de sujeitos segundo os pressupostos neoliberais que fixam grupos e suas manifestações culturais.

A tematização das práticas corporais fornece elementos importantes para compreender a complexidade do processo de produção do conhecimento e como funcionam os mecanismos regulatórios que formatam as opiniões das pessoas a respeito de si mesmas, dos demais e de tudo o que as cerca. Além de abrir espaço e assinalar os saberes que tradicionalmente foram renegados, a Educação Física cultural traz para o debate as diferentes representações acerca das práticas corporais ou quem delas participa. As representações elaboradas sobre os grupos minoritários e suas manifestações culturais precisam ser identificadas e examinadas, pois costumam basear-se em estereótipos. As produções discursivas que desqualificam as práticas corporais e seus participantes contribuem apenas para afirmar determinados grupos e negar outros, levantando muros entre as pessoas. Se forem transformadas em objeto de análise durante as aulas, será possível identificar as origens, a serviço de quem se encontram e desnaturalizá-las.





No processo de identificar a formação social das relações assimétricas, professor e estudantes terão, nos diferentes contextos históricos, elementos para análise crítica dos mecanismos de subjugação. Quando, por exemplo, as questões de gênero presentes na ginástica rítmica (Relato 10), as questões econômicas que atravessam o tênis (Relato 11), de etnia que perpassam o samba (Relato 16) e de religião que contaminam o maracatu (Relato 14) são problematizadas nas aulas, criam-se possibilidades dos estudantes identificarem e compreenderem os aspectos relacionados às práticas corporais para além da mera vivência. Eles passam a perceber nas situações analisadas a construção, afirmação e exclusão de determinadas identidades.

As mais variadas formas de discriminação contidas nos textos culturais (televisão, livros, reportagens, propagandas etc.) não podem ser ignoradas, pois divulgam, o tempo todo, representações de beleza, corpo, saúde, sexualidade, mulher, homem, ginástica, dança, esporte etc. Em uma sociedade marcada pela significação disseminada pela indústria cultural, que atende aos interesses neoliberais de consumo e tenta impor padrões estéticos e performáticos no tratamento do outro, analisá-los e discutí-los equivale a combater a legitimação. É uma forma de ação e luta política tanto dentro quanto fora da escola.

Se equivoca quem pensa que a desigualdade, o preconceito ou a injustiça social interessam a alguém. Todos os grupos presentes nas instituições escolares precisam se unir na luta comum pelo fortalecimento da democracia. Cabe aos professores promoverem uma pedagogia que ajude a entender a produção das diferenças e apreciar os princípios da equidade. É primordial identificar e problematizar as representações em circulação sobre as práticas corporais e seus representantes para que os estudantes passem a enxergar que o processo de significação se estabelece em meio a lutas travadas entre grupos sociais. Não se trata de buscar a construção de consensos, mas sim apropriar-se da noção de solidariedade, conceito bem mais inclusivo e transformador.

Os benefícios políticos e pedagógicos do reconhecimento das diferenças podem se manifestar através da apresentação e discussão, em sala de aula, das concepções dos estudantes e do professor, examinando também a forma como são expressadas. É desejável que as atividades de ensino promovam a exposição a um número cada vez maior de vozes divergentes, convidando a ver as coisas de outra maneira. O esforço de compreender os esquemas sociais daqueles que pensam e agem de forma distinta possibilita um conhecimento mais profundo dos próprios sistemas de crenças, conceitos e preconceitos.

A ciência ocidental, fruto da ideologia europeia e do protagonismo masculino das classes abastadas, não é a única fonte a qual professores e estudantes podem recorrer. Além das mídias, os relatos de experiência analisados evidenciam que os saberes relativos às práticas corporais encontram-se à disposição em espaços formais e informais como parques, praças, academias, escolinhas, clubes, centros esportivos, balneários, casas de cultura, praias, instituições de ensino ou qualquer outro lugar em que praticantes se reúnam para vivenciá-las, conversar sobre elas ou apresentá-las. A partir dos conhecimentos acessados e devidamente documentados, é possível fazer análises e estabelecer conclusões que enriqueçam o percurso formativo.

Tamanho conjunto de elementos e relações impossibilita a previsão de todas as condições do fenômeno educativo (atividades, respostas dos alunos, surgimento de novas ideias, modificações do contexto etc.), de modo a garantir um só percurso. Daí atribuir-se ao currículo cultural um caráter aberto, não determinista, não linear e não sequencial; limitado e estabelecido apenas em termos amplos, que tecem a todo o momento uma rede de significados a partir da ação e interação dos seus participantes.



Opondo-se à ramificação hierarquizada do saber, na pedagogia culturalmente orientada, o conhecimento é tecido rizomaticamente. A visão rizomática não estabelece começo nem fim para o processo de conhecer. A multiplicidade surge como linhas independentes que representam dimensões, modos inventados e reinventados de se construir realidades, que podem ser desconstruídos, desterritorializados. Um rizoma se pauta nos princípios de conexão e heterogeneidade, ou seja, os pontos de um rizoma podem e devem se conectar a quaisquer outros pontos. As coisas se relacionam. Pensar é estabelecer relações com múltiplos elementos e em diversos aspectos. A análise cria conexões, ligações, pontes de comunicação. Evidencia qualidades, define ângulos de abordagem, institui olhares, sempre diferentes de outros.

Didaticamente falando, o trabalho flui com o ensino e adoção de procedimentos que caracterizam a etnografia. Conforme se constatou em todos os relatos analisados, para além da pesquisa bibliográfica ou de imagens na internet, alunos e professor podem coletar informações preciosas sobre o tema trabalhado por meio de observações, relatos, narrativas, entrevistas e questionários. O passo seguinte consiste em discutir os conteúdos presentes nos materiais reunidos, confrontando-os com as próprias experiências e buscando desvendar aqueles saberes que à primeira vista encontravam-se encobertos. A investigação etnográfica amplia as possibilidades de interagir com outras representações. A análise dos produtos culturais obtidos permite descortinar uma série de preconceitos que permeiam as práticas corporais e dificultam ou impedem a sua presença na escola ou em outras instâncias sociais. O acesso a outras modalidades de saber desafia o predomínio da estrutura monolítica do conhecimento acadêmico e conecta os resultados das experiências dos estudantes a questões sociopolíticas mais amplas, suscitando a vinculação entre o que se estuda na escola e a realidade comunitária.

A pedagogia cultural desatualiza o presente e coleta o vulgar e o trivial para examiná-los de outros ângulos, questionando tudo o que é dito para ultrapassar visões estereotipadas. Fundamentar-se nas teorias pós-críticas requer entender que as práticas corporais foram produzidas em um dado contexto sócio-histórico, com determinadas intenções, mas, com o passar do tempo, foram ressignificadas pelas relações travadas no seio da macroestrutura social. Daí a importância da etnografia tomada como atividade de ensino, pois empreenderá uma análise das razões que desencadearam as modificações do formato, dos participantes e dos significados de determinada prática corporal. Professor e estudantes passam a se perguntar de onde vieram aqueles conhecimentos, quem os validou e quais são as implicações e efeitos daquela forma de conceber a manifestação cultural.



## IDEIAS E NOÇÕES DE NATUREZA, EDUCAÇÃO, SAÚDE E EDUCAÇÃO FÍSICA- NOTAS PARA PESQUISA

Dra. Carmen Lúcia Soares  
Universidade Estadual de Campinas

### Introdução<sup>2</sup>

A professora e especialista em arte moderna dos séculos XIV a XVII, Nadaije Laneyrie-Dagen, logo nas primeiras páginas de seu livro “L’Invention de la nature”, nos interpela de maneira profunda ao indagar acerca das transformações que a natureza e os fenômenos a ela concernentes sofreram em uma longa duração. Em um certo sentido, ela nos faz pensar acerca da própria denominação que, pouco a pouco, se impõe para que se fale ou se escreva sobre a natureza, pois, indaga a autora:

Como a água tornou-se riacho, chuva ou onda? Como o ar, domínio do circuito eterno dos planetas e de Deus acompanhado de seus anjos, se faz lugar meteorológico percorrido de nuvens (cúmulos, nimbos...)? Como o fogo se metamorfoseou em chama e a terra em rocha onde os pés se machucam, ou, em lama onde eles se afundam? (LANEYRIE-DAGEN, 2008) p. 6, 7)

Num período em que a ciência moderna ainda não tinha nascido entre os séculos XIII e o início do século XVI, na ausência de uma nomenclatura mais apropriada, as manifestações da natureza, ou, os fenômenos naturais eram fixados pela arte da pintura. (Laneyrie-Dagen, 2008). Como escreveu o pintor Dührer<sup>3</sup> “[...] a medida da terra, da água e das estrelas se tornou inteligível graças à pintura e a representação pela pintura permitirá adquirir ainda mais conhecimentos.” Chegaria um momento, contudo, que a arte da pintura não seria mais suficiente para *narrar e explicar* os fenômenos naturais que, em certa medida, já começavam a ser pensados como potenciais instrumentos de cura e regeneração do corpo. Essa arte, assim como também a literatura e mais tarde a fotografia e o cinema, constituem vozes importantes para pensar os processos pelos quais foi possível compreender a natureza e seus elementos como possibilidades de educação, cura e regeneração do corpo. Foi necessário um extenso e intenso processo de criação e de transformação de noções e conceitos para que o mundo natural, conforme se refere Thomas, 2001, fosse reabilitado. Processo complexo e conflituoso, pois, contrapondo-se a crenças religiosas ou não, mobilizou pensamentos diversos conformando, a cada época, compreensões e proposições sobre a natureza, carregadas do tempo em que foram concebidas, vividas, exaltadas, esquecidas ou abandonadas. É desse modo que a natureza parece ser, a cada época, redescoberta, ou, mesmo inventada, pois,

<sup>2</sup> O texto aqui apresentado é parte do que foi publicado como capítulo intitulado “Três notas sobre natureza, educação do corpo e ordem urbana (1900-1940)”, em coletânea por mim organizada denominada *Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana*. Campinas-SP: Autores Associados, 2016. Esta coletânea é composta por mais 10 autores (nacionais e internacionais) que discutem o tema de uma possível educação pela e na natureza.

<sup>3</sup> O pequeno texto escrito pelo pintor alemão Albrecht Dürer, nascido em 1471 e falecido em 1528, encontra-se no projeto de prefácio para o livro de sua autoria: *Traité des proportions de l’homme*, escrito em 1512, In: LANEYRIE-DAGEN, N. 2008, página de abertura.



construção histórica.<sup>4</sup> Lenoble, num texto clássico escrito em 1969 tece, longamente, *uma história da ideia de natureza*, título da obra, que nos instiga a pensar como este conceito somente ganha sentido, ou, todo o sentido que pode comportar, na história. Isso porque, uma *ideia de natureza* exprime muito mais uma atitude dos seres humanos do que, propriamente, a passividade de uma realidade.

Em diferentes momentos da história, portanto, se podem apreender transformações mais profundas dessa atitude humana no que diz respeito ao mundo natural, seja pelas representações carregadas de simbolismo religioso, seja por aquelas fabricadas pela ciência, ou, ainda, pela simples relação direta dos seres humanos com a terra, as águas, o sol, as estrelas, a força dos ventos e das tempestades. A própria contemplação de um lugar é carregada daquilo que se sabe, que se pode saber, ou, ainda que se deseja saber, tal qual, são os usos que se fazem desse mesmo lugar “contemplado”. Como escreveu Corbin, 2001 a propósito da frequência de espaços na natureza, as razões desse gesto mudam com o tempo. Assim, [...] os ingleses que se banhavam no Canal da Mancha no século XVIII estavam voltados para um objetivo terapêutico. Eles apreciavam o frescor das águas e o açoite das ondas. Já em 1946, se ia às essas mesmas praias para se queimar sob o sol[...] (CORBIN, 2001, p. 16,17). Existem, assim, *naturezas* percebidas e vividas de acordo com o que é possível conhecer e conceber em cada período e, assim, fabricar representações e usos sempre cambiáveis e em movimento.

Thomas, 1988, em outro texto clássico, *O homem e o mundo natural*, vai afirmar que foi entre os anos de 1500 e 1800 que teria ocorrido transformações profundas [...] na maneira pela qual homens e mulheres, de todos os níveis sociais, percebiam e classificavam o mundo natural ao seu redor. [...] (THOMAS, 1988, p.19). Esse período marcaria, também o surgimento de novas sensibilidades<sup>5</sup> tanto em relação aos animais, quanto às plantas e, mais amplamente, à paisagem. Como escreveu Schama (1996, p.17), “[...] é evidente que o próprio ato de identificar (para não dizer fotografar) o local pressupõe nossa presença e, conosco, toda a pesada bagagem cultural que carregamos. Afinal, a natureza selvagem não demarca a si mesma, não se nomeia”.

Os mais de três séculos evocados por Thomas são, também, aqueles da formação de um pensamento desenvolvido sob os cânones da ciência moderna acerca da natureza e de seus elementos, um pensamento que se interessa sobre os fenômenos da natureza descrevendo-a e, sobretudo, fabricando variados instrumentos para sua observação, medida e usos. A definição do barômetro e a estabilização do termômetro são alguns exemplos de como esse desejo de medir para conhecer se afirmam e produzem uma forma inédita de apreço pela natureza e seus elementos, o que inclui, também, o apreço pela visita de lugares distantes, pelo espetáculo de uma paisagem. O século XVIII marca, de modo profundo, essa mudança de mentalidade, de atitude e acentua novos desejos de conquista do mundo natural onde arte e ciência

<sup>4</sup> Ver a esse respeito Robert LENOBLE, 1969, especialmente o cap.I da segunda parte; Jean VIARD, 1990; Frank BURBAGE, 1998; Olivier SIROST, 2009; Sylvain VILLARET, 2005; Keith THOMAS, 1988; Frank BURBAGE, 1998, entre outros.

<sup>5</sup> Sobre o tema da *sensibilidade na história* trabalhamos com Febvre, 1989, 2000, 2003; Corbin, 1887, 1994, 2000 e, particularmente com os estudos de Corbin sobre uma *história da sensibilidade em relação à natureza e seus elementos* tais como Corbin, 1988, 1991, 2005, 2001, 2013, 2013 a; Haroche, C. 2008; Barran J.P. [s.d.], entre outros.



caminham lado a lado em companhia da aventura, da imaginação e emolduram lugares, criam paisagens. Do traçado de um desenho, da composição de uma tela, ou, de uma narrativa literária, lugares e sentimentos configuram composições e fornecem indícios para definições e noções que uma ciência nascente registra. Dos mais altos picos das montanhas europeias visitados por montanhistas a serviço de pesquisadores e cientistas, ao uso das praias como procedimento terapêutico antes de ser divertimento, tem-se um percurso definido de infinitas transformações das atitudes dos seres humanos em relação à natureza. A prática de subir montanhas estava em acordo com a ideia, própria ao século das luzes, de libertá-las do domínio de Satã e submetê-las a precisos instrumentos de medida. Como observou Corbin, 2005 “os historiadores da cultura sensível ainda não destinaram a devida atenção à maneira pela qual a conquista do ar, a partir das explorações [científicas] renovaram de modo profundo a experiência sensível do espaço aéreo e permitiram uma gama inédita de emoções” (p. 21).

Do mesmo modo, a apreciação da paisagem é, neste período, bastante transformada, à medida que novos sentidos, para além da visão, são requeridos para este gesto que se tornou poli sensorial. É o século XVIII que vai permitir, portanto, uma maneira especial de discernimento sensorial e, assim, uma outra apreciação e atitude humanas em relação à paisagem, não mais submetida exclusivamente ao sentido da visão.

[...] o exemplo da praia vai muito mais além, pois, não se trata somente de apreciação do espaço pela visão, mas, pelos cinco sentidos, ou seja, pelo corpo inteiro [...] o contato da areia sob o pé nu, a cavalgada sobre as margens arenosas da praia, a união do corpo e da água em plena natureza, a experiência nova com o elemento líquido, o afrontamento com a onda, ao mesmo tempo em que se exalta a transparência, tudo isto faz com que a paisagem seja, rapidamente, associada a esta sinestesia [...] Ao fim do século XVIII, numerosos pesquisadores acreditavam na importância do diafragma, sede da emoção e da inquietude. Nesta perspectiva, as pessoas vem buscar na praia o afrontamento com a onda, o choque que contrai este órgão, modo de apreciar o espaço e a natureza que prepara a preocupação do corpo que vemos crescer ao longo do século XIX. (CORBIN, 2001, p. 17)

O ar, as águas do mar ou dos rios, o sol e seus majestosos raios, as montanhas e toda sinestesia da ascensão, ou, a simples exposição do corpo aos elementos da natureza, exercem um fascínio misturado ainda a novos receios sobre essa natureza bruta, enfim, reabilitada. O século XVIII é um tempo no qual se torna mais nítida essa reconciliação dos seres humanos com a natureza, e traços bem mais precisos dos usos de seus elementos em processos educativos, de cura e de regeneração do corpo se fazem presentes. Pode-se, então, aludir a pedagogias, ou seja, formas mais concretas de intervenção no corpo individual e social percebidas como salvaguarda, prevenção e, ao mesmo tempo, possibilidade de fabricação de novas sensibilidades. Este século tece uma narrativa bastante positiva da natureza e de seus elementos em que generosidade e benevolência lhes são valores acordados. Uma percepção mais aguda do que ela pode e do que ela representa não é mais assimilada à feiura e ao perigo, bem ao contrário, aquilo que se ressalta e se tenta provar também pelos cânones científicos, ao lado de uma estética própria das Luzes, é de que a natureza é fonte de beleza e êxtase (Villaret, 2005).



Estamos diante de uma redescoberta da natureza, de sua bondade tanto quanto de seus supostos valores educativos e regeneradores que nutrem uma reflexão sobre as relações que os seres humanos mantêm com seus semelhantes e com seu entorno. Um de seus efeitos, sem dúvida, é o de modificar as representações do mundo e da sociedade, assim como problematizar de modo profundo o distanciamento do ser humano com a *natureza* e *seus elementos*.

Traços dessa reabilitação e reinvenção da *natureza* já são encontrados ao longo dos três séculos evocados por Thomas, 2001, em especial, quando nos debruçamos sobre os possíveis benefícios de seus usos na *educação* de crianças e jovens. Pensadores renascentistas como Erasmo<sup>6</sup> louvam a natureza considerando que o contato com seus elementos faz nascer fragmentos de razão no coração das crianças. Alguns pedagogos cristãos vislumbram assim o papel determinante da *natureza* no equilíbrio moral, no desenvolvimento intelectual e, mais amplamente, naquilo que traz saúde à alma.<sup>7</sup> É assim que, na concepção jesuíta, a natureza ocupa significativo espaço na educação de crianças no século XVI, e, nos colégios da Ordem existentes nos países católicos em que estão inseridos, observamos a inclusão de jogos em que amplas ações corporais são requeridas, assim como é evocado o uso da recreação ativa, e de um conjunto de atividades ao ar livre como parte da educação<sup>8</sup>.

Do ponto de vista das curas e da regeneração do corpo pelos elementos da natureza, é ainda no século XVII que Robert Burton sugere a existência de um efeito terapêutico sobre a melancolia, a partir da exposição do corpo à beira mar<sup>9</sup>. Já o sol, teria que esperar a segunda metade do século XIX para ser considerado terapêutico. Nosso sentimento face ao sol e aos benefícios que se pode auferir de sua luz também tem variado no curso da história. Por muito tempo o sol suscitou desconfiança, receio, medo; por muito tempo, também esteve no coração de inúmeras táticas de distinção social<sup>10</sup>, engendradas em torno de sua ação. Seria necessário esperar a segunda metade do século XIX para reabilitar o sol como benéfico à saúde, à beleza e a educação de indivíduos. É com o advento e o desenvolvimento de uma medicina de corte higienista que uma exposição controlada do corpo ao sol, se torna um procedimento terapêutico, ao lado de uma compreensão de que o astro rei e seus raios luminosos são elementos purificadores do ambiente, inclusive, do ambiente escolar e, assim, central num ideário de vida ao ar livre que se consolida. Desse modo, o sol passa a ser, então, evocado como procedimento terapêutico indicado para a regeneração de organismos frágeis que povoarão as praias e as montanhas. (Corbin, 2013)

Para Corbin, 2005, uma história das sensibilidades se produz de modo muito estreito

<sup>6</sup> Esses traços poderiam ser encontrados de modo esparso e difuso na obra de Erasmo, (1ª.ed.1511), 2000; ver também Jacques Ulmann, 1987.

<sup>7</sup>[...] No seio do primeiro colégio jesuíta na França [...] as horas de trabalho dos alunos são assim progressivamente reduzidas entre 1556 e 1567 com a finalidade de oferecer aos alunos uma atividade corporal salutar e de preservar sua saúde [...] [com] jogos viris, corridas, jogos com bola [...], VILLARET, 2005, p. 11.

<sup>8</sup> Em pesquisa recente, JORGE; DALLABRIDA e VAZ estudaram, a partir de um extenso conjunto de fontes escritas e imagéticas, a atividade do piquenique em um colégio de formação jesuíta em Santa Catarina: o Colégio Catarinense e a pesquisa tem por título: **Vida na Natureza no Ginásio Santa Catarina (1906-1918): o Pic-Nic na Busca da Excitação**, 2012.

<sup>9</sup> Ver BURTON, Robert. **Anatomia da melancolia**. Curitiba: Editora da UFPR, 2011, 3v. Ver também as análises empreendidas por Corbin, 2005.

<sup>10</sup> Refiro-me aqui ao livro de BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: ZOUK, 2007.



pela relação dos seres humanos com os elementos da natureza, ou, mais amplamente, com as sensações produzidas por distintas experiências junto à determinada ideia sobre natureza. O romantismo, por exemplo, já na metade do século XVIII, reabilita ambientes naturais como o mar e as montanhas, fazendo deles lugares em que não mais prevaleça o medo e a desconfiança. Dos sentimentos de medo e de horror ao desconhecido que se mostrava o universo marítimo, as montanhas, ou, a força dos ventos, a potência de um raio, a exuberância dos sons de um trovão, ou, ainda, tudo o que representava o sol, compõem um conjunto de sensações e de percepções onde o corpo é central. Assim,

[...] O ritmo da marcha, os modos de vigilância, a textura do calçado devem ser considerados. Sentir a qualidade do solo participa da apreciação do espaço, pois, da construção da paisagem. O vento, a chuva, o granizo, a neve que vem roçar as partes desnudas do corpo, entram nesta elaboração; [...] Nós somos muito mais sensíveis hoje ao frio e à umidade que nossos ancestrais. O fato das mulheres terem tido a permissão desde fins do século XVIII de soltar os cabelos no momento do banho [...] e de atravessar a praia com os pés nus, constituiu para elas uma nova experiência no espaço público. Isto contribui para a elaboração de formas inéditas de apreciar o espaço. (CORBIN, 2001, p. 50)

Uma mescla de ciência e moral dos costumes ao longo de todo o século XVIII, permitiu experiências inéditas do corpo em relação aos elementos da natureza possibilitadas por uma ampla gama de pedagogias que se foram constituindo para dar-lhes consequência. Assim, não seria menor pensar em como a precisão científica foi transformando a percepção humana dos fenômenos naturais, possibilitando a criação de um apreço e mesmo um gosto pela natureza, congregando ambiguidades entre inquietude, otimismo e autonomia para perseguir, de maneira incessante, o sonho de uma impossível harmonia, sonho que buscava o melhor equilíbrio entre a sabedoria e as paixões, entre moral e política. (MAUZI, 1994).

Harmonia que foi largamente explorada por Jean-Jacques Rousseau, pensador que, no século XVIII, desenvolveu ideias e ideais acerca da natureza e de seus elementos como possibilidade na educação de crianças e de jovens. Filósofo das luzes, Rousseau foi o porta voz de uma concepção de natureza benevolente e de uma atitude semirreligiosa em relação a ela. Em seus escritos havia a certeza de uma disjunção entre os seres humanos e suas origens, ou seja, entre eles, a natureza e seus elementos. É no livro *Emílio ou da Educação* (1761), livro que se insere na tradição pedagógica de uma literatura consagrada ao corpo, e, a uma interação mais íntima com a natureza e seus elementos que Rousseau formaliza e estrutura seus argumentos em relação ao papel por ela desempenhado na formação humana. Rousseau formalizou suas proposições educativas tomando a *natureza* e seus *elementos* como guia e modelo, mas, distanciando-se de todo primitivismo. Os homens do século XVIII empenharam-se em recensar e medir a natureza em que viviam e em restaurar uma ideia de ser ela generosa, benéfica, um *lugar* de onde se pode extrair tudo, inclusive divertimento. As concepções desenvolvidas por Rousseau expressam uma compreensão de que a *natureza e seus elementos* educam os indivíduos curando-os de todos os males, sejam do corpo, sejam da alma.

Ao fim do século XVIII a sociedade ocidental experimenta, efetivamente, uma transformação ~~evolução~~ da sensibilidade no que diz respeito às relações entre os seres humanos e a natureza com seus elementos. Os rastros de uma ideia de natureza benevolente e



generosa, cara ao pensamento de Rousseau, podem ser percebidos, ainda, na aurora do século XX. No Brasil, particularmente nas capitais, ou, em cidades mais populosas, o ideário de vida ao ar livre, de naturezas domesticadas e inventadas pela nova ordem urbana se faz presente, misturando cura e divertimento, educação e saúde. Ao lado de parques e jardins públicos, de clubes e de associações recreativas e esportivas, a ainda incipiente escola pública também é alcançada por este ideário. Desde sua arquitetura que deve se deixar invadir pelos raios de sol até seu currículo, que se deve modificar para acolher jogos e exercícios feitos ao ar livre, vive-se novidades, disposições e atitudes inéditas em relação a uma natureza feita jardim que configura, pois, modos de educar e de curar, modos de sentir e de regenerar o corpo. Na aurora do século XX, educadores, cientistas, artistas, urbanistas e médicos contribuem para a configuração de um ideário de vida ao ar livre, no qual, o desejo de evadir-se em direção a uma natureza concebida como fonte de recuperação de energias perdidas e de regeneração é central. Ali, parece também nascer no caso brasileiro, uma cultura do veraneio<sup>11</sup> e das viagens de férias, uma exortação aos cuidados com o corpo, uma insistência na necessidade de uma Educação Física ao ar livre na nascente escola republicana<sup>12</sup>.

A partir desses referências acerca das ideias de natureza e das atitudes humanas em relação à natureza e seus elementos é que delimitamos nosso projeto desenvolvido entre 2009 e 2013 na cidade de São Paulo nas 4 primeiras décadas do século XX, pois, é naquele momento em que esse ideário de vida ao ar livre se desenvolve ao lado da nova ordem urbana em ascensão. Nossas fontes de pesquisas forma constituídas entre documentos oficiais como leis, decretos, anais de congressos de higiene e de educação, congressos de eugenia, assim como boletins de higiene mental e boletins médicos e pedagógicos diversos. Trabalhamos, ainda, com a imprensa onde inventariamos reportagens, notas, colunas e imagens de diferentes jornais paulistanos, assim como revistas científicas do campo da EF/Esporte e Educação. Completa esse conjunto de fontes, revistas de divulgação como A Cigarra, Via e Saúde. Nesse conjunto de fontes constituído analisamos, também, as imagens que expressavam conteúdo correlato ao nosso tema e que podem ser tanto fotografias quanto pinturas.

Para concluir

A partir de nossas pesquisas e do pequeno recorte feito aqui para essa exposição, podemos pensar que aqueles que evocam e proclamam a *vida ao ar livre* podem ser tanto amantes dos esportes, turistas, pintores, naturistas, escoteiros, exploradores, curistas, tuberculosos, escolares em colônias de férias, caçadores, pescadores, caminhantes de domingo. São, também, médicos e professores, instrutores de ginástica, mães. E se a estafa mental era produzida pelo excesso de atividade intelectual nas escolas, uma nova educação é

<sup>11</sup> Ver especialmente SCHOSSLER, Joana Carolina, 2013.

<sup>12</sup> A respeito das viagens de férias ver, o clássico de BOYER, Marc, 2000; ver também, Daniele C. de MEDEIROS, D. C. C e Carmen Lucia SOARES, 2014, v. 1. p. 207-210; Daniele C. de MEDEIROS, D. C. C e Carmen Lucia SOARES, 2013, v. 1. p. 303-314; Daniele C. de MEDEIROS, D. C. C e Carmen Lúcia SOARES, (no prelo), 2015; MARRICHI, Jussara, 2009; 2012; 2015.





evocada e ganha lugar o tempo do recreio, assim como aquele de uma *educação física* escolar desenvolvida, preferencialmente, ao ar livre<sup>13</sup>.

Objeto de nosso interesse de pesquisa há mais de uma década<sup>14</sup>, a temática da *natureza* e de seus elementos como possibilidades educativas e regenerativas pode ser amplamente tratada e recortada em instigantes delimitações e, parte delas, vêm inspirando nosso percurso e incursão no tema e foram aqui citadas ao longo deste texto. O pressuposto que desenvolvemos aqui percebe a *natureza* constantemente redesenhada e destes novos desenhos é que surge a evocação da *vida ao ar livre* como parte da educação e como necessidade na prevenção e manutenção da saúde. Distante da *natureza rude* do Brasil rural, aquela que é fabricada pela nova ordem urbana fornece indicativos importantes sobre o funcionamento da cidade, no sentido amplo desse termo e, ainda, sobre as transformações históricas das próprias noções, ideias e conceitos de *natureza* em sua relação com a educação, o corpo e a saúde.

Parece certo que o advento da *vida ao ar livre*, dos benefícios auferidos pela *natureza e seus elementos* é indissociável da expansão das grandes cidades e metrópoles urbanas. Como analisou Walter Benjamin (2007) em relação as cidades europeias, a herborização seria, antes de tudo, um reflexo daquele que vive a cidade, pois, este espaço novo das grandes cidades predispõe os seres humanos à contemplação. Outros observadores sociais como Georg Simmel (2007) mostram também como a vida na cidade modifica as referências sensoriais, opondo a profusão incessante de imagens e de ambientes ao caráter supostamente imutável e estável da vida no campo. A cidade que cresce impondo também uma nova ordem sensorial como indica Simmel (2007), sem dúvida elabora, inventa, fabrica novas relações dos indivíduos com o seu meio, criando assim, essa outra *natureza* (SIROST, 2007). Contudo, talvez fosse importante se debruçar sobre as muitas e diversas práticas ingênuas, espontâneas e banais realizadas junto à natureza onde se misturavam alegria e atrevimento, sentimentos esses vividos por crianças e adultos que, de alguma maneira, permaneciam à margem dos cânones higienistas vigentes. Seguir esses rastros, talvez permita a compreensão dos muitos modos de como a *vida ao ar livre* e os e os *divertimentos* em meio a uma *natureza* não totalmente dominada, puderam existir.

#### Referências

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

BOYER, Marc. **Histoire de l'invention du tourisme- XVIè-XIXè siècles**. Gémenons: Editios de l'Aube, 2000.

<sup>13</sup> Ver a respeito nas análises feitas por VAGO, T. M. e FARIA FILHO, L. M. p. 131. In: VIDAL, D.G.; HILSDORF, M.L.S. (Org.), 2001, v.1, p. 117-136.

<sup>14</sup> Nossa incursão neste tema data de 2001 e as primeiras publicações ocorreram respectivamente em 2002, 2003 e 2004. Este tema também vem sendo objeto de interesse de nosso trabalho de orientação que, a partir de diferentes recortes geográficos, trata das relações entre corpo, natureza e ordem urbana entre fins do século XIX e início de século XX como: Danailof, 2006; Siqueira, 2003; Dalbén 2009 e 2014; Marcelo Moraes e Silva 2011; Douglas da Cunha Dias 2014; Medeiros, 2012 e 2014; Motta, 2012. |



BURBAGE, Frank. **La nature**: textes choisis. Paris: Flammarion, 1998.

BURTON, Robert. **A Anatomia da Melancolia**. (1ª ed. 1621 ) Curitiba: Editora da UFPR, 2011, 3 v.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP ; Porto Alegre : ZOUK, 2007.

CORBIN, Alain. **Le territoire du vide**: l'Occident et le désir de rivage (1750-1840). Paris: Aubier,1988. Tradução brasileira: *Território do vazio*. São Paulo, Companhia das Letras.

\_\_\_\_\_. **Le ciel et la mer**. Pour une histoire de la sensibilité au temps qu'il fait. Paris: Bayard, 2005.

\_\_\_\_\_. **L'Homme dans le paysage**. Paris: Textuel, 2001.

\_\_\_\_\_. **La pluie, le soleil et le vent** : une histoire de la sensibilité au temps qu'il fait. Paris : Aubier, 2013.

\_\_\_\_\_. **La douceur de l'ombre** - L'arbre, source d'émotions, de l'Antiquité à nos jours. Paris: Fayard, 2013a.

DALBEN, André. **Mais do que energia, uma aventura do corpo**: as colônias de férias escolares na América do Sul (1882-1950), Tese-Doutorado, Campinas, Programa de Pós-Graduação em Educação- Universidade Estadual de Campinas, 2014 (FAPESP).

DALBEN, André. **Educação do corpo e vida ao ar livre**: natureza e educação física em São Paulo (1930-1940), Dissertação de Mestrado, Campinas, Programa de Pós-Graduação em Educação Física- Universidade Estadual de Campinas, 2009 (FAPESP).

\_\_\_\_\_; SOARES, Carmen Lúcia. Uma educação pela natureza: vida ao ar livre e métodos terapêuticos nas colônias de férias infantis do Estado de São Paulo. **Pro-Posições**, v. 22, p. 167-182, 2011.

DANAIOLOF, Katia. Crianças na trama urbana: as práticas corporais nos Parques Infantis da São Paulo dos anos de 1930". **Tese (Doutorado em Educação)** – Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

DIAS, Douglas da Cunha. Quem te margeia conta de ti: a educação do corpo na Belém do Grão-Pará (de 1855 à década de 1920). **Tese (Doutorado em Educação)** – Campinas, Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas, 2014.

FEBVRE, Lucien. O Reno. **História, mitos e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

\_\_\_\_\_. **Combates pela história**. 3ª, Lisboa: Editora Presença, 1989.



JORGE, T. P. ; DALLABRIDA, N. ; VAZ, A. F. Vida na Natureza no Ginásio Santa Catarina (1906-1918): o Pic-Nic na Busca da Excitação. In: 2º Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações - Florianópolis - SC Brasil, 2012; **Anais: 2º Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações v.1. p.2123-2143. (CD) ISSN 2178-5112**

GLEYSE, Jacques ; SOARES, Carmen Lúcia ; DALBEN, André. L'oeuvre de Georges Hébert au Brésil et en France dans les écrits sur l'Education physique. Deux facettes de la nature (1909-1957) ?. **Sport History Review**, v. 45, p. 171-199, 2014

LANEYRIE-DAGEN, Nadeije. **L'invention de la nature**: les quatre éléments à la Renaissance ou le peintre premier savant. Paris: Flammarion, 2008.

LENOBLE, Robert. **Histoire de l'idée de Nature**. Paris : Albin Michel, 1969 ;

MARRICHI, J. M. O. . Memórias Médicas sobre as águas termais brasileiras e européias entre 1902 e 1950: relatos de viagem e apropriação do meio natural. **Revista de História da UEG**, v. 1, p. 41-62, 2012.

\_\_\_\_\_. **A cidade termal**: ciencia das aguas e sociabilidade moderna entre 1839 a 1931. 2009. 157 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.UniversidadeEstadualdeCampinas.br/document/?code=000449997>>. Acesso em: 17 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **A invenção da vilegiatura nas cidades de águas brasileiras**: alegria e prazer na criação de um novo tempo. 2015. Tese (Doutorado)- Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

MAUZI, Robert. **L'idée du bonheur dans la littérature et la pensée françaises au XVIIIe siècle**. Paris : Michel Albin Editeur, 1994.

MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro de. "Por que procuras a natureza?" A educação do corpo e as viagens de férias às estâncias hidrominerais (1930-1940). **Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Educação Física)** Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2012.

MEDEIROS, D. C. C. As publicações médicas e as estâncias hidrominerais (1930-1940): o incentivo médico ao contato com a natureza. **I Simpósio de Hidrologia Médica, Águas Termais, Minerais e Naturais de Poços de Caldas**. Poços de Caldas, nov, 2014.

MEDEIROS, D. C. C. ; SOARES, C. L. . Nature and Body Regeneration : the Vacation Trips and the Thermal Springs. In: **XIII Congress of the International Society for the History of Physical Education and Sport and XII Brazilian Congress for the History of Physical Education and Sport**, 2013, Rio de Janeiro. Esporte e Educação Física ao Redor do Mundo: Passado, Presente e Futuro. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2013. v. 1. p. 303-314.



\_\_\_\_\_. Entre a cura e o divertimento: as viagens de férias junto à natureza (Brasil 1930-1940). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 2016. v. 38, p. 213-219, 2016.

MOTA, Stephanie Rezende da. Dar à Luz um jardim: a natureza e a educação do corpo em Sao Paulo (1890-1930). **Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura Em Educação Física)** Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2012.

PINTO, F. M. ; BASSANI, J. J. ; VAZ, A. F. Sentidos das práticas corporais fora da escola para alunos dos anos iniciais do ensino funda mental. **Revista Brasileira Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 4, p. 909-923, out./dez. 2012.

QUITZAU, E. A.; SOARES, C. L. . A força da juventude garante o futuro de um povo: a educação do corpo no Sport Club Germânia (1899-1913). **Movimento (UFRGS. Impresso)**, v. 16, p. 87-106, 2010.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emilio ou da Educação** (1761). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

\_\_\_\_\_. **Discurso sobre a origem e fundamentos da desigualdade entre os homens**. Mira-Cintra: Europa-América, 1976.

ROCHA, Heloisa Pimenta. **A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo**. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras; FAPESP, 2003.

ROTerdão, Erasmo. **Elogio da Loucura**. São Paulo: Martins Fontes (1<sup>a</sup>.ed.1511), 2000.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHOSSLER Joana Carolina. **História do veraneio no Rio Grande do Sul**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

SILVA, Marcelo Moraes e. Novos modos de olhar, outras maneiras de se comportar: a emergencia do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba (1899-1919). **Tese (Doutorado em Educação)** – Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2011.

SIROST, Olivier. **La vie au grand air: Aventures du corps et évasions vers la nature**. Nancy: PUN, 2009.

SIMMEL, Georg. **Les grandes villes et la vie de l'esprit**, Paris: L'Herme, 2007.

SIQUEIRA, Sandra Aparecida. Campinas: seus corpos, suas águas (práticas corporais aquáticas no início do século XX). **Dissertação (Mestrado em Educação)** - Universidade Estadual de Campinas, 2009.



SOARES, C. L.. Três notas sobre natureza, educação do corpo e ordem urbana (1900-1940).  
**Uma educação pela natureza:** a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana. 1ed.Campinas-  
SP: Autores Associados, 2016, v. 0, p. 09-45.



## EDUCAR LOS CUERPOS CIENTÍFICAMENTE: SALUD, HIGIENE Y NATURALEZA EN IMÁGENES DE CINE DOCUMENTAL INFORMATIVO

Dr. Eduardo Galak  
Universidad Nacional de La Plata - Argentina

Los puntos de partida

Quisiera comenzar por realizar algunas consideraciones iniciales que estructuran las líneas que a continuación se exponen. La primera consiste en encuadrar este texto en el marco de dos proyectos actualmente en desarrollo: por un lado, la investigación individual “Discursos políticos, sentidos estéticos y retóricas científicas sobre la educación del cuerpo y la formación de subjetividades entre 1924 y 1955”, financiada por el Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET, Argentina), y, por el otro, la indagación colectiva titulada “Sentidos sobre educação do corpo no Brasil e na Argentina: artefatos culturais e biopolítica”, con apoyo de la Universidade Federal de Espírito Santo y realizada conjuntamente entre el Laboratório de Estudos em Educação Física (LESEF/UFES) y la Maestría en Educación Corporal de la Universidad Nacional de La Plata (UNLP). Esta intervención se propone desplegar uno de los aspectos centrales de dichos proyectos, como es el estudio de los modos de curricularización de la vida *por fuera de los muros escolares* a través de diversos artefactos culturales: en este caso particular se observan imágenes de cine documental informativo entre 1938 y 1955. Las razones del inicio de este recorte temporal se deben principalmente a que se analiza un género específico, como son los noticieros cinematográficos, y dentro de éstos al más representativo por aquellos años, los “Sucesos Argentinos”, que comenzaron el 26 de agosto de 1938. En tanto que el cierre del período se debe a que en 1955 se produce el derrocamiento de Juan Domingo Perón de la presidencia, y con ello se interrumpe un mecanismo de fuerte incentivo oficial a la producción nacional de noticias filmadas, se ralentiza el fomento a su exhibición obligatoria en todas las salas del país y merma un proceso que había constituido la “salida al cine” como fenómeno no solamente masivo, sino también popular.<sup>15</sup>

En esta presentación se exploran imágenes en estos noticieros cinematográficos que cumplan con dos cuestiones: que tengan un énfasis en la educación de los cuerpos y que utilicen lo científico como retórica legitimadora de las prácticas que se exhiben. Dentro del conjunto de fotogramas que se analizan sobresalen filmaciones que en general refieren a la Educación Física y al rol del Estado en lo escolar, con estudiantes secundarios, frente a las colonias de vacaciones o través de instituciones públicas de asistencialismo.

Antes de pasar al análisis de las imágenes en movimiento propiamente dichas quisiera esbozar dos aclaraciones más. Por un lado, que decir “científico” en el contexto de la

---

<sup>15</sup> Para profundizar sobre las relaciones entre la cinematografía y el Estado argentino se recomienda la lectura de *Imágenes del mundo histórico. Identidades y representaciones en el noticiero y el documental en el cine mudo argentino* de Irene Marrone (Buenos Aires: Biblos, 2003). En tanto que para pensar el contexto de las primeras presidencias de Juan Domingo Perón se propone seguir las interpretaciones de Clara Kriger en *Cine y peronismo: el Estado en escena* (Siglo XXI: Buenos Aires, 2009).



educación del cuerpo de segundo cuarto del siglo XX significa referir principalmente a la higiene y a la salud. Dicho de otro modo, cuando se reflexiona sobre sentidos de ciencia para pedagogizar las subjetividades se distinguen discursos que apuntan a tomar al cuerpo como su objeto, y mediante este movimiento sumirlos (a los cuerpos, pero también con ello a las subjetividades) a un interés-utilitario externo, generalmente ligado a una voluntad colectiva. De allí que no sea casual que en este período se materialice la máxima que indica que el fortalecimiento de los músculos deviene en el perfeccionamiento de la raza o en el mejoramiento de la patria. A su vez, como contracara del mismo proceso, la utilización de argumentaciones “higiénicas” y de “salubridad pública” para la educación del cuerpo en general y para la Educación Física en particular possibilitó construir una retórica legitimadora acerca de por qué es *necesario* moverse, ampliando los horizontes discursivos y con ello dejar de ser pensada sólo como mandato moral externo (obligación) y comenzar también a reproducirse como precepto incorporado (responsabilidad).<sup>16</sup>

Lo cual nos lleva, por el otro lado, a la última de las aclaraciones, que es acerca de la tercera palabra clave del subtítulo: la naturaleza. La pensamos a partir de dos significaciones: aquellos sentidos de “naturaleza” que aparecen en los micros filmicos analizados y fundamentalmente acerca de lo que puede denominarse como los efectos de naturalización,<sup>17</sup> es decir, repensar los modos de incorporación de prácticas, saberes y discursos a través de las imágenes en movimiento documentales. Justamente, si seguimos a Marx con su aserción de que la naturalización es el olvido de toda historia, tal como retomó Pierre Bourdieu para argumentar que los *habitus* son la historia social hecha cuerpo, entonces la tarea de estas palabras consiste en recordar la historia que hemos incorporado, no para develar su verdad, sino para interpelar los procesos por los cuales se tornó verdadera.

Nudo (o clímax)

La hipótesis que guía estas líneas es que los cuerpos “educados” –o “correctos”, al decir de Georges Vigarello<sup>18</sup>– son aquellos que respetan el criterio científico higienista dominante, el cual reduce la subjetividad a cierto mandato moral-colectivo, interpretando al cuerpo como natural y a la incorporación de estos sentidos como tarea de su educación.

Con este telón de fondo es posible percibir que el objeto de estos párrafos es interpelar los modos en que el principal noticiero cinematográfico argentino reprodujo sentidos sobre los cuerpos educados, y con ello pretendió educar los cuerpos.

De las aproximadamente 150 horas de “Sucesos Argentinos” producidas en esas casi dos décadas,<sup>19</sup> se recortaron para este estudio una serie de noticias filmadas que muestran que

<sup>16</sup> Esta afirmación puede ser rastreada *Educación de los cuerpos al servicio de la política. Cultura física, higienismo, raza y eugenesia en Argentina y Brasil* (Galak, Buenos Aires: UNDAV Ediciones-Biblos, 2016).

<sup>17</sup> A fin de cuentas, como sostiene Jacques Derrida en *Dar (el) tiempo*, “no hay ninguna naturaleza, sólo existen los efectos de la naturaleza: la desnaturalización o la naturalización” (*apud* Judith Butler: *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós, 2002).

<sup>18</sup> Vigarello, Georges: *Corregir el cuerpo. Historia de un poder pedagógico*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2001.

<sup>19</sup> Por vicisitudes políticas, incompetencia archivística e idiosincrasia nacional desapreció más del 90% del cine mudo y casi el 50% del sonoro argentino. Los noticieros cinematográficos no fueron la excepción, sino todo lo contrario. En lo que respecta a los “Sucesos Argentinos”, en el período analizado se editaron 874 micros filmicos, aproximadamente unas 150 horas de filmación, de las cuales entre todos los acervos relevados se observaron las



en el cruce entre educación del cuerpo y ciencia emergen especialmente discursos sobre salud e higienismo teñidos de moralidad, siendo responsabilidad de los sujetos la ejercitación física o el cuidado de sí, y obligación del Estado velar por las mismas. En efecto, en estos noticieros cinematográficos entre 1938 y 1955 aparecen desde una entrevista al Director General de Educación Física, hasta la revisión médica de estudiantes secundarios, pasando por notas en las que se observa el rol estatal frente a las colonias de vacaciones o al conjunto de políticas públicas sobre cultura física desplegadas por el peronismo. Apenas como mención, resultan sugestivos los intertítulos de algunos de los principales micros filmicos: “Formando las nuevas generaciones”, “La vida es un don precioso” o “Los niños, los únicos privilegiados”. A su vez, en los discursos de los locutores que acompañan las imágenes pueden encontrarse recurrentemente palabras como eficiencia, seguridad, cuidado, felicidad, vida sana, organización, higiene, racional y nutrición, entre otras, todas ellas amparadas en un *deber ser* naturalizado.

Teniendo en cuenta que los discursos audiovisuales de estas imágenes en movimiento exceden las posibilidades de este texto, se esgrimen algunas preguntas que marcan el camino de este estudio: ¿cuál es el sentido de mostrar el dinamismo de prácticas corporales en la pasividad de las salas de cinema? ¿Cómo se construye un modo de ver el movimiento de actividades físicas en las imágenes en movimiento? ¿Qué es lo teórico y qué lo práctico de la Educación Física? ¿Por qué el Estado se hace cargo de la pedagogización institucionalizada de los cuerpos? ¿Qué es lo científico que toma por objeto la educación de los cuerpos? ¿Cuál ciencia es “la” ciencia? De modo análogo, ¿cuál salud es científica?, ¿cuál higiene?

#### Desenlace

Se desprende de lo observado que los procesos de escolarización, en especial aquellos que toman al cuerpo como su objeto, están atravesados directamente por retóricas científicistas, y que a su vez estos procesos de escolarización tiñen otros ámbitos, no necesariamente ligados a lo que ocurre dentro de los muros escolares, e incluso aquellos que ni siquiera están dedicados a la educación, sino más bien a otros ámbitos sociales, como el asistencialismo o el trabajo.

Quisiera cerrar con una afirmación que las imágenes analizadas proyectan: es posible identificar que el cine documental informativo funciona como parte de un proceso de escolarización que excede los muros escolares, y con ello es posible considerar que lo curricular atraviesa nuestras vidas, incluso en el modo de percibir las cosas. Dicho de otro modo, si como se afirmó en investigaciones anteriores,<sup>20</sup> los noticieros cinematográficos no solamente permitieron mostrar cuerpos educados, sino también educar los cuerpos mediante su mostración, es posible concluir esta presentación afirmando que las imágenes no sólo

---

dos terceras partes que forman parte del patrimonio de estos archivos. Cabe señalar que a esta dificultad se le agregan otras dos: a la casi nula catalogación del material se le agrega que la gran mayoría de los documentos audiovisuales de este noticiero en el Museo del Cine no disponen del correspondiente sonido, que por aquél entonces se registraba en una cinta paralela.

<sup>20</sup> Galak, Eduardo. “Educar (con) la mirada. Discursos políticos y sentidos estéticos sobre la cultura física en noticieros cinematográficos”, texto galardonado con el “Premio Gregorio Weinberg a la Investigación en Historia de la Educación, la Ciencia y la Cultura Latinoamericanas”, Organización de Estados Iberoamericanos, 2017.





educaron con la mirada, sino que a su vez educaron *la* mirada. Lo cual significa que la proyección de una misma imagen (un mismo noticiero cinematográfico) en todas las salas de cinema del país, gracias a una reproductibilidad técnica, permitió una reproducción política simultáneamente de un mismo mensaje, para toda la población, funcionando como homogeneización (y naturalización) de los modos de percibir las cosas.



## Comunicações Orais

### **SITTING VOLLEYBALL AMONG BRAZILIAN AND IRANIAN TEAMS: IN POINT OF VIEW NEWELL'S CONSTRAINTS THEORY**

Shirko Ahmadi, Marco Carlos Uchida, Gustavo Luiz Gutierrez  
Faculty of Physical Education (FEF) - Universidade Estadual de Campinas

Sport for the disabled has developed rapidly in recent years. This is related to the disabled coming out of social isolation. There are more and more such people, as they include not only people born with disabilities, but also many victims of traffic accidents and war conflicts (WIECZOREK, 2007). Sitting volleyball is a sport developed for athletes with lower extremity impairment (e.g. amputations, disabling joint injuries or conditions, limb weakness) (HAYRIEN et. Al, 2006). Sitting volleyball was established in the Netherlands in 1956 and adopted as an official sport in the Paralympic games in 1980 (Akasaka and et al. 2003), in the same year Sitting volleyball has been formed in Iran. Nowadays about 400 men's teams and 60 women's teams and also totally about 5,000 Iranian athletes are active in sitting volleyball ([www.paralympic.ir](http://www.paralympic.ir)). On the other hand, Sitting volleyball in Brazil is new but the growth rate of this sport was more than every countries; as far as, according World ParaVolley in rolling World Men Ranking of Sitting Volleyball, Iran and Brazil are the first and second teams respectively ([worldparavolley.org](http://worldparavolley.org), 2016).

Newell's model which has three different domains that affect motor movements and how they are displayed by an organism. Each domain involves constraints that will encourage some movements but restrict others. Individual Constraints which it is in two ways: Structural (related to the body's structure) and Functional (related to one's behavioral function), Environmental Constraints (a constraint from outside of the body, the world around us) and Task Constraints (constraints related to outside of the body, a specific task or skill). This model used more in field of human's motor development and for first time we want to use this model in disabled athletes. It is important to point that, this study will be in point of view Newell's model and our try will be to study all of dimensions in both of the sitting volleyball teams.

*Objective:* assessment and comparison of Iranian and Brazilian sitting volleyball teams according to the Newell's constraints theory.

*Methods:* This study will be including three collecting data processes; firstly, for Individual Constraints players will participate in six field tests: 3 and 5 m sprint tests, a chest pass test, a T-test (modification of Sassi et al., 2009), a speed & agility test (own concept), and a speed & endurance test. Additionally, anthropometric variables of athletes will be measuring: BMI, height in the position to block and spike, and arm reach. All three measurements will be performance using a measuring tape. Height in the position to block (two hands elevated to the top) will be measuring in a sitting position facing a gate pole, from the ground to the highest part of hands. Height in the position to spike (one hand elevated) will be measuring in the same set, from the ground to the highest part of a hand (Marszalek et. al, 2015). Secondly, for Environmental Constraints we will use WHOQOL BREF questionnaire to have data about

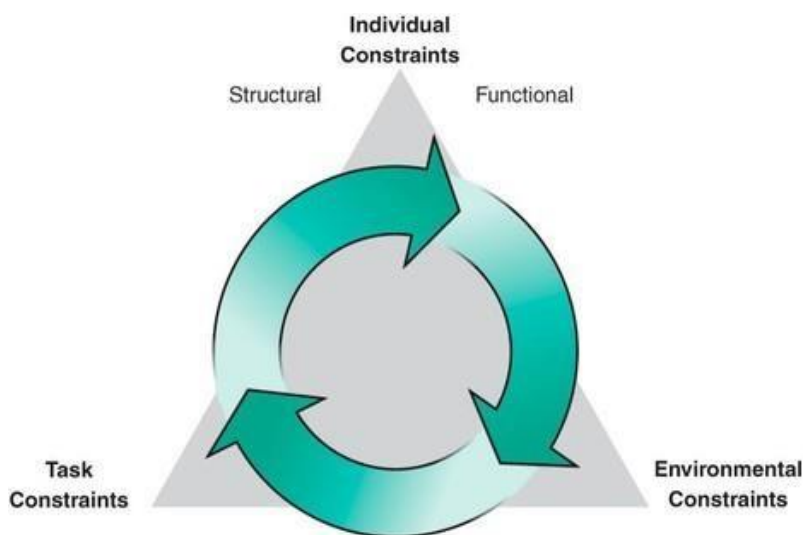


players' quality of life (De Young,1983). Finally, for Task Constraints we will do an individual interview with their coaches about how they training together. In collecting data process we will have national team players of both countries or another players in the same level (league players) and also for their coaches too. As the number of each sitting volleyball team is about 11 players in championships, we will have approximately same number subjects for each team in our study.

After collecting data will input them into Microsoft Excel spreadsheets and scoring according to Pedroso et al (Pedroso et al, 2010).

In this study all statistical analyses will be perform with the use of IBM SPSS Statistics 22. The Shapiro-Wilk test will be using to verify normal distribution, following by one-way ANOVA and a post-hoc test to analyze significance. The relationship between domains will be evaluating by using the Pearson correlation coefficient. The data will present as means and standard deviation.

*Key words:* Sitting volleyball, Newell's Constraints theory, Iranian and Brazilian teams.



© 2009 Human Kinetics

Newell's Constraints model



## EDUCAÇÃO FÍSICA E FILOSOFIA DA LINGUAGEM: POSSÍVEIS ARTICULAÇÕES<sup>1</sup>

Allan Delmiro Barros, Livia Tenorio Brasileiro  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física UPE- UFPB

Reconhecendo que a Educação Física está localizada, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (BRASIL, 2000), no âmbito das Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, e, mais recentemente, na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), a pesquisa problematiza como se constituíram (e se constituem) as possibilidades de articulações da Linguagem na área de Educação Física alinhadas com a Filosofia da Linguagem, apresentando como objetivo geral: compreender as possíveis articulações existentes entre Educação Física e Filosofia da Linguagem. E, em suas especificidades, aproximar as reflexões existentes entre Educação Física e Linguagem, face ao exposto pela revisão sistemática; expor as categorias empíricas que suscitaram após (e durante) leituras-diálogos textuais entre filósofos\pensadores e as produções da Educação Física – artigos, dissertações, teses; compreender como a Filosofia da Linguagem pode contribuir para a área de Educação Física no contexto da Linguagem. O presente estudo trata de uma pesquisa bibliográfica, com leitura analítica em referências clássicas da filosofia que tomam a linguagem como categoria de construção conceitual, por reconhecer que filósofos como Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Ockham, Descartes, Locke, Sapir-Whorf, Pierce, Frege, Saussure, Russell, Wittgenstein, Austin, Heidegger, Foucault, Merleau-Ponty, Bakhtin se destacam como os principais percussores no sentido de elucidar uma possível compreensão para os estudos sobre Linguagem em diálogo com a Educação Física. A linguagem é fonte de curiosidade desde as primevas investidas no oriente pelos hindus (FIORIN, 2003), passando pela filosofia ocidental da antiguidade grega, até os dias atuais. É entendida como o ramo do conhecimento que “agrupa um tipo de investigação filosófica que vai desde investigações acerca da linguagem propriamente dita até investigações filosóficas em geral que utilizam a análise da linguagem como ferramenta” (RODRIGUES FILHO, 2009, p. 2). De acordo com o supracitado, é a Filosofia da Linguagem que possibilitará compreender a linguagem não apenas como modo de comunicação que, face à literatura, sempre foi o ponto-chave na atuação da linguagem direcionada para/na comunicação e sua interação social (MARCONDES, 2010), mas também como possibilidade de ação, poder, emoção, entremeados aos contextos do ser humano simbólico em seus sentidos e significados histórico-socioculturais. Segundo Barros (2017), as possibilidades de articulações das categorias empíricas entre filósofos\pensadores e as produções da educação física perpassa pelos filósofos Aristóteles, Locke, Sapir-Whorf, Merleau-Ponty, Bakhtin que estão dialogando ao entendimento de Linguagem como Comunicação; para a correlação entre Linguagem e Ação têm-se os filósofos Austin, Peirce, Bakhtin; é em Foucault que a relação Linguagem e Poder terá alicerces; com os filósofos de Sapir-Whorf e Merleau-Ponty têm-se a relação entre Linguagem e Emoção; filósofos como Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Ockham, Port-Royal, Locke, Sapir-Whorf, Peirce, Frege, Saussure, Russell Wittgenstein, Merleau-Ponty, Bakhtin darão suporte para o entendimento da Linguagem como contexto Simbólico em seus Sentidos e Significados. Segundo Barros (2017) a linguagem é/está



permeada de configurações plurais e com potencialidades diversas para entender que a emoção, o poder, a ação, os códigos e suas simbologias, o contexto histórico-cultural fazem parte da nuance que entremeia a linguagem do ser humano com/no/para o mundo, e é a Filosofia da Linguagem que possibilitará possíveis articulações, consistentes e coerentes, entre Linguagem e Educação Física.

BARROS, A. D. **Aproximações conceituais sobre linguagem na área de educação física**. 2017. 170 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física, Recife, 2017.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria do Ensino Médio. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio**. Brasília, 2000.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. FIORIN, J. L. **Introdução à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2003.

MARCONDES, D. **Textos básicos de linguagem: de Platão a Foucault**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

RODRIGUES FILHO, A. Frege e a filosofia da linguagem. *In*: AULA INAUGURAL DO CURSO DE FILOSOFIA DA UFSJ, 2009, São João Del Rei. **Aula Magna**. São João Del Rei: UFSJ, 2009. Disponível em: <[http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/Vertentes\\_33/abilio\\_rodrigues.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/Vertentes_33/abilio_rodrigues.pdf)>. Acesso em: 25 mar. 2016.

<sup>1</sup> Recorte do estudo de Mestrado de Barros (2017) no PAGED UPE/UFPB, com financiamento da CAPES.



## **A INFLUÊNCIA DO LAZER NA REINserÇÃO SOCIAL DE ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI**

Dayane F. L. Trentin, Silvia C. F. Amaral

Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas

Este estudo tem por objetivo identificar se o desenvolvimento de práticas corporais de lazer no contexto de Instituições de Atendimento Socioeducativo influencia o processo de reinserção social de adolescentes autores de ato ilícito e, em caso afirmativo, em que sentido esta influência ocorre. O tema se faz relevante devido à recorrente demanda no sistema social-jurídico brasileiro em relação à redução da maioridade penal, delineada pela Proposta de Emenda à Constituição nº 171/1993 e que voltou a chamar a atenção da sociedade no ano de 2015, com a aprovação da mesma na Câmara de Deputados. Entende-se que tal redução, nos termos apresentados, contraria o processo legal definido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e pelo Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo para a reinserção social de adolescentes infratores. Percebe-se a necessidade de estudos e propostas de alternativas a esta medida quanto ao combate à violência, uma vez que “dos 21 milhões de adolescentes brasileiros, apenas 0,01% cometeu atos contra a vida” enquanto que “o Brasil é o segundo país no mundo em número absoluto de homicídios de adolescentes” (UNICEF, 2015). Assim, propõe-se pensar sobre como o lazer – entendido por Mascarenhas (2000: 17) como “tempo e espaço para o exercício da cidadania e prática da liberdade” – pode influenciar na reintegração social destes indivíduos, contribuindo com o desenvolvimento da personalidade, senso crítico e autopercepção enquanto cidadão.

A pesquisa foi estruturada em três etapas: inicialmente, fez-se uma pesquisa de revisão bibliográfica, a fim de identificar artigos e outras revisões que embasassem teoricamente o pressuposto inicial. O segundo passo foi a realização de entrevistas com indivíduos que, de alguma forma, tivessem experiências dentro do processo de reinserção social e do âmbito das medidas socioeducativas delineadas pelo ECA; finalmente, os dados coletados teórica e empiricamente foram relacionados entre si, de modo a se compreender como a legislação e o campo prático interagem neste contexto. Dados tais procedimentos, o estudo organizou-se em três grandes temas centrais: Medidas Socioeducativas, Juventudes e Lazer enquanto Prática Educativa.

Quanto as Medidas Socioeducativas, a análise das informações obtidas por esta investigação demonstrou que a internação, embora seja a medida mais drástica dentre aquelas propostas pela lei, mostra-se mais eficaz no sentido de garantir aos jovens e adolescentes o acesso aos direitos básicos definidos pela Constituição Federal, os quais lhes são negados em seu contexto social. Não obstante, as medidas de semiliberdade parecem ser interessantes no sentido de dar autonomia ao público ao qual se destina. A discussão em torno das Juventudes mostrou que a desigualdade de oportunidades vitima diariamente determinados estratos das juventudes brasileiras, em geral aqueles pertencentes às classes menos favorecidas. Fatores como o racismo estrutural, a criminalização da pobreza, a violência policial e a privação de direitos básicos formam um ambiente no qual grande parte dos jovens é marginalizada e exposta a situações de risco, o que coloca o ato infracional, muitas vezes, como única ou mais viável



opção. O Lazer enquanto Prática Educativa demonstrou estar presente nas Instituições Socioeducativas, geralmente incumbido de objetivos funcionalistas e bastante atrelado ao esporte. As práticas corporais são vistas como uma forma de alívio das tensões cotidianas relacionadas à privação de liberdade, e utilizadas pelos profissionais da Educação Física enquanto ferramenta quando o objetivo é a formação do caráter e do cidadão.

É possível concluir que as práticas corporais de lazer têm grande potencial no sentido de auxiliar na formação de caráter, senso crítico e cidadania nos jovens envolvidos com o ato infracional. O tempo-espaço do lazer pode ser utilizado para dar autonomia ao jovem, de modo que este seja estimulado a um processo de autoconhecimento, formação de autoestima e reflexão quanto a suas próprias capacidades e potencialidades. Desta forma, o adolescente infrator pode se beneficiar de tais práticas de modo a perceber quais os caminhos alternativos ao ato ilícito, que o afastem da criminalidade e o levem a constituir-se enquanto cidadão. É necessário que a sociedade e o Estado passem a compreender o jovem enquanto sujeito de direito, pois somente desta forma será possível proporcionar a esta população a igualdade de oportunidades e permitir sua sobrevivência.



## MIRANDO O FUTURO: O SIGNIFICADO DO MOVIMENTO NO COTIDIANO INFANTIL

Mayara Mascarenhas de Lima<sup>1</sup>, Vitor Antonio Cerignoni Coelho<sup>2</sup>,  
Rute Estanislava Tolocka<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Metodista de Piracicaba, <sup>2</sup>Universidade Federal do Tocantins

A educação básica no Brasil compreende educação infantil, fundamental e médio. Cada vez mais cedo as crianças são matriculadas e permanecem mais tempo no interior das instituições com o objetivo de promover a cidadania, o trabalho e o desenvolvimento integral de crianças e jovens, no entanto a má qualidade da educação brasileira não tem garantindo o alcance de tais propósitos e muito menos tem proporcionado processos de autonomia e emancipação do indivíduo (CORDIOLLI, 2011). Organizações internacionais tem debatido o papel emancipatório da escola e o seu potencial de promoção do desenvolvimento, uma das linhas de discussão é a chamada “escola ativa” uma instituição que promove a autonomia e o desenvolvimento integral através do movimento e de suas diversas manifestações (PNUD, 2016). O movimento corporal na escola é uma forma de expressão social, não é um processo isolado, ele representa o indivíduo como um todo, considerando o os movimentos corporais como meios para a construção humana (LE BOULCH, 2008). Entretanto, existe uma imagem distorcida em relação ao movimento, sendo meramente relacionado ao aspecto fisiológico, e não como uma ação de transformação social. Uma possível estratégia de reverter tal imagem, seria através da inserção de atividades motoras desde a educação infantil, considerando a natureza espontânea e educativa do movimento na infância. Assim, o objetivo do estudo foi enfocar a importância do movimento como ação educativa e inserir atividades motoras na rotina de uma instituição de ensino infantil (IEI) pública. Trata-se de uma pesquisa-ação (Severino, 2013), resultante de uma parceria entre duas universidades do interior de São Paulo/SP, realizada em uma IEI pública. Os participantes do estudo foram duas professoras regentes sala, o coordenador da IEI, uma professora de Educação Física e uma aluna de graduação de Educação Física, 20 crianças, sendo 14 de uma classe do maternal e seis de uma classe do berçário, onde foram ministradas reuniões semanais com os profissionais e os pesquisadores e duas aulas por semana para cada classe. Também foram realizadas duas reuniões com pais e responsáveis, todas as atividades foram registradas em um diário de campo, segundo a técnica de Minayo (1998). Os participantes assinaram o TCLE e o estudo foi aprovado pelo CEP parecer no.45/16. Os primeiros encontros resultaram na necessidade de inserir na rotina escolar a prática de atividades motoras, já que as crianças permaneciam três horas em horário de sono, denominada “sala do descanso”. Nesse período, a criança que acordava antes das outras, era obrigado a permanecer no local em silêncio para não acordar os outros, caso fizessem barulho eram transferidas para outro espaço. O diário de campo revela que tanto pais como profissionais não estavam satisfeitos com o longo período de descanso. Após este enfrentamento coletivo foi acordado que o horário de descanso seria reduzido, uma hora para o maternal e uma hora e meia para o berçário. Este contexto originou a transformação da sala de descanso para uma sala específica de práticas de atividades motoras, denominada “sala azul”. Para concretizar a transformação foi necessário que ambas as universidades envolvidas no projeto, conseguissem recursos materiais, como tatames





(colocados no chão), bambolês, cones, colchonetes, som e prateleiras. Os encontros posteriores enfatizaram os movimentos a serem realizados em aulas de forma lúdica, ativa e prazerosa, mas que pudessem resgatar espontaneidade do universo infantil, divididos em dois temas: imitação de animais e manipulação de objetos. Ambos os temas proporcionaram a espontaneidade e a criatividade infantil, cada qual a sua maneira e de acordo com suas limitações, contribuindo para a produção diversificada de movimentos, transformando caixas de papelões em bатуques, carros, prédios, pontes, entre outros. O diário de campo ofereceu informações que a prática de atividades motoras inseridas na rotina escolar oportunizou vivências de aspectos físicos e motores, através das habilidades de agarrar, rolar, correr, saltar entre outras, também de aspectos cognitivos, sociais, psicológicos, manifestados através da espontaneidade, criatividade, interação social, tomada de decisão e expressões emocionais. A rotina da escola foi modificada pela realização de esforços coletivos, aproximando a criança do seu ambiente e de suas ações naturais (corpo e movimento). Se este processo for estendido ao longo dos anos escolares pode contribuir com a formação de indivíduos autônomos fazendo da escola um ambiente de corpos ativos e significativos e não apenas um depósito de crianças e jovens que seguem rotinas alienantes.



## A GINÁSTICA NO SESC SP

Fabiano Bragantini Mastrodi, Eliana de Toledo Ishibashi  
Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas

O Serviço Social do Comércio (Sesc), um dos objetos desse estudo, foi criado em 1946 e alocado na área da cultura e do lazer (Decreto-lei nº 9.853), em prol do bem estar físico e social dos funcionários do comércio e seus dependentes. No decorrer da história do Sesc, a prática de atividade física foi implantada e muitos adeptos inseriram essa prática em seu dia-a-dia (SESC, 2016).

Em 1950 foram definidas as primeiras diretrizes nacionais do Sesc com atenção especial para o esporte e para o lazer e no ano seguinte iniciaram as convenções nacionais de técnicos de lazer com o objetivo de transformar o lazer em um dos principais instrumentos para a manutenção da saúde. (SESC, 2016).

Nas décadas de 70 e início da década de 80, a ginástica foi ministrada por alguns professores e sua sistematização começa a ser um ponto importante para a instituição. Neste período a ginástica oferecida no Sesc ainda tinha uma concepção que hoje consideramos como “ginástica de condicionamento físico” (SOUZA, 1997).

A sistematização desse programa de ginástica ficou conhecida como Ginástica Sesc, “implantada em 1979 que, por meio da atividade física, buscava o desenvolvimento de hábitos saudáveis, a afirmação da individualidade, a autonomia e a expressão pessoal”. (GALANTE, 2001).

Este programa de ginástica manteve-se estruturado até o final da década de 80. No início dos anos 90, surgiu um dos projetos mais importante do SESC, a Ginástica Voluntária (GV). Este programa propunha o espírito da inovação e da criatividade para atender às novas condições socioculturais em que viviam as pessoas. (GALANTE, 2001).

A GV objetiva ressaltar o caráter lúdico da atividade física, a autonomia, a escolha livre e consciente, associadas à melhoria das condições físicas e a qualidade de vida de seus participantes. (GALANTE, 2001).

Coerente com as ideias de autonomia e valorização do ser humano, a Ginástica Geral (GG) começava a ser mais difundida no Brasil no mesmo momento, e vinha ao encontro dessas ideias no final da década de 90, e foi fomentada ainda mais pela aproximação com a Faculdade de Educação Física (FEF) da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), que já possuía o Grupo Ginástico Unicamp (GGU), grupo específico dessa prática corporal e que despertou o interesse da FEF-Unicamp pela pesquisa nessa área, sendo fundado em 1994, o Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral (GPG) pelos professores Elizabeth Paoliello e Jorge Perez Gallardo (PAOLIELLO et al., 2014).

O conceito de GG elaborado pelo GPG nesse momento e que fez com que houvesse interesse do Sesc por essa prática corporal foi: “uma manifestação da Cultura Corporal que reúne as diferentes interpretações da Ginástica (Natural, Construída, Artística, Rítmica, Desportiva, Aeróbica etc.), integrando-se com outras formas de expressão corporal (Dança, Folclore, Jogos, Teatro, Mímica etc.), de forma livre e criativa, de acordo com as características do grupo social e contribuindo para o aumento da interação social entre os



participantes. (Pérez Gallardo; Souza, 1995, p. 33).

Em 1999 foi realizado o Fórum Brasileiro de Ginástica Geral em uma parceria entre o Sesc e a Unicamp, facilitada pelo professor Ernesto Marques Filho, responsável pela área esportiva do Sesc Campinas. (PAOLIELLO et al., 2014). A partir disso, uma sequência de eventos sobre GG veio fomentar essa prática corporal em São Paulo e no Brasil, com projeção internacional, culminando no principal evento dessa parceria, o Fórum Internacional de Ginástica Geral, que atualmente está em sua oitava edição em 2016.

O Sesc, como instituição privada, em parceria com a FEF-Unicamp, como instituição pública, são os principais fomentadores da Ginástica para Todos no Brasil, nome como a GG é reconhecida internacionalmente desde 2007.

A partir desse contexto o objetivo geral do presente trabalho é analisar o desenvolvimento da GPT no Sesc São Paulo, na busca de reflexões sobre a parceria estabelecida, os benefícios e transformações desenvolvidas na própria instituição, contribuindo para o desenvolvimento dessa prática corporal em instituições similares.

Essa pesquisa ainda esta em processo de desenvolvimento e propõe organizar os registros da GPT no Sesc e trazer reflexões que auxiliem sobre o real potencial de ação já desenvolvido, em desenvolvimento e a ser desenvolvido.

Além da pesquisa bibliográfica que embasa a análise dos dados, o instrumento de coleta dessa pesquisa é a análise documental.

A pesquisa documental pauta-se em “[...] materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2002, p. 45). Dessa forma, serão consultados documentos oficiais do Centro de Memórias do Sesc SP, a fim de investigar a GPT. Para a análise dos dados será utilizada análise de conteúdo de Bardin (2011).



## **APLICABILIDADE DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO**

Carlos Eduardo da Cruz Severino  
FEFISO

A Educação Física ao longo dos anos obteve muito destaque como componente curricular, inclusive com as Leis de Diretrizes e Bases. Seja como método, de estimular a competitividade e concorrência dos alunos, nos populares jogos escolares, como forma de Desenvolvimento Motor, ou auxiliando na construção de um aluno crítico e responsivo deixando de citar as inúmeras outras vertentes que um currículo de Educação Física pode conter. Devido a essa pluralidade de conceitos e definições sobre esta área do conhecimento, o ambiente acadêmico da mesma, sempre está buscando encontrar o lugar cabível a Educação Física na composição de uma sociedade escolar. Toda essa riqueza de concepções, proporciona um excelente material de pesquisa, podendo o autor da pesquisa, selecionar determinado currículo, e se aprofundar sobre o mesmo. No entanto, esta complexidade torna-se um machado de dois gumes. De alguma maneira, em meio a tantas maneiras de se fazer as aulas de Educação Física, o professor pode se perder. Além do mais, o rol de interpretações desta área de conhecimento ser amplo, pelo o que aponta a literatura, poucas dessas interpretações estão presentes nos currículos das escolas e na prática diária das aulas, inferindo em um grande e já conhecido problema do campo acadêmico: a relação teoria-prática.

Com o advento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, mais uma concepção de Educação Física é criada. Um referencial teórico, que tinha como objetivo, reorientar os currículos escolares brasileiros e também servir como um material de reflexão para os professores. Uma medida com o objetivo de dar mais embasamento as práticas pedagógicas dos docentes brasileiros, criada pelo Ministério da Educação. Tais documentos fizeram parte de um processo extenso de uma total Reestruturação Curricular-Pedagógica da Educação Brasileira, na década de noventa. No entanto, questiona-se muito o papel destes documentos na reorganização escolar brasileira, já que o diálogo entre a proposta curricular, os professores e a escola não se concretize, devido ao fato dos documentos possuírem uma estrutura hierárquica de reprodução do conhecimento, do qual o professor em si responsável pela aplicação da proposta, não possui uma participação efetiva na construção do mesmo. Também é apontando que os PCN podem contribuir para um mascaramento de uma proposta curricular que consista somente em uma reprodução dos saberes, assim como o fato de que estes documentos causaram pouca reflexão por parte dos professores de Educação Física, devido aos fatos supracitados.

Esta pesquisa, procura também refletir sobre a prática dos alunos do Ensino Médio, a etapa final da Educação Física. Nos últimos anos, os esforços da União em reestruturar este sistema de ensino são deveras notáveis. Porém, está mesma situação pode ser observada na década de noventa, onde intensas movimentações pedagógicas e curriculares aconteceram. O cenário atual do Ensino Médio, é de um sistema de ensino repleto de falhas e evasões dos alunos, que acabam deixando a escola, para poder trabalhar. Um grande reflexo dos problemas socioeconômicos do país.



Relacionando isto a Educação Física, os estudantes do Ensino Médio, muitas vezes acabam desconsiderando esta área de conhecimento, onde não acabam praticando suas aulas, muitas vezes as evadindo, ou simplesmente não as realizando. O cerne da questão é: O currículo da Educação Física para o Ensino Médio está defasado?

O objetivo desta pesquisa é averiguar se os PCN contribuíram de uma maneira positiva para ao currículo da Educação Física no Ensino do Médio (com a meta de combater os problemas apresentados por esse sistema de ensino), e se de alguma forma, seus conteúdos foram aplicados em sala de aula. Compreender também, o que os professores pensam sobre os PCN e se de fato, o material dos documentos, teve alguma utilidade na concepção de planos de aula.



## **EDUCAÇÃO DO CORPO E IDENTIDADE NACIONAL: AS SEMANAS DE EDUCAÇÃO BRASILEIRA (1928-1935)**

Leonardo Mattos da Motta Silva, Edivaldo Góis Junior

Universidade Estadual de Campinas

Educar é construir a nacionalidade! (ABE, 1928). Foi esse o slogan que a Associação Brasileira de Educação (ABE) escolheu para representar a primeira Semana de Educação Brasileira (SEB). A Semana de Educação foi um evento importado pela ABE, que teve sua origem nos Estados Unidos da América. Tal evento era estruturado para ocorrer durante sete dias; cada dia da semana era destinado a um tema específico “adaptável as necessidades da comunidade, tudo aplicado à aspiração de que cada rapaz e cada moça tivessem uma bela situação na vida, situação conquistada pela cultura e pela inteligência” (MELO LEITÃO, 1929, p.11) e deveria “estimular não somente o governo, mas também os paes, professores e alumnos a população em geral, para facilitar a disseminação do ensino por todas as classes da sociedade (MELO LEITÃO, 1929, p.11), e teria como escopo “tornar mais profunda a compreensão, por parte do povo, do papel da educação na vida de uma democracia, guiando a infância para um ideal de perfeição physica, mental e moral” (ABE, 1929), temas como higiene, lar, natureza, escola, artes, educação física e outros, eram tratados pelo referido evento. O evento identificava nas crianças uma possível ferramenta pulverizadora de novos hábitos, capazes de construir uma nacionalidade Além de edições nos EUA e México, o evento foi realizado em diversos Estados brasileiros, sob a coordenação da ABE, como: RN, BA, PE, SE, ES, MA, GO, PR, RS, SP e RJ. No Brasil urbano das décadas de 20 e 30, as tentativas de modificações dos hábitos e dos costumes se pulverizavam, apoiados nas concepções médico- higienistas, através da arquitetura, engenharia, do direito, da política, mas parece ter sido na educação que a higiene encontrou seu local mais eficiente para disseminar suas formas de ver, ler, interpretar e praticar o mundo. Criou-se, com isso, uma pedagogia especificamente higiênica, tornou-se necessário “pedagogizar” higienicamente o povo e a cidade, educando-os para a modernidade (CAMARA, 2013). Esta pesquisa trabalha com a hipótese de que em um país semianalfabeto a educação do corpo seria o principal instrumento para forjar uma identidade nacional. Logo, o objetivo deste trabalho é analisar, através das SBE realizadas em todo o Brasil, as diversas formas de educação do corpo eleitas para se “construir a nacionalidade”. Como fontes, utilizaremos relatórios, atas, boletins, programas de atividades, correspondências, fotografias e recortes de jornais. Analisados a partir da História Cultural, os documentos não são tratados como reveladores da realidade e sim como documentos que comungam da tendenciosidade, expressando o olhar de quem o(s) produziu, buscando entender a intenção de defender, criar ou destruir estratégias discursivas de interesses pessoais ou coletivos visando determinado objetivo. Na tentativa de consolidar uma nova ordem que via no fortalecimento do Estado Nacional a condição básica de progresso para “modernidade”, o corpo torna-se o centro das ações de constantes intervenções de poder, que incluem os usos da água, as vestimentas, os modos de comer, exercitar-se e até mesmo nascer, morrer e curar (SOARES, 2006). Se antes o corpo era punido e subjugado, passou a ser valorizada sua sensibilidade, “o corpo físico passava a ser, talvez, a principal possibilidade de reordenação do corpo político da sociedade” (TABORDA, 2006, p. 17). A



própria SBE pode ser analisada como uma dessas práticas e discursos que, através de uma educação do corpo, buscavam inculcar novos hábitos no povo brasileiro. Para Lourenço Filho (1928), esse tipo de evento tinha grande valor, pois “as festas forneciam às crianças oportunidade para gravar, indelevelmente, muitas lições proveitosas. Nelas a criança começaria a sentir o efeito da sanção social sobre seus atos”. Considerando que, por meio da educação do corpo, seja possível compreender e captar as rupturas que ocorreram na forma de tratar o corpo, bem como suas permanências e a elaboração de códigos, técnicas, pedagogias e instrumentos para submeter o corpo às novas necessidades. Educar o corpo vem sendo, desse modo, torna-lo adequado ao convívio social e inseri-lo em processos de aprendizagem que buscam encobrir e apagar uma natureza rebelde, trazendo à luz uma natureza pacificada. (SOARES, 2014, p. 2). Entender esses conceitos é essencial na medida em que se tem um conjunto de pessoas que se prontificam a pensar um evento que tem como objetivo “educar” as crianças brasileiras. Isso implica pensar que tal grupo pretendeu instalar a sua maneira de ver o mundo ou mesmo a maneira julgada adequada para aquelas crianças perceberem o mundo, estabelecendo classificações, propondo valores e normas que orientam o gosto, definem limites, (des)autorizam comportamentos para os papéis sociais que a criança, identificada como o futuro do Brasil, deveriam seguir.



## **ANÁLISE DO NÍVEL DOS PADRÕES FUNDAMENTAIS DE MOVIMENTO EM ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Tatiane Castro de Paula, Tânia Cristina Bassani Cecílio, Thiago Augusto Costa de Oliveira  
Faculdade Network

O Desenvolvimento das Habilidades Motoras é essencial durante a infância. Partindo desta premissa, a Educação Física nesta fase aparece como uma ferramenta importante no auxílio da aquisição das referidas habilidades. O que pode ser fator determinante para que as crianças obtenham sucesso em futuras atividades simples ou complexas.

O Desenvolvimento Motor é um processo de evolução para fatores internos e externos, considerando que o desenvolvimento depende das experiências motoras (GALLAHUE; OZMUN, 2005). Quanto mais experiências motoras a criança tem, maiores serão suas capacidades de movimento, e, portanto, seu desempenho na execução de habilidades motoras. Durante a infância, o ser humano adquire a base motora para conseguir relacionar-se de maneira independente por toda sua vida. Essa base motora é conhecida como Padrões Fundamentais de Movimento. Considerando tal relevância, vários estudos têm sido realizados sobre o movimento humano em crianças.

Ferraz e Flores (2004) colocam que a prática é fundamental para se adquirir o conhecimento do movimento humano. Tani et al. (1988) colocam que através do movimento, o ser humano interage com o meio ambiente, buscando satisfazer suas necessidades ou atingir seus objetivos.

Surdi e Krebs (1999), Oliveira (2002), Maforte et al. (2007) e Silva (2011) apontam que especialistas na área de desenvolvimento têm voltado a atenção dos seus estudos para as habilidades fundamentais: caminhar, correr, saltar, arremessar, entre outros, e fundamentando em estágios e fases com sequência de desenvolvimento. Oliveira (2002) explica que o conceito de estágio estabelece as fases de desenvolvimento motor das crianças.

Os movimentos das crianças não dependem somente da maturação cronológica e biológica de cada uma, mas também de fatores ambientais e das experiências vividas que são de fundamental importância para o processo do desenvolvimento (FERREIRA; et al., 2006).

Para Soares, Prodócimo e De Marco (2016) o movimento é uma forma de linguagem, proporcionando para as crianças autonomia, pois durante as atividades elas vivenciam interações sociais e o meio ambiente, conhecem espaços, entendem conceitos, há uma relação estabelecida entre os objetos e acompanham ritmos e música, tudo isso através do brincar.

Rosa Neto et al. (2010) ressaltam que a prática motora tem influenciado no desenvolvimento de crianças com dificuldades na escola, como problemas com atenção, leitura, escrita e socialização. Em razão disto, o autor considera uma atitude preventiva o acompanhamento de aptidão motora das crianças. Por conta disso, sugerem ainda que a avaliação motora deveria ser rotina nas escolas, pois possibilita um diagnóstico com suas reais possibilidades e limitações.

Tani et al. (1988) e Gallahue e Donnelly (2008) compreendem que o período de dois a sete anos como fundamental. Gallahue e Donnelly (2008) destacam que aos dois anos é a fase inicial, dos quatro aos cinco anos ocorre a fase elementar e dos seis aos sete anos, a fase madura destas habilidades.

Diante dessas evidências, o objetivo deste estudo foi examinar o estágio de tais padrões,





especificamente o arremessar e saltar. Foram analisadas 17 crianças entre 8 a 10 anos de idade, que participam das aulas de Educação Física sistematicamente de uma escola do Município de Nova Odessa/SP.

Para a coleta de dados com intenção de analisar o estágio de desenvolvimento das crianças na habilidade do arremesso, foram utilizadas bolas de borracha e demarcação do local do arremesso com cones. Após a demonstração do arremesso, uma criança por vez realizou o movimento sobre orientação de arremessar o mais longe que puder. A coleta de dados para análise do salto, foi feita com demarcação de onde o salto deveria ser realizado e com orientação de saltar o mais longe possível. Ambos os testes foram gravados e analisados posteriormente de acordo com a Matriz Analítica de Gallahue e Ozmun (2005), com o auxílio do programa Kinovea.

A média dos resultados dos testes referentes ao arremesso e salto, mostraram que 20,1% das crianças apresentaram o estágio de Desenvolvimento Motor elementar, e 79,9% demonstraram padrões atribuídos ao estágio maduro. Os resultados apontam que a maior parte das crianças analisadas se encontram no estágio maduro, o que condiz com a literatura.

Deste modo, podemos inferir que a predominância de crianças no estágio maduro não está atrelada com a pouca oportunidade que estas crianças têm de práticas diversificadas de atividades motoras, já que a grande maioria destes alunos participam de atividades extras, como relatado em uma entrevista prévia. Diante dos achados, vemos a necessidade de se apurar os trabalhos desenvolvidos nas aulas de Educação Física no que tange os padrões fundamentais de movimento.



## EM DEFESA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

Ana Beatriz Gasquez Porelli.

Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas

[...] a educação física no 2º grau<sup>1</sup> está acabando, tanto na rede pública quanto na rede privada. Algumas escolas dispensam alunos das aulas, outras escolas particulares substituem as aulas de educação física por outras ditas mais sérias, os próprios alunos fogem das aulas etc. (DAOLIO, 1995, p.42).

Passados pouco mais de 20 anos da afirmação acima, o estado de “desaparecimento” da Educação Física (EF) constatado em Daolio (1995) ainda é realidade em diversas escolas de Ensino Médio (EM). No geral, o descaso com a EF é frequente, muitos professores acabam por desistir de realizar um trabalho sério, a direção escolar não compreende a importância da disciplina que acontece fora da sala de aula, ou os estudantes que não encontram sentido nessas práticas.

No entanto, apesar desse estado de “desaparecimento”, houve repúdio e indignação de diferentes setores da sociedade quando apresentada a reforma do EM (por meio da medida provisória de nº 746, 07/2016) com a proposta de excluir a EF do currículo. A defesa pela EF no EM aconteceu a partir de diversos pontos de vistas, denunciando a falta de clareza sobre o que é e como se desenvolve esse componente curricular nos últimos anos escolares. Por fim, o texto aprovado, transformado em lei - Lei nº 13.415, 16/02/2017, reintegrou a EF ao currículo não como componente curricular, mas com caráter de “*estudos e práticas*”, que terá seus objetivos e modos de desenvolvimento esclarecidos na BNCC - Base Nacional Comum Curricular .

Pouco sabemos sobre os encaminhamentos que orientarão a EF no “novo” EM. Por ora, o anunciado é a execução de um projeto de escola contrário às experiências vividas durante o governo democrático-popular (2003-2015), caracterizado por práticas políticas de inclusão social e participação de um amplo conjunto da comunidade educacional. De mesmo modo, a concepção de educação aclamada nas minúcias do texto da reforma diverge da elaborada, debatida e defendida nos últimos textos oficiais. Assim, o que está em questão, de acordo com Ferreira (2017)<sup>2</sup>, é uma concepção de educação

[...] simplificada na relação de estabelecimento de um currículo estandarizado focado em matemática e língua materna, com processos padronizados de testagem de resultados, garantidos por uma gestão focada nos resultados, que tensiona a redefinição do trabalho docente, com suporte de um padrão mínimo de financiamento educacional (FERREIRA,2017, p.303).

O MEC justifica a reforma com base no desempenho dos alunos em comparação com outros países, argumenta a importância da flexibilização do percurso formativo dos estudantes e a necessidade de ampliar o tempo dos jovens na escola como formas de tornar mais atrativo essa etapa de formação, desqualificando o que vinha sendo realizado nas escolas de EM nos últimos anos.

Uma defesa da EF no EM exige situar incisivamente ações afirmativas desenvolvidas anteriormente à reforma, tanto no que diz respeito aos materiais oficiais como no vivido nas práticas de EF. Apesar do “desaparecimento” da EF no EM, devemos lembrar e enfatizar que



a reinvenção desse componente curricular tem acontecido em escolas de EM. A partir da autoria e criatividade docente, somada às transformações no campo acadêmico, os currículos tem sido impactados e as práticas transformadas.

A exemplo, as Orientações Curriculares Nacionais para o EM (2006)<sup>3</sup> objetivaram instigar a reflexão sobre as práticas pedagógicas e orientar as redes de ensino para formulação de seus próprios textos. No documento, é proposto, para a EF, que as aulas oportunizem o vivenciar de práticas corporais diversas, permitam que os estudantes adquiram autonomia, criem, elaborem e organizem práticas corporais e assumam posturas críticas quando ocuparem o papel de espectadores das mesmas. Os saberes da EF farão a diferença na vida dos jovens na medida em que os prepararam para uma participação política mais efetiva no que se refere à organização dos espaços e recursos públicos de prática de esporte, ginástica, dança, luta, jogos populares, entre outros (BRASIL, 2006).

Outro exemplo de reinvenção da EF no EM é uma prática, no chão da escola, reconhecida em estudo<sup>4</sup> desenvolvido em 2015. Na pesquisa, os estudantes de EM que vivenciaram práticas inovadoras de EF explicitaram o interesse pela EF e o reconhecimento da importância dessas práticas para suas vidas. Foi possível apreender que há autoria e criatividade docente renovando os conteúdos da EF, transformando e ampliando os currículos oficiais. A EF no ensino médio garantiu informação e formação para estes jovens, tornou-os emancipados e autônomos no que diz respeito às questões corporais e proporcionou momentos de contato com o outro, de diálogo, sociabilidade e descobertas (PORELLI, 2015).

Assim, a EF no EM existe e necessita resistir para permanecer atuante e prosseguir inovando em suas práticas e reflexões, seja no espaço escolar ou no debate acadêmico.

<sup>1</sup> Em 1995, o 2º grau correspondia ao EM.

<sup>2</sup> FERREIRA, E. B. A contrarreforma do ensino médio no contexto da nova ordem e progresso. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v.38, n.139, p.293-308, abr.-jun., 2017.

<sup>3</sup> BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Conhecimentos de educação física. In: **Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Secretaria da Educação Básica, v. 1, p. 213-239, 2006.

<sup>4</sup> PORELLI, A. B. G. **Sentidos e significados da Educação Física para a(s) juventude(s)**. – Dissertação (mestrado), Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas - SP, 2015.



## **VERDADE E HISTÓRIA NO JOVEM NIETZSCHE: UMA HISTORIOGRAFIA DO CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DE UMA FILOSOFIA VITALISTA**

Alex Natalino Ribeiro, Odilon José Roble  
GPFEM/FEF-Universidade Estadual de Campinas

A filosofia nietzschiana, em nossa interpretação, é característica no que concerne ao modo como questiona a história a fim de estabelecer diálogo com o passado buscando perspectivar o presente, i. e., verifica como distintos povos e civilizações estabeleceram relações com o mundo a sua volta – como compreenderam a existência e o devir – para, então, problematizar as possibilidades de existência no momento em que nos encontramos. Por exemplo, o diagnóstico da modernidade realizado por Nietzsche, verifica que a fraqueza e a *décadence* do humano moderno decorre de sua moral; da moral cristã, ou melhor, do platonismo para o povo. A centralidade do pensamento de Nietzsche está em seu projeto de *transvaloração de todos os valores*. O filósofo alemão – objetivando por assim dizer uma investigação histórica; uma genealogia de perspectiva historiográfica de nossa moral –, partindo de uma crítica da cultura, irá identificar que nossa racionalidade moderna, a moral de nosso tempo tem sua origem já na Grécia antiga. Pois, já Sócrates e, principalmente, Platão fundam aquilo que Nietzsche denominaria moral socrático-platônico-cristã, que nada mais é que a inversão dos antigos valores gregos (sensualista) que a partir de então se guiariam pela razão; pela certeza de que ao humano é possível conhecer as coisas e, principalmente, realizar-se em um devir transcendental. Fatos estes que já engendrariam nossa racionalidade científica contemporânea; a noção de verdade absoluta; a crença em que somos capazes de conhecer as coisas tal qual elas mesmas. Nesse sentido, tendo em vista que Nietzsche entende o presente enquanto construção histórica – não contingente –, para sermos capazes de realizar a *transvaloração de todos os valores* não seria necessário a retomada ou a volta ao momento anterior a transvaloração socrático-platônico-cristã dos antigos valores gregos. Seria preciso, propriamente, a partir de uma perspectiva histórica, verificar a dinâmica própria de tal processo, compreendendo de que modo, hodiernamente, tal valoração pode ser realizada, o que nos seria preciso para a realização de tamanha empresa. Para deixar claro tal noção, ainda que ela em alguma medida se altere nos anos de maturidade do filósofo, duas obras específicas – de juventude – nos auxiliam na compreensão do modo como Nietzsche dialoga com o conhecimento histórico elaborando perspectivas que o permitam ampliar seu conhecimento acerca do contemporâneo, quais sejam, “Sobre verdade e mentira no sentido extramoral” e “Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida”. Sua filosofia perspectiva (para a qual não há verdades absolutas, pois estas são tão somente metáforas que se constituem enquanto verdades reais – contingentes, porém possíveis dentre outras tantas perspectivas que, de mesmo modo, concorrem para tal) nos permite verificar o modo como, recorrendo a uma técnica historiográfica específica – genealógica, o filósofo alemão compreende como se constitui a racionalidade moderna que desde Sócrates se prende à crença da possibilidade de realização do conhecimento único e verdadeiro – da relação que estabelecemos com a noção de verdade. Nesse sentido, caracterizar como Nietzsche compreende a utilidade-função da história para pensarmos o presente, nos permite estabelecer uma reflexão acerca do fazer historiográfico na Educação Física, propondo um diálogo acerca daquilo que, a partir de sua filosofia, pode ser caracterizado como duas perspectivas distintas: a



historiografia erudita e a historiografia para a vida. Dito de outro modo, a correlação que Nietzsche faz entre presente e passado, o modo como articula o que ocorreu a fim de perspectivar o presente objetivando ações frente as possibilidades do devir, nos permite refletir sobre os sentidos de uma história da Educação Física – a que propósito se realiza tal historiografia? (Propósito não compreendido ingênua e estritamente como finalidade, mas, propriamente: como sentido. Principalmente – em programas de pós-graduação de instituições públicas –, como justificar determinada prática historiografia que objetiva a educação do corpo, as práticas corporais, os esportes, etc. se não pelo sentido de tal historiografia, seu propósito e talvez, decididamente, sua *função social*?). O modo como Nietzsche opera com a história é fundamental para seu projeto filosófico. A identificação de um dado problema contemporâneo é realizada olhando para o passado; a crítica do presente se dá ao observar aquilo que a humanidade foi capaz de realizar até então – o presente é realização histórica, sendo assim, compreendê-lo, alterá-lo – transvalorar-lo – exige tal procedimento.



## **AS LUTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: DIAGNÓSTICOS, PRINCÍPIOS E PRÁTICAS**

Luiz Gustavo Bonatto Rufino  
Unesp Rio Claro

No campo educativo escolarizado, cada nível de ensino apresenta certas características e especificidades, apesar de vincularem-se à pressupostos pedagógicos mais amplos similares em termos de políticas públicas e seguridades legais. No ensino médio, apesar de uma ampliação das possibilidades por meio de sua universalização, ainda se encontram inúmeros problemas que repercutem em dilemas apresentados de forma diferenciada para cada componente curricular. No caso da Educação Física, sua inserção nesse nível de ensino ainda se apresenta como um desafio, em especial no contexto de sua desvalorização e até mesmo questionamento acerca de sua representatividade e efetividade para os alunos do ensino médio, perspectiva reforçada pelas últimas proposições legais. Dentro dessa conjuntura, buscamos apresentar algumas orientações e possibilidades acerca da compreensão dos conteúdos da Educação Física no ensino médio, mais especificamente, a partir da análise acerca da manifestação corporal das lutas e artes marciais. A compreensão acerca do tema das lutas se faz importante uma vez que a literatura tem apresentado dificuldades no tratamento pedagógico dos professores de Educação Física, especialmente no ensino médio, uma vez que muitas vezes a estruturação das aulas e as intervenções pedagógicas acabam sendo reproduções das mesmas perspectivas advindas do ensino fundamental (ou mesmo bastante semelhantes). Assim, em um primeiro momento, torna-se importante compreender as características fundamentais (aspectos universais) das práticas corporais de luta. A saber: enfrentamento físico direto; regras; oposição entre indivíduos; objetivo centrado no corpo da outra pessoa; ações de caráter simultâneo; imprevisibilidade. Além disso, compreendemos que na classificação das lutas para o ensino médio devem ser compreendidas duas categorias: ações de forma e demonstração (práticas mais previsíveis) e ações de enfrentamento físico direto (práticas mais imprevisíveis), esta última podendo ser subdividida em quatro subcategorias a partir das ações motoras e proximidade em termos de representações: curta; média; longa; e mista. Consideramos ainda alguns aspectos essenciais que devem ser ensinados no ensino médio sobre o tema das lutas: história das lutas (alguns aspectos de contextos e transformações); relação entre lutas e brigas; relação entre práticas previsíveis e imprevisíveis; compreensão dos aspectos fundamentais das lutas; noção das distâncias e ações motoras nas lutas; entendimento de algumas modalidades. Finalmente, em termos de ampliação das perspectivas em termos de dimensões dos conteúdos, elencamos três aspectos importantes para o ensino das lutas nesse nível de ensino: a questão de gênero e coeducação nas lutas; cuidados e seguranças nessas práticas; importância da inclusão. Uma série de possibilidades são vislumbradas a partir dessas considerações, as quais apresentam-se envolvidas em uma série de dinâmicas necessárias para sua efetivação, como formação profissional (inicial e continuada), naturalização de preconceitos enraizados acerca das lutas na escola, problemas com relação à materiais e infraestrutura, ampliação dos materiais didáticos que possam subsidiar as ações profissionais, entre outros. O aprimoramento dos conhecimentos e a busca pela diminuição dos problemas que dificultam o desenvolvimento das aulas são questões frequentemente enfrentadas pelos professores. Dessa forma, consideramos que, apesar



de apresentar ainda inúmeros desafios, é possível compreender formas diferenciadas e inovadoras para o ensino das lutas na escola, sobretudo no ensino médio, valorizando estruturas pedagógicas que se relacionem com a ampliação dos conteúdos e aprofundamento dos procedimentos de ensino, indo além da compreensão do tratamento pedagógico apenas de uma ou outra modalidade, mas valorizando a análise das lógicas de ações, relações técnicas e táticas e suas características e especificidades.



## **AS INFLUÊNCIAS DO PNUD NA FORMULAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE ESPORTE E LAZER NO BRASIL**

Bruno Modesto Silvestre

Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas

No ano de 2011 o Ministério do Esporte (ME), em conjunto com a Agência Brasileira de Cooperação (ABC), iniciou o convênio com o Programa da Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) intitulado: “Projeto BRA/11/006 – Por uma Agenda Nacional de Esporte – Plano Decenal de Esporte e Lazer”. Com período de vigência entre maio de 2011 e dezembro de 2016, o projeto apresentou quatro objetivos: a implementação do Plano Decenal de Esporte e Lazer (2010-2020); a estruturação do Sistema Nacional do Esporte e Lazer (SNEL); a reestruturação das Secretarias Nacionais do ME e a operacionalização de compromissos internacionais brasileiros, como os Megaeventos Esportivos. Constituindo-se como uma das agências das Organizações das Nações Unidas (ONU), o PNUD foi criado pela Assembleia Geral da ONU de 1965 a partir da fusão de duas entidades: o Fundo Especial das Nações Unidas e o Programa Estendido de Cooperação Técnica. Nesse cenário, vale destacar que as políticas oriundas dos organismos internacionais constituem-se como referência para diversos países e podem se inter-relacionar para compor arranjos de diferentes formatos. Dessa forma, é fato recorrente que esses organismos formulem políticas, programas e diretrizes a serem seguidas pelos Estados nacionais e, da mesma forma, que realizem convênios e cooperações baseados em determinados condicionantes políticos. No que tange a relação com esses organismos, o ME apresenta, desde a sua criação em 2003, o intercâmbio com organismos internacionais voltados à promoção do esporte como uma de suas atribuições. Desse modo, esta pesquisa tem por objetivo geral investigar as influências do PNUD na gestão e nas políticas públicas de esporte e lazer oriundas do Ministério do Esporte no Brasil e, como objetivo específico, analisar as influências desse organismo internacional na implementação e operacionalização das políticas de esporte e lazer presentes nos quatro eixos estratégicos do Projeto BRA/11/006. Este trabalho se configura como uma pesquisa de abordagem fundamentalmente qualitativa que utilizará da triangulação de dados em duas etapas: na primeira será realizada uma análise documental de relatórios do PNUD e do convênio em questão, assim como de legislações, relatórios, peças orçamentárias e publicações jornalísticas correspondentes às temáticas do esporte, lazer e organismos internacionais; na segunda etapa, serão realizadas entrevistas semiestruturadas com agente políticos do PNUD e com gestores e/ou ex-gestores do Ministério do Esporte envolvidos com o Projeto BRA/11/006 e na formulação, implementação e gestão de políticas públicas em esporte e lazer em âmbito nacional. As análises e discussões serão realizadas por meio da mescla de duas perspectivas: o método de análise de política social de Boschetti (2009), com atenção para a dimensão da “Gestão e Controle Social”; e pela utilização da ótica neoinstitucionalista, através dos conceitos de dependência de trajetória (*path dependence*) e dos processos de retornos crescentes. Entende-se que as políticas públicas não devem ser avaliadas como fatos em si, mas sim como uma parte integrante de um todo, ou seja, não são apenas espaços de confrontação de tomadas de decisão, mas constituem elementos de um processo complexo e contraditório de regulação política e econômica das relações sociais. Nessa perspectiva, para Boschetti (2009), a avaliação de determinada gestão ou política social deve levar em conta três aspectos: 1) buscar analisar a política em sua totalidade, a partir da





incorporação analítica dos principais aspectos que a constituem; 2) revelar o caráter contraditório existente entre as determinações legais e operacionalização da política; 3) articular determinantes estruturais, as forças sociais e políticas que agem na formulação e execução de determina política. Os conceitos de dependência da trajetória e retornos crescentes levarão em conta os quatro processos que envolvem os retornos crescentes na análise política descritos por Pierson (2015): o papel central da ação coletiva; a elevada densidade das instituições; as possibilidades de uso da autoridade política em aumentar as assimetrias de poder; e a complexidade e opacidade intrínsecas aos processos políticos. Nessa perspectiva, ao levar em conta o referencial do institucionalismo histórico em uma *policy analysis*, esta pesquisa também buscará situar as instituições em uma cadeia causal que considere fatores de desenvolvimento econômico e difusões de ideais. Ademais, ainda vale destacar que o processo de organização da análise qualitativa dos dados, levantados por meio das entrevistas semiestruturadas e pela análise documental, empregará, de maneira auxiliar, os recursos do software *Nvivo*.



## **O PARADOXO ESTÁ EM JOGO: AS REPRESENTAÇÕES DA MÍDIA IMPRESSA SOBRE A SELEÇÃO BRASILEIRA FEMININA DE FUTEBOL NA DÉCADA DE 1990**

Bruna Rafaela Esporta Fernandes

Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas

É inevitável que se pense que falar sobre futebol no Brasil aparenta ser sempre uma tarefa fácil, que isso é motivo para abrir espaço para um diálogo no qual todos podem contribuir em um dado momento de alguma maneira. A mídia seja ela televisiva, do rádio ou impressa se torna a principal contribuidora para essas “rodas de conversa” por ser uma das maiores propagadoras desse esporte. Mas, qual futebol se fala e escreve? Quando solicitamos uma memória futebolística, as primeiras lembranças sobre campeonatos que o Brasil participou são do futebol feminino ou do masculino?

Segundo Franzini (2005), a mulher no Brasil, até então, busca afirmar e legitimar sua presença dentro do campo. Diante das indagações acima e desta afirmação considera-se que no futebol praticado por mulheres ainda lhe é reservado um pequeno espaço. Nesse sentido, se o futebol masculino é mais visibilizado será ele que irá atingir aquela memória futebolística. Nesse sentido, o contato com o futebol de mulheres gera comumente uma restrição e um estranhamento, mesmo que ele esteja sendo desenvolvido há muito tempo (SILVA, 2015). Contudo, passar por tais provações o torna importante para apontá-lo como incitador de transformações no mundo das mulheres esportivas, é percebê-lo também como meio para contextualizar uma história de resistência das mulheres no esporte.

A partir do cenário aqui exposto identificamos que observar e explorar estes fatos a partir da seleção brasileira feminina de futebol se tornava parte singular desse trabalho. Propondo que, tratá-la historicamente fundamentada nas representações da mídia impressa pode ser parte imprescindível para contribuir no desvelar de uma problematização que se debruça sobre a construção e desconstrução dos papéis dados a mulher brasileira no futebol.

Assim, este estudo tem como objetivo investigar as representações da mídia impressa na década de 1990 sobre a seleção brasileira feminina de futebol. Período que abrange a 1ª Copa do Mundo de Futebol Feminino e que antecede uma ascensão da seleção nas Olimpíadas a partir dos anos 2000 (1990-1999), colocando também o futebol feminino em outro patamar. Nosso corpo documental será constituído com arquivos da Biblioteca Nacional, em que, utilizar-se-á dos seguintes jornais: Jornal do Brasil e O Fluminense, além disso, trabalharemos também com o acervo do Estado de S. Paulo. Esses periódicos serão priorizados em função de sua grande circulação. No qual, os primeiros especificamente da cidade do Rio de Janeiro se tornaram importantes no processo, já que a mesma comportava vários campeonatos de futebol feminino em suas praias, apontando ali um maior desenvolvimento daquele esporte.

Posto isto, a observação das fontes será feita a partir da História Cultural conjuntamente aos Estudos de Gênero, tal abordagem relacionando a mulher e o futebol nos trará luz aos questionamentos apontados para as reflexões, análises e considerações num contexto tão complexo e de tantas contradições. Mediante aproximações com a História Cultural gênero aqui será considerado a partir de Scott (1995, p. 21): “como elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos” e Butler



(2016, p. 69) sendo que: “O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”. Dessa maneira, as relações de gênero ganharão corpo pelas representações, que para Roger Chartier (2002, p. 17) são:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.

Posto isto, em um primeiro momento contato com as fontes, essas nos indicaram que o tratamento da mídia impressa sobre a seleção brasileira feminina de futebol é de um silenciamento, fato que se dá pela limitação de notícias encontradas. Nos súbitos aparecimentos de campeonatos mundiais, elas discorram a partir de um movimento contraditório entre uma afirmação da prática mostrando até certa excelência das jogadoras e em outro sentido uma diferenciação para definir, segundo a imprensa, uma falta de intimidade com a prática, como se o futebol não pertencesse naturalmente as mulheres. Assim, esta pesquisa se torna relevante para que se proponha um debate teórico sobre as relações entre a mídia e o futebol feminino e como essas contribuem para o desenvolvimento e consolidação de uma seleção brasileira feminina de futebol.



## INFLUÊNCIA DO DESEMPENHO FÍSICO NA MORTALIDADE, FUNCIONALIDADE E SATISFAÇÃO COM A VIDA DE IDOSOS

Vinícius Nagy Soares, André Fattori, Paula Teixeira Fernandes  
Universidade Estadual de Campinas

Variáveis de desempenho físico podem oferecer indicadores valiosos para a previsão de eventos futuros. Nesse sentido, estudos demonstraram que bons níveis de força de preensão manual e de velocidade usual de marcha associam-se com a diminuição do risco de mortalidade. Apesar disso, poucos estudos investigaram essas duas variáveis simultaneamente e em idosos não hospitalizados. Levando em consideração que o processo de declínio físico acomete os sistemas orgânicos de maneira simultânea, então o uso concomitante de variáveis de desempenho físico pode fornecer previsões mais precisas sobre eventos futuros. Além disso, novas diretrizes sobre envelhecimento saudável direcionaram-se para a autonomia e a funcionalidade dos idosos, superando o paradigma voltado unicamente para a longevidade. Assim, não basta reconhecer a influência do desempenho físico somente no tempo de sobrevivência, devemos também refletir sobre como os idosos estão vivendo, sobretudo no que se refere à funcionalidade e à satisfação com a vida. **Objetivo:** verificar se o desempenho físico tem associação com a mortalidade, funcionalidade e satisfação com a vida de idosos. **Método:** este é um estudo de coorte, no qual foi realizado o seguimento de 900 idosos brasileiros (624 mulheres) não hospitalizados entre os anos de 2008 e 2016. As avaliações de desempenho físico, funcionalidade e satisfação com a vida foram realizadas no início do seguimento. O desempenho físico consistiu na força de preensão manual, a qual foi avaliada por dinamômetro hidráulico posicionado na mão dominante do voluntário. Por sua vez, a velocidade usual de marcha consistiu no tempo de percurso de 4 metros. A funcionalidade foi verificada por meio de questionário, no qual perguntava sobre a realização de tarefas básicas, instrumentais e avançadas da vida diária. A satisfação com a vida também foi avaliada por questionário, no qual abordava a satisfação global, saúde, memória, vizinhança e relações sociais. Por fim, a data do óbito e a causa da mortalidade foram obtidas através do Sistema de Informação de Mortalidade do município de Campinas-SP. **Análise estatística:** A força de preensão manual e a velocidade usual de marcha foram categorizadas de maneira dicotômica (i.e., forte ou fraco; lento ou rápido), sendo equalizadas pelo sexo. Para verificar a influência do desempenho físico na mortalidade, usamos a técnica de Kaplan-Meier e a regressão dos riscos proporcionais de Cox, criando modelos ajustados por variáveis de confusão. Nesse sentido, consideramos como variáveis de confusão a idade (modelo 2), aspectos psicológicos (modelo 3), composição corporal (modelo 4) e doenças crônicas (modelo 5). Para verificar a influência do desempenho físico na funcionalidade e satisfação com a vida, realizamos um Modelo Linear Geral Multivariado, tendo como variáveis independentes a força de preensão manual e a velocidade usual de marcha. As atividades básicas, instrumentais e avançadas da vida diária, além da satisfação com a vida, constituíram as variáveis dependentes deste estudo. **Resultados:** foram identificados 154 óbitos por causas naturais, sendo 88 do sexo feminino. A análise de Kaplan-Meier demonstrou que o ritmo de ocorrência da mortalidade foi mais acentuado para os grupos de indivíduos com baixos níveis de força (Log Rank:  $X^2=12,18$ ,  $p<0,001$ ) e de velocidade (Log Rank:  $X^2=16,64$ ,  $p<0,001$ ). O modelo 1 da regressão de Cox, sem ajuste,



demonstrou que os piores desempenhos de força (R.R.=1,60; IC=1,15–2,23;  $p=0,005$ ) e de marcha (R.R.=1,82; IC=1,30–2,55;  $p<0,001$ ) associaram-se com o aumento do risco de mortalidade. No modelo 2, a idade foi um fator de confusão para a força (R.R.=1,06; IC=1,03–1,09;  $p<0,001$ ), enquanto que no modelo 5, a artrite reumatoide foi um fator de confusão para a velocidade (R.R.=2,02; IC=1,36–3,01;  $p<0,001$ ). O GLM multivariado demonstrou, de maneira geral, que os idosos com bons desempenhos de força e de velocidade faziam mais atividades instrumentais e avançadas da vida diária. Além disso, a velocidade de marcha apresentou efeito estatisticamente significativo na satisfação com a vida ( $F=7,17$ ;  $p=0,008$ ), porém o tamanho do efeito foi reduzido ( $\eta^2=0,01$ ). **Conclusões:** o bom desempenho físico parece ser fundamental para uma vida mais longa e para a manutenção da funcionalidade de idosos não hospitalizados. Além disso, a boa mobilidade pode afetar mecanismos relacionados à satisfação com a vida.



## **JOGOS ELETRONICOS E CULTURA CORPORAL**

Vinícius de Almeida Silva, Rubens Antônio Gurgel Vieira  
Faculdade de Educação Física da Associação Cristã de Moços de Sorocaba

Iniciamos a pesquisa tentando entender como a sociedade evoluiu junto com a tecnologia, e como nos adaptamos e unimos a tal tecnologia, temas abordados no livro *A Terceira Onda*, de Alvin Toffler (1980). Toffler faz uma análise sobre a marcha da civilização ao longo dos séculos, evidenciando os principais e mais importantes acontecimentos e períodos da Humanidade. O autor apresenta três grandes revoluções que dividem a história da civilização, moldando toda a estrutura de relações humanas ligadas ao trabalho, hábitos e velocidade dos acontecimentos. As ondas de transformações são divididas em: A revolução agrícola (primeira onda), revolução industrial segunda onda) e a revolução da informação (terceira onda).

Em meio a essa evolução da sociedade, mudanças no jeito que as crianças e jovens se divertem hoje em dia tem total envolvimento com a tecnologia. Brincadeiras de roda, estafetas, pega-pega, entre outras eram muito comuns há alguns anos atrás, mas vem sendo substituídas pelos programas de interação direta encontrados em computadores e dispositivos próprios para a execução de tais softwares, popularmente conhecidos como videogames (CONCEIÇÃO e GONÇALVES, 2011).

Proporcionar mudanças na dinâmica sociocultural da Educação Física escolar é ir contra conceitos, valores, crenças e tradições que há muitos anos são enraizados dentro dessa disciplina, onde, para haver uma mudança pedagógica será necessária uma mudança na práxis. A Educação Física é responsável pela transmissão e reconstrução de atitudes e manifestações corporais a partir da história, havendo influência de diversos elementos filosóficos, políticos, religiosos, sociais e pedagógicos que se moldaram ao longo dos séculos e para que isso possa ser superado, uma configuração da perspectiva sobre a linguagem corporal tem de ser fundamentada (NEIRA e NUNES; 2006).

A expressão “Cultura Corporal” é pouco compreendida no meio educacional da Educação Física, mesmo sendo bastante difundida no ambiente acadêmico. O movimento corporal é o que concede a especificidade para a Educação Física escolar, mas, no entanto, não é qualquer movimento, não é o movimento institucionalizado, reproduzido, estereotipado e fundamentado. Falamos do movimento que manifesta uma cultura, que tem a intenção de transmitir ideias, valores, sentimentos e crenças, que surge no âmbito de uma manifestação cultural, através das danças de origens africanas, as lutas orientais, os esportes radicais, a ginástica como expressão, o jogo de queimada, os jogos de baralhos, as brincadeiras de ruas e os jogos eletrônicos. E tal afirmação só pode ser possível devido à natureza plástica e moldável da cultura (NEIRA e NUNES; 2006).

Ao justificar a presença da Educação Física na escola, Betti (1992), afirma que a função pedagógica desse componente dentro do ambiente escolar é apresentar para os alunos e introduzi-los dentro do mundo da cultura corporal, auxiliando assim na formação de cidadãos que irão usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as diversas formas culturais da atividade física. A cultura corporal pode ser traduzida como uma parcela muito ampla e abrangente da cultura, integrando conquistas materiais e simbólicas específicas de uma sociedade, onde o exercício físico, a ginástica, o treinamento esportivo, a dança e os



jogos tem total envolvimento, havendo uma atribuição da cultura corporal as essas diferentes manifestações, onde podemos observar uma identidade cultural única para cada seguimento, com sentidos e significados distintos na cultura em que estão localizados.

Os Jogos em geral nos possibilitam momentos significativos de conhecimento e aprendizado. Neles podemos aprender suas próprias lógicas, suas linguagens e até mesmo seus sentidos e significados, ou seja, nós só conseguimos aprender a jogar, jogando, independentemente da plataforma, mídia ou ambiente em que o jogo se encontra. E por ser um patrimônio cultural, sua inclusão no currículo escolar se torna algo essencial e irrefutável. Jogar basquete, xadrez, capoeira, amarelinha, vídeo games e etc. são experiências culturais valiosíssimas por si só. Neles, temos a oportunidade de aprender a gingar com a capoeira, raciocinar com o xadrez, tomar decisões rápidas e definir estratégias nos videogames.

#### Referências

BETTI, M. Ensino de primeiro e segundo graus: Educação Física pra quê? Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.13, n.2, p.282-7, 1992.

CONCEIÇÃO, C. J.; GONÇALVES, M. F. C. Videogame e desenvolvimento infantil: uma questão para a educação, 2011. Disponível em: <<http://www.rua.ufscar.br/videogame-e-desenvolvimento-infantil-uma-questao-paraa-educacao/>>. Acesso em: 10 de Maio de 2016.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas. São Paulo: Phorte, 2006. 294 p.

TOFFLER, A. A terceira onda. Record, 1980.



## **INFLUÊNCIA DO INSTITUCIONAL CAPES NO NÚMERO DE AUTORES EM ARTIGOS CIENTÍFICOS PUBLICADOS EM PERIÓDICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Larissa Leite Billerbeck Carrapateira, Junior Vagner Pereira da Silva  
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

**INTRODUÇÃO:** No âmbito acadêmico-científico em nível de pós-graduação stricto sensu a divulgação do conhecimento produzido por intermédio de artigos, nas últimas décadas tem sido objeto de diversas reflexões. Em parte, isto decorre da transformação desta etapa da produção conhecimento em capital, que carrega consigo valores simbólicos utilizados como mecanismo de distinção, sobretudo no credenciamento e notas atribuídas aos programas de pós-graduação, credenciamento de professores em programas de pós-graduação, obtenção de financiamento em editais de fomento a pesquisa, aprovações em concursos públicos, dentre outros. No que tange ao credenciamento e nota atribuída aos programas de pós-graduação, nota-se que nas avaliações trienais de 2001 e 2007 a produção intelectual foi responsável por 30% da pontuação total atribuída aos programas, passando a partir de 2010 ser responsável por 40%. Diante ao exposto, o estudo teve como objetivo analisar a influência do Institucional CAPES nas publicações em periódicos nacionais da Educação Física. Especificamente, buscou avaliar a relação do peso atribuído pela CAPES à produção científica na avaliação trienal e o número de autores em artigos científicos. **MÉTODOS:** Foram objeto de análise os relatórios de avaliação da subárea Educação Física CAPES no período de 1998 a 2013 e os artigos publicados em periódicos nacionais e específicos da Educação Física (Revista Brasileira de Ciência e Movimento – RBCM; Revista Brasileira de Ciências do Esporte – RBCE; Revista Motriz; Revista Motrivivência; Revista Pensar a Prática; Revista Movimento; Revista Educação Física/UEM e RBEFE – Revista Brasileira de Educação Física e Esporte) no período de 1987 a 2013. Na análise dos resultados, recorreu-se a média do número de autores em cada período de avaliação da CAPES e o teste de correção de Pearson. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Os resultados indicam aumento linear na média do número de autores por triênio a partir de 2001, sobretudo nas revistas RBCM (de 3 em 2001-2003 para 4,2 em 2010-2012), Motriz (de 1,8 em 2001-2003 para 3,8 em 2010-2012) e Educação Física/UEM (de 2,2 em 2001-2003 para 3,8 em 2010-2012), periódicos que obtiveram aumento acentuado, principalmente no triênio de 2010 a 2013. Ao testar a correção entre a “Produção intelectual” e número de autores e a “Distribuição de publicações qualificadas em relação ao corpo docente permanente do Programa” e número de autores, os resultados indicam, respectivamente, correlação nas publicações da Pensar a Prática ( $r= 0,764$ ;  $r= 0,886$ ), RBCM ( $r= 0,529$ ;  $r= 0,978$ ), RBCE ( $r= 0,681$ ;  $r= 0,76$ ), Motriz ( $r= 0,757$ ;  $r= 0,895$ ), Revista de Educação Física/UEM ( $r= 0,793$ ;  $r= 0,793$ ), Movimento ( $r= 0,865$ ;  $r= 0,743$ ). **CONCLUSÕES:** Concluímos que o sistema de avaliação da CAPES, por intermédio do aumento das exigências por produtividade dos pesquisadores dos programas, tem exercido influência sobre o aumento do número de autores em artigos publicados na maioria dos periódicos nacionais da Educação Física. Se por um lado isso pode indicar o desenvolvimento de pesquisas em rede, por outro, tem levantado questionamentos sobre os mecanismos utilizados, alguns, por vezes, antiéticos.

**Palavras-chave:** Educação Física; Produção Científica; CAPES.





## A GINÁSTICA EM PERIÓDICOS MÉDICOS NO RIO DE JANEIRO ENTRE 1870 E 1879

Yuri Santos de Menez, Laryssa Rangel Guerra, Felipe Lameu dos Santos  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

O Brasil passou por diversos acontecimentos significativos na segunda metade do século XIX. O fim eminente do trabalho escravo acentuou as discussões sobre os rumos que o Brasil iria ter que tomar após a emancipação dos escravos, grupos sociais politicamente marginalizados pelo sistema político imperial exprimiram-se em atividades político-intelectuais contestadoras, o manifesto republicano de 1870 e a criação do Partido Republicano propunham a mudança de regime político. Segundo parte da historiografia da Educação Física, dentro desse contexto, o saber médico foi um dos mais importantes para a legitimação da educação física no Rio de Janeiro do final do século XIX. Ainda segundo a historiografia, a ginástica foi um dos elementos mais importantes da educação física. Neste trabalho, buscamos compreender as propostas de ginástica por parte do saber médico entre os anos de 1870 até 1879. Os documentos tornados fontes do conhecimento histórico foram os artigos publicados em periódicos médicos do Rio de Janeiro no período pesquisado, mais especificamente, os *Annaes Brazilienses de Medicina*, *Progresso Médico* e a *Revista Médica*. De acordo com a documentação pesquisada a ginástica deveria ser um dos métodos para se alcançar a educação física que estaria intrínseca a construção de uma educação integral (a educação voltada ao físico, ao intelecto e à moral). Após a guerra do Paraguai a preocupação com a formação do corpo físico forte entrou na agenda, pois estava associada à proteção e criação/manutenção da integridade do Brasil, com isso objetivou-se despertar na população a vontade de se conquistar esse corpo físico para proteger a nação. A ginástica não só era vista como um agente em potencial para a criação de um espírito nacionalista em que homens pudessem ser fortes o suficiente para defender e honrar sua pátria, como também para desenvolver as atividades do cotidiano que exigiam, sobretudo, um corpo forte e saudável. Nessa perspectiva, há de se perceber que o ensino da ginástica não estava associado somente aos aspectos físicos da educação, ela também estava intimamente ligada a formação intelectual e moral da infância, e mesmo quando relacionada à dimensão física, ela não visava somente o aumento de força para os combates. A ginástica defendida pelos médicos foi criada em contraposição a outro modelo já existente, a ginástica circense, vista como de menor valor e considerada como um método não higiênico de abordar a educação física. Segundo as fontes, a ginástica educativa não era qualquer ginástica, era um modelo baseado no saber médico que por consequente se respaldava no conhecimento científico de saberes como os fisiológicos e anatômicos. Nesse sentido, Sr. Alexis Sluys, que na época foi uma grande personalidade no meio educacional, afirma que o ensino da ginástica era a base para a educação geral, e também era defesa entre os médicos de que a escola, no Ensino Primário e no Secundário, deveria ser um espaço para o ensino da ginástica. Por outro lado, havia um pensamento que a força física não era almejada por pessoas que continham a “inteligência”, e sim por pessoas que eram consideradas detentoras de gostos vulgares e duvidosos. Analisamos então, uma sociedade brasileira em meio a um período de disputas entre os saberes que buscavam a legitimação, onde eram estabelecidos os conflitos entre o saber



médico, o saber circense e o saber militar sobre a ginástica. Mesmo o saber médico sendo pautado no conhecimento científico, o mesmo não era totalmente consolidado e hegemônico na sociedade, buscava ganhar espaço entre tantos outros saberes que detinham diversas estratégias em seus discursos a fim de persuadirem as pessoas. Não é correto nos basearmos na contemporaneidade e cometer o anacronismo de pensar que o conhecimento científico tinha a aceitação da maior parte da sociedade e que por isso o saber médico era legitimado.

Para estudos posteriores, torna-se necessária uma análise mais minuciosa das fontes no que diz respeito a relação da ginástica entre os sexos feminino e masculino, assim como a melhor compreensão dos modelos de ginástica em diferentes idades (infância, puberdade, adulta e velhice), o que podemos antecipar é que a prática da ginástica pelas mulheres era bem específica e apresentava algumas disparidades quanto comparada a dos homens, era voltada ao âmbito da maternidade. Segundo a documentação, a falta de comprometimento com a ginástica, por parte das mulheres, as tornava enfraquecidas e inaptas à concepção, bem como, para a missão de gerar filhos fortes para uma nação, o que ressalta o caráter eugênico no que tange a construção de uma identidade nacional.

Palavras-chave: História; ginástica; educação física.



## **TREINAMENTO DE FORÇA COM DUPLA TAREFA (DUAL-TASK): ADAPTAÇÕES MORFOFUNCIONAIS, COGNITIVAS E HORMONAIS EM IDOSOS SAUDÁVEIS**

Luz Albany Arcila Castaño, Vivian Castillo De Lima, Marco Carlos Uchida  
Gepefan, Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas.

A população idosa no mundo está aumentando cada vez mais, sendo assim ações públicas voltadas ao envelhecimento vem sendo cada vez mais estudadas. (BENEDETTI, GONÇALVES, MOTA, 2007) O envelhecimento pode ser entendido como um processo dinâmico e progressivo, caracterizado tanto por alterações morfológicas, funcionais, psicológicas e bioquímicas (GOODPASTER, et al, 2006), as quais determinam a progressiva perda da capacidade de adaptação ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e incidência de patologias nos idosos. Ao conjunto de processos deletérios decorrentes do envelhecimento, dá-se o nome de “fragilidade”(MORLEY et al., 2013). Podemos caracterizar a fragilidade como uma síndrome com diferentes causas, identificada pela diminuição de força, rendimento físico e redução da função cognitiva, gerando maior dependência e menor qualidade de vida do idoso (MORLEY et al., 2013). No que tange a perda da cognição com o envelhecimento, destacamos as demências, que afetam de 5% - 8% da população de 65 anos e mais de 30% da população acima de 85 anos (FERRI et al., 2005). O exercício de força possui grande impacto no aumento/manutenção da massa muscular e função física na população idosa (CRUZ JENTOFT et al., 2010), além de promover adaptações benéficas para a cognição (CASSILHAS, TUFIK, DE MELLO, 2016). A dupla tarefa é definida como o ato de realizar duas tarefas simultaneamente, sendo uma primária de cunho motor (atividade física) e uma secundária de cunho cognitivo. Este tipo de atividade é caracterizado pela necessidade da divisão da atenção em duas partes, exigindo desta forma maior foco (FATORI, LEITE, SOUZA, PATRIZZI, 2015). Objetivo: verificar se o treinamento força com dupla tarefa (dual-task) proporciona ganhos adicionais para a função cognitiva (em suas diferentes manifestações) quando comparado com o treinamento de força convencional em idosos. Métodos: Será feito neste estudo o treinamento força com população idosa (N= 45), sendo caracterizado como um estudo longitudinal com 6 meses de treinamento, três grupos (Treinamento de força [TF] [n= 15], treinamento de força com dupla tarefa [DTF] [n= 15], e grupo controle [CON] [n=15]). Serão avaliados aspectos físicos (força de pressão manual [FPM], teste de uma repetição máxima [1-RM] e composição corporal (pletismografia, BodPod® ); aspectos funcionais (Testes de velocidade da marcha [VM], time up and go test [TUG], time up and go test cognitive [TUG cognitive ], teste de potência muscular [Five Times Chair Stand], teste de equilíbrio unipodal; aspectos cognitivos (scenery Picture Memory Test [SPMT], Stroop teste, Cogstate , Questionários (Kihon Checklist [KCL PT-BR],- WHOQOL BREF e WHOQOL OLD; e aspetos hormonais (IGF-1, BDNF e Cortisol). Serão realizados três momentos de coletas ao longo das 24 semanas de intervenção (48 sessões). A primeira coleta será feita antes do início do programa de treinamento; a segunda coleta será feita ao final de três meses de treinamento; sendo a última coleta realizada após o encerramento da intervenção. O grupo CON realizará apenas uma aula de alongamento a cada



duas semanas, de baixa intensidade e volume, apenas para manter a adesão ao projeto. As sessões do TF serão realizadas com duração aproximada de 60 minutos e frequência semanal de duas vezes, durante 24 semanas, e intervalo mínimo de 48 horas entre as sessões na mesma semana. As intervenções DTF (cognitivo e físico) serão idênticas às TF, tendo somente à dupla-tarefa como variável dependente.

A partir da análise dos dados coletados antes, durante e após as intervenções será possível verificar quais as respostas ao treinamento força com dupla tarefa (dual-task) na função cognitiva (em suas diferentes manifestações) e física quando comparado com o treinamento de força convencional em idosos saudáveis e ao tempo de intervenção.

Palavras-chave: Envelhecimento; Dupla Tarefa; Treinamento de força, Cognição.

#### Referências:

Benedetti, Gonçalves, & Mota. (2007). A public policy proposal of physical activity [sic] for the elderly. *Texto & Contexto Enfermagem*, 16(3), 387–398.

Goodpaster, B., Park, S., Harris, T., & et al. (2006). The loss of skeletal muscle strength, mass and quality in older adults: The health, aging and body composition study. *J Gerontol A Biol Sci Med Sci*, 61, 1059–64.

Morley, J. E., Vellas, B., Abellan van Kan, G., Anker, S. D., Bauer, J. M., Bernabei, R., ... Walston, J. (2013). Frailty consensus: A call to action. *Journal of the American Medical Directors Association*, 14(6), 392–397. <https://doi.org/10.1016/j.jamda.2013.03.022>

Cruz Jentoft, A. J., Baeyens, J. P., Bauer, J. M., Boirie, Y., Cederholm, T., Francesco, L., ... Zamboni, M. (2010). Sarcopenia: consenso europeo sobre su definición y diagnóstico. *Informe del Grupo europeo de trabajo sobre la sarcopenia en personas de edad avanzada. Age and Ageing*, 39(4), 412–423.

Cassilhas, R. C., Viana, V. A. R., Grassmann, V., Santos, R. T., Santos, R. F., Tufik, S., & Mello, M. T. (2007). The impact of resistance exercise on the cognitive function of the elderly. *Medicine and Science in Sports and Exercise*, 39(8), 1401–1407. <https://doi.org/10.1249/mss.0b013e318060111f>

Fatori, C. de O., Leite, C. F., Souza, L. A. P. S. de, & Patrizzi, L. J. (2015). Dupla tarefa e mobilidade funcional de idosos ativos. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol*, 18(1), 29–37. <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2015.13180>



## **A CAPOEIRA NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE JAGUARIÚNA**

Marcelo Rodrigues do Prado Júnior, Mário Luiz Ferrari Nunes

Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas

O município de Jaguariúna estabeleceu-se com a utilização de trabalho escravo nas plantações de cana de açúcar e café, nas terras de coronéis, terras estas doadas por sesmarias no século XIX. Apesar da presença da população indígena e negra, no curso da história, os imigrantes italianos e portugueses terminaram por receber todas as honrarias pelo seu desenvolvimento. Por nomearem prédios, ruas, escolas, são vistos como heróis, enquanto aqueles que garantiram a possibilidade da sua existência, foram ocultados e assim permanecem até os dias de hoje.

Com a transmissão da história e cultura negra no âmbito escolar garantida pelas Leis 10.639 e 11.645, reforçou-se a importância da capoeira nos currículos escolares. Esta entendida como uma expressão da cultura afro brasileira enraizada na diáspora dos negros escravizados, tem sua importância consolidada nos dias atuais como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, ação promovida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e pela UNESCO. Além disso, dados demográficos indicam que hoje o município conta com uma população preta, parda e indígena de aproximadamente 30%. Fatos e indicadores que afirmam a capoeira como tecnologia cultural importante a ser tematizada no currículo da educação física (EF) nas escolas.

Nesta pesquisa, tencionamos identificar sua presença e analisar as experiências pedagógicas a respeito da capoeira no componente curricular de EF no município de Jaguariúna. Tomamos a capoeira como produto da cultura afro brasileira cuja história sofre perenemente um processo de apagamento, de desmemória, ficando à margem, na periferia, no rodapé das produções acadêmicas, fílmicas, literárias etc. A ocultação da cultura afro brasileira no currículo traz uma intencionalidade. Assim, torna-se urgente refletir sobre o modo como sua presença ou ausência está posta no currículo da rede municipal de ensino.

No desenvolvimento do estudo, realizamos um levantamento bibliográfico nas revistas de EF a partir do ano de 2003. A busca demonstrou que são poucas as publicações que versam acerca da capoeira, o que fortalece os objetivos desta pesquisa. Os dados indicam que, apesar de muitos esforços, o reconhecimento da contribuição da população de matriz africana na constituição da cultura brasileira ainda é incipiente e o que se vê, em muitos casos, é a invisibilidade de seus sujeitos nos espaços públicos e a apropriação turística de suas produções culturais.

Em seguida, mediante formulário online verificamos juntos aos professores (as) de EF da rede municipal de educação de Jaguariúna, atuantes nos Centros de Educação Infantil, Escolas Municipais de Educação Infantil e de Ensino Fundamental. Levantamos quantos e quais deles atuaram com a capoeira em seu plano de ensino. A partir deste levantamento, realizamos uma entrevista semiestruturada com os (as) professores (as) que abordaram o tema em suas aulas, a fim de conhecer as experiências pedagógicas proporcionadas aos (as) alunos (as). Os dados produzidos foram analisados por meio dos aportes conceituais das teorias de currículo e dos estudos curriculares específicos do campo da Educação Física.

Os resultados obtidos indicam que a capoeira se mostrou presente no componente



curricular das escolas de Jaguariúna por meio de oficinas e experiências desprovidas de ancoragem social, e, na maior parte das vezes, justificadas pelos saberes hegemônicos. O que notamos foram objetivos, eficientistas ancorados nas teorias desenvolvimentistas e da aptidão física. Aspectos que se caracterizam enquanto processo de desmemória e deslegitimação da cultura afro brasileira. Foi possível também desprender das entrevistas que essa condição ocorre por conta da formação universitária que os docentes tiveram. Formação marcada pelo absolutismo dos valores da cultura branca e pela não distinção das perspectivas curriculares que ancoram as ações didáticas. O resultado dessa formação pode ser visto nesta pesquisa. O que notamos foi a presença de discursos dos (as) professores (as) que reforçam a crise epistemológica da área, e alimentam um currículo constituído pela hibridização das perspectivas pedagógicas. Como efeito na prática, se não bastasse o predomínio nas aulas do componente das práticas corporais da cultura hegemônica, nos momentos que temas contra hegemônicos emergem, prioriza-se o saber-fazer, aborda-se seus elementos de forma asséptica, e termina por desconsiderar seus códigos culturais. Dentro desta perspectiva, a capoeira na escola fragiliza a cultura afro brasileira e fortalece a invisibilidade da luta de seus sujeitos. Concluímos a necessidade da construção de um olhar crítico para a formação inicial e continuada, que combata tanto a ausência da cultura negra como da despolitização do currículo.



## INFÂNCIA E RESISTÊNCIA: SIGNIFICANDO AS PRÁTICAS CORPORAIS INFANTIS

Marina Contarini Boscariol, Mário Luiz Ferrari Nunes  
Universidade Estadual de Campinas

Este estudo tem por objetivo significar de que forma as crianças operam resistência sobre as concepções de corpo e infância presentes nos documentos curriculares para a Educação Infantil e na prática docente de escolas de educação infantil na cidade de Campinas. Esta pesquisa é de análise qualitativa e será realizada a partir de uma etnografia – *flâneur reflexivo* – observando as crianças em seus contextos do cotidiano escolar em uma escola de Educação Infantil no Município de Campinas, ao mesmo tempo em que será feita uma análise dos documentos: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil; Diretrizes Curriculares de Campinas para a Educação Infantil; e o documento Curricular da Escola de Educação Infantil selecionada para as observações. A análise feita investigará as concepções de corpo infantil; cultura infantil; e movimento, presentes nos mesmos. Os resultados desta análise servirão de fundamentação para o olhar etnográfico, o qual irá identificar de que forma as(os) professoras(es) traduzem essas concepções presentes nestes documentos para o cotidiano da escola. Sendo, assim, possível significar as práticas de resistências das crianças partindo da significação das formas com que elas borram estas concepções de corpo, cultura e movimento presentes nos documentos e na prática escolar. Entende-se por meio de uma concepção moderna, a infância como um momento na vida de um ser no qual este se encontra em desenvolvimento, considerando-o um futuro membro de uma sociedade de produção e consumo. Ao atribuir-se significados a infância cria-se uma identidade do ser criança que ao mesmo tempo que é reforçada pelos meios de regulação presentes na sociedade são contestadas por aquelas crianças que não possuem os requisitos do “ser criança”, pensados aqui, como, os “Outros da infância”. Duschatzky e Skliar (2000) propõe três formas de diversidade anunciadas considerando os imaginários sociais atuais e o estabelecimento de relações entre as pessoas: “o Outro como fonte de todo mal”, “o Outro como sujeito pleno de uma marca cultural” e “o Outro como alguém a tolerar”, interessa-nos aqui o primeiro, descrito pelos autores como sendo efeito da regulação de costumes e moralidades que constroem as identidades, expulsando todos aqueles que não compartilham destes requisitos. Estas representações atribuídas ao ser criança são fixadas por meio de instituições disciplinares, sendo uma delas a escola. Em termos espaciais pensamos o elemento da disciplina como uma forma geral de organização da escola, sendo as filas de pátio; as filas de carteiras; e os cargos dispostos no ambiente escolar como o de inspetor de corredor, exemplos destes elementos. Outra forma de entendermos o controle das condutas é voltarmos o olhar para os documentos curriculares, como será feito no presente trabalho, de modo a identificarmos o cerceamento que permite apenas acontecimentos que estão previamente dados pela possibilidade da instituição de ensino. No caso da Educação Infantil, tomamos como exemplo a mediação de brincadeiras feita pelas(os) professoras(es), prevendo certos fins que não a experiência do brincar em si, mas o desenvolvimento de aspectos funcionais que preparem a criança para a vida posterior. Os “Outros” da infância, aqueles que escapam deste cerceamento ao longo da vida escolar, que não se encaixam nos padrões de desenvolvimento infantil vão sendo rotulados e submetidos a algumas medidas que tem a



função de enquadrá-los. Como se deixar a criança viver a potência da infância fizesse mal aos padrões de normalidade da instituição e/ou da sociedade. A partir de Dornelles (2010) penso que a prática pedagógica na Educação Infantil possa potencializar o *dever-criança* ou *criançar* como um processo de afirmação da vida. Permitir que a criança borre as concepções de infância instaurados pela modernidade e viva intensamente o processo de ser criança não pelo vir a ser, mas pelo que ela em si representa. Desse modo este trabalho pensa significar essas formas de resistência que borram as concepções de infância, cultura e movimento, no sentido de ouvir os que as crianças têm a dizer sobre elas mesmas. Entendendo que identificar as possíveis formas de operação de resistência destes corpos dentro destas instituições possa contribuir com a construção de uma prática pedagógica que potencialize o *criançar*.





## **EPISTEMOLOGIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA: ANÁLISE DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO NO ESTADO DA PARAÍBA**

Manoel Francisco do Amaral

Rosana Helena Nunes

Universidade Estadual de Campinas

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar os resultados de uma pesquisa epistemológica, realizada pela equipe do estado da Paraíba, a qual procurou rastrear a produção do conhecimento, de mestres e doutores que atuam nos cursos de educação física nesse estado, inclusive as condições para a sua realização. Para tanto, foi preciso resgatar o processo histórico, articular os elementos epistemológicos e políticos que sustentam os programas da pós-graduação no Brasil, com o objetivo de revelar as instituições do estado da Paraíba, que oferecem o curso de Educação Física, nome, siglas, total de docentes dessas instituições, titulações, localização e percentual das produções oriundas da região nordeste, sudeste, outras regiões do Brasil e exterior, os programas onde foram defendidas as produções dos mestres e doutores das instituições que oferecem educação física na Paraíba, inclusive os grupos de pesquisas, as teorias utilizadas ou elaboradas na realização das pesquisas, a concepção de ciência, critérios de cientificidade, objetividade/subjetividade, concepção de temporalidade, historicidade, de espaço, realidade, visão de mundo, homem, sociedade, educação, educação física e as abordagens epistemológicas predominantes. Essa pesquisa está relacionada à Linha de Pesquisa “Epistemologia e Teorias da Educação”, do Grupo Paideia, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, a qual tem como um dos objetivos a realização de “balanços críticos sobre a produção científica em educação, suas tendências epistemológicas e teórico-metodológicas”. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa. Assim, foi necessário partir de uma leitura contextualizada, análise, interpretações de dados, articulações críticas, entendimentos e releituras. Quanto à dimensão das fontes, pode-se apontar que tal pesquisa utilizou-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, realizada a partir de registros disponíveis, decorrentes de pesquisas anteriores. Quanto ao método científico, adotou-se a concepção crítico-dialética, para a qual, é de suma importância respeitar a história, o contexto em que os fatos acontecem. A partir dessa abordagem, foram consideradas as categorias de temporalidade, historicidade, evolução e transformação, para explicar os fenômenos. Trata-se de uma meta-análise, ou seja, um dos seus objetivos dessa pesquisa foi o de analisar a produção de outras pessoas, partindo do olhar crítico e rigoroso. Para a sua realização, tomou-se como referência o “Projeto Temático Produção do conhecimento em Educação Física: impacto do sistema de pós-graduação das regiões sul e sudeste do Brasil na formação e produção de mestres e doutores que atuam nas instituições de ensino superior da região nordeste”, também chamado de “EPISTEFNORDESTE”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo- FAPESP. Os objetos de estudo foram pesquisas realizadas pelos mestres e doutores que atuam no estado da Paraíba. Assim, a partir do rastreamento e com base nos resultados parciais, pretende-se demonstrar: as instituições do estado da Paraíba que oferecem o curso de Educação Física, nome, siglas, total de docentes que atuam nas instituições, titulações, a localização e percentual das produções oriundas da região nordeste, sudeste, outras regiões do Brasil,



programas onde foram defendidas, grupos de pesquisas, teorias utilizadas ou elaboradas, concepção de ciência, critérios de cientificidade, objetividade, subjetividade, a concepção de temporalidade, historicidade, espaço, realidade, visão de mundo, homem, sociedade, educação, educação física e as abordagens epistemológicas predominantes. Importante ressaltar que durante o processo de realização da pesquisa foi preciso mapear as produções disponíveis, localizar e baixar resumos, localizar e baixar textos completos em pdf, localizar os currículos Lattes e verificar além de outras informações, sua atualização e o ano em que ocorreram. Portanto, compreende-se que seja de relevância a produção desse trabalho pelo fato de o mesmo proporcionar o balanço parcial do que se identificou na pesquisa relacionada ao “Projeto Temático Produção do conhecimento em Educação Física: impacto do sistema de pós- graduação das regiões sul e sudeste do Brasil na formação e produção de mestres e doutores que atuam nas instituições de ensino superior da região nordeste”, haja vista que a divulgação dos resultados da pesquisa, a qual foi concluída em 2015, foi um compromisso firmado com a instituição de fomento, FAPESP e publicado na obra *Produção do conhecimento na Educação Física no Nordeste Brasileiro: o impacto dos sistemas de pós-graduação na formação dos pesquisadores da região*, em 2017.

Palavras-chaves: Epistemologia; Paradigma; Epistemologia da Educação; Epistemologia da Educação Física.



## PLANEJAMENTO DE PROJETOS SOCIAIS EM DANÇA

Bianca Blanco, Olívia Cristina Ferreira Ribeiro  
(FEF/Universidade Estadual de Campinas)

O Brasil é um país que sofre com a grande desigualdade social. Segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano de 2011, o Brasil foi classificado como o 75º país com o melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do mundo, porém, em relação à desigualdade social, o país foi classificado como o menor da América Latina.

O Estado não consegue atender a todas as demandas sociais e transfere suas responsabilidades para o terceiro setor, que oferece diversos serviços compensatórios às comunidades de vulnerabilidade social. Houve, assim, um aumento do terceiro setor no Brasil representado por diferentes tipos de organizações.

O lazer é um direito social previsto pela Constituição de 1988 e, por isto, o Estado deveria assegurar o seu acesso para todos os cidadãos. Porém, a constante preocupação econômica da população pobre hierarquiza as necessidades humanas, o que coloca o lazer como privilégio para as camadas com maior poder aquisitivo. Nesse contexto, houve um aumento significativo de projetos sociais de lazer oferecidos por ONGs.

O planejamento é o primeiro passo para o desenvolvimento de um projeto social e a participação da comunidade nesse processo podem tornar os projetos sociais mais próximos das demandas dos beneficiados e contemplar o objetivo das instituições do terceiro setor. Em paralelo, a dança é uma prática corporal de lazer que tem várias possibilidades e pode possibilitar tanto um produto desvinculado da realidade dos beneficiados, quanto uma expressão da comunidade em si.

A partir da importância do lazer como direito social e demanda do terceiro setor, da necessidade de um planejamento eficaz para os projetos sociais, bem como da dança como uma prática corporal, a presente pesquisa teve como objetivo analisar as características do planejamento dos projetos sociais de dança realizados por ONGs da cidade de Campinas/SP. Pretendeu verificar quais as modalidades de dança abordadas, quais as despesas e fontes de financiamento e como se dá a participação da comunidade beneficiada nas etapas do desenvolvimento. Também objetivou levantar as dificuldades que tais projetos enfrentam em sua implementação.

Foram realizadas pesquisa bibliográfica e documental combinada com a pesquisa de campo, esta por meio de entrevistas semiestruturadas com gestores e educadores de três ONGs que ofertam projetos sociais em dança da cidade de Campinas/SP. Os dados foram analisados por meio da análise temática.

Foi visto que os projetos sociais apresentam quatro etapas no processo de planejamento: a formulação, a implementação, o monitoramento e a avaliação. A participação da comunidade no processo de planejamento está presente nas instituições pesquisadas e é um fator que auxilia a atender as reais demandas do beneficiado. Não há delimitação de uma única modalidade de dança e a escolha desta tem relação com as necessidades do público beneficiado.

Os resultados apontam que a principal dificuldade das entidades é o financiamento dos projetos, o que vai além do processo de planejamento. Todas as entidades têm em vigência



um projeto recente, mas que foi reconfigurado a partir de um projeto anterior. Essa instabilidade se dá justamente pelos recursos inconstantes recebidos pelo primeiro e segundo setor. A Prefeitura de Campinas/SP é principal fonte de financiamento das entidades, o que evidencia um aspecto neoliberal do terceiro setor. Então há uma transferência de funções e responsabilidades do Estado para o terceiro setor e o financiamento que minimamente este promove é inconstante e insustentável, o que influencia diretamente nas ações das ONGs que não conseguem se manter estáveis.

#### Referências

COELHO, E. R. BORGES, F. MONTEIRO, S. *Gestão de projetos sociais no campo do lazer por organizações do terceiro setor*. In: MONTEIRO, M. DIAS, C. Lazer e periferia: um olhar a partir das margens. São Gonçalo, RJ: Instituto Usina Social, 2009.

COUTO, A. C. P. COUTO, M. A. *A gestão de projetos sociais e o lazer*. In: ISAYAMA, H. F. SILVA, R. S. Estudos do lazer: um panorama. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011. MELO, V. A. *Lazer, cidade e comunidade*. UniSESI. Brasília, 2005.

\_\_\_\_\_. *Projetos sociais de esporte e lazer: reflexões, inquietações, sugestões*. Revista Quaderns d'Animació i educació social, n.7, Jan/2008.

MORGAN, L. BENEDICTO, G. C. *Um Estudo sobre a Controladoria em Organizações do Terceiro Setor na Região Metropolitana de Campinas*. Revista de Administração da UNIMEP - v.7, n3., Set/Dez, 2009.

OLIVEIRA, S. B. *Ação social e terceiro setor no Brasil*. Dissertação (Mestrado em) PUCSP. São Paulo, 2005.

Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas. *Relatório de Desenvolvimento Humano 2015*. Disponível em: [http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr15\\_overview\\_pt.pdf](http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr15_overview_pt.pdf). Acesso em: 6 de Novembro de 2016.

SANTOS, F. C. AMARAL, S. C. F. Sobre lazer e políticas sociais: questões teórico-conceituais. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 13, n. 3, 2010.



## **PERFIL DE FRAGILIDADE EM IDOSOS FREQUENTADORES DE ACADEMIAS DA TERCEIRA IDADE**

Kleber Rodolfo Albino Ferreira<sup>1</sup>, Luís Felipe Milano Teixeira<sup>1</sup>, N. M. Ferreira<sup>2</sup>, Ricardo Aurélio Carvalho Sampaio<sup>1</sup>,  
Marco Carlos Uchida.<sup>1</sup>

<sup>1</sup>FEF- Universidade Estadual de Campinas

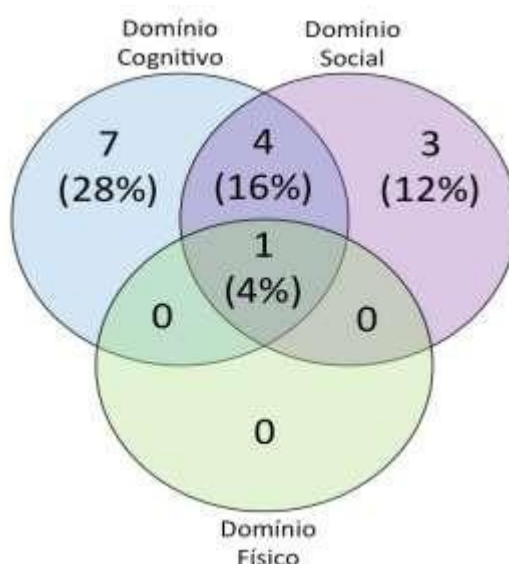
<sup>2</sup>Fisioterapia-UNIP

Com o aumento da população idosa, cada vez mais idosos fragilizados estarão vivendo entre nós. Assim pensar em intervenções que possam prevenir ou amenizar esse fenômeno torna-se fundamental. Cruz- Jentoft et al. (2010), enfatizaram que o conceito geral de fragilidade vai além de fatores físicos e compreende também domínios psicológicos e sociais, incluindo o perfil cognitivo, suporte social e outros fatores ambientais. Segundo Morley et al. (2013), a fragilidade é uma condição reversível que pode melhorar ou piorar em relação ao tempo e que é composta por fatores físicos e psicológicos, além da combinação dos dois fatores. Nesse sentido, entender como os diferentes domínios que envolvem a fragilidade nos idosos se comportam é de suma relevância. Assim, o objetivo do presente estudo foi identificar o perfil de fragilidade física, social e cognitiva de idosos praticantes de atividade física em Academias da Terceira Idade do município de Campinas. Para tal, 25 idosos (15 homens e 10 mulheres), com idade entre 60 - 80 anos foram submetidos ao questionário Kihon Checklist. Este permite identificar os domínios de fragilidade física, social e cognitiva, além de fornecer dados sobre atividades Instrumentais da vida diária, condição oral, nutrição e humor. O questionário foi aplicado junto aos frequentadores espontâneos das Academias da Terceira Idade nos seguintes locais, a saber: i) Centro de Vivência do Idoso; ii) Portão 1 da Lagoa do Taquaral; iii) Praça de Esportes dos Trabalhadores; e iv) Praça de Recreação da Vila Costa e Silva. Os indivíduos eram convidados a participar da pesquisa e, após o devido esclarecimento sobre os objetivos e métodos do estudo, era assinado o TCLE e, então, realizado o preenchimento do questionário pelo idoso. Como tratamento estatístico foi utilizada estatística descritiva para identificar a distribuição da amostra em relação aos domínios de fragilidade, os dados são apresentados na forma de gráfico de intersecção. Os dados demonstram que 24%(n=6) da amostra estudada apresenta fragilidade de acordo com o Kihon Checklist. Contudo, ao analisar os dados por domínio de interesse, observou-se que, em relação ao domínio físico 4% (n=1) apresentaram fragilidade, já em relação ao domínio cognitivo 48% (n=12) apresentaram fragilidade e, em relação ao domínio social, 32% (n=8) apresentaram fragilidade, associados ou não à fragilidade em outros domínios. Vale destacar que os resultados apontam para intersecções interessantes(Gráfico 1), a saber: i) 28% (n=7) apresentam fragilidade apenas no domínio cognitivo; ii) 12% (n=3) apresentam fragilidade apenas no domínio social; iii) 16% (n=4) apresentam fragilidade nos domínios social e cognitivo concomitantemente; e iv) 4% (n=1) apresentam fragilidade nos domínios social, cognitivo e físico concomitantemente. De acordo com a análise dos resultados nota-se que a fragilidade cognitiva é a mais prevalente enquanto que a fragilidade física é a menos prevalente no grupo estudado. Outro aspecto que merece destaque é o fato de a fragilidade no domínio físico se manifesta em associação à fragilidade nos domínios cognitivo e social. Desse modo, cabe questionar a cerca de que a fragilidade



física possa ser a última a se manifestar na amostra estudada. Tal levantamento chama atenção para o fato de que indivíduos idosos que já apresentam fragilidade nos domínios cognitivo e social ainda estejam preservados e robustos do ponto de vista físico, que frequentam as Academias da Terceira Idade e, em assim sendo, ações de política pública podem ser direcionadas à tais usuários no sentido de reverter o quadro de fragilidade cognitiva e social, reduzindo a possibilidade de tal comprometimento avançar aos demais domínios e aspectos da vida do idoso. Assim, concluímos que nos idosos praticantes de atividade física das Academias da Terceira Idade de Campinas a fragilidade cognitiva e social é mais prevalente que a fragilidade física. Desse modo, aproveitar o espaço e o momento de encontro para a prática de exercícios físicos para promover ações que objetivem reversão do quadro de fragilidade nos domínios sociais e cognitivos pode ser uma estratégia junto à essa população.

**Palavras chave:** Academia da terceira idade; Fragilidade; Idoso



**Gráfico 1.** Gráfico de intersecção da ocorrência de fragilidade em diferentes domínios.



## **EPISTEMOLOGIA NO NORDESTE BRASILEIRO: ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DO ESTADO DE PERNAMBUCO**

Rosana Helena Nunes, Manoel Francisco do Amaral  
Universidade Estadual de Campinas

O presente trabalho tem por objetivo apresentar resultados de produções científicas de Pernambuco em Educação Física. Trata-se de um estudo voltado à produção do conhecimento dos mestres e doutores de Instituição de Ensino Superior que atuam no Nordeste do país. Em outros termos, o objetivo desse estudo é o de apresentar resultados finais do Projeto Temático “Produção do conhecimento em Educação Física: impacto das regiões Sul e Sudeste do Brasil na formação e produção de mestres e doutores que atuam nas instituições de ensino superior da região Nordeste”, desenvolvido no Grupo Paideia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. A realidade do Nordeste do país, no que tange aos programas de pós-graduação stricto sensu, a escassez e concentração nas regiões Sul e Sudeste, justifica-se a hipótese sobre a influência de perspectivas teórico-metodológicas à interpretação da problemática da Educação Física das regiões menos desenvolvidas. Para tanto, justificam-se também os estudos sobre o impacto dos sistemas de pós-graduação concentrados, nas regiões Sul e Sudeste, na produção realizada pelos pesquisadores localizados no Nordeste, interferindo na compreensão da problemática específica da Educação Física na região. Para o estudo referente à produção científica do estado de Pernambuco, optou-se por estudar produções científicas, totalizando 142 produções), resultado de uma análise bibliométrica e epistemológica da produção do conhecimento em Educação Física. Esse estudo corresponde à continuação de uma pesquisa de pós-doutorado, realizada no Programa de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sobre a formação profissional do educador na área de Educação Física nos estados do Nordeste. E ainda, essa pesquisa relaciona-se à Linha de Pesquisa “Epistemologia e Teorias da Educação”, do Grupo Paideia, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, pesquisa referente à realização de “balanços críticos sobre a produção científica em educação, bem como tendências epistemológicas e teórico-metodológicas”. A pesquisa nasceu de um estudo de produções científicas, quando se adotou, como instrumental de análise, a matriz epistemológica. Escolheu-se, como problemática da pesquisa a formação do pesquisador na área de Educação Física. Os procedimentos metodológicos que fundamentam a análise centram-se no Materialismo Histórico Dialético, o método investigativo, o crítico dialético, tendo como percurso de estudos determinadas etapas investigativas para a sistematização do problema de pesquisa apresentado. Para essa análise crítica das produções, optou-se por estudar os itens das Planilhas II, IIIB, do Programa Excel, para apresentar tanto a formação inicial dos pesquisadores, programa vinculado à pesquisa, titulação e ano das produções científicas. Para análise crítica da Planilha IIIB, o foco foi o de apresentar a análise de pressupostos da matriz epistemológica, considerando os (inserir) itens constitutivos tais como: teorias utilizadas ou elaboradas na realização das produções, concepção de ciência, critérios de cientificidade, objetividade, subjetividade, concepção de temporalidade, historicidade, espaço, realidade, visão de mundo, homem, sociedade, educação, educação física e abordagens epistemológicas predominantes. Com relação à abordagem epistemológica, do



total de 142 produções localizadas no estado de Pernambuco, foi possível a análise de 80. Além disso, pôde-se analisar os dados das produções existentes, localização de resumos e textos completos em pdf, bem como o currículo Lattes dos pesquisadores envolvidos na produção científica do estado de Pernambuco. Assim, dada a necessidade de uma pesquisa dessa natureza, relevância e abrangência de estudos no que diz respeito à produção científica em Educação Física dos estados do Nordeste do país, esta foi finalizada em 2015, oriunda do “Projeto Temático Produção do conhecimento em Educação Física: impacto do sistema de pós-graduação das regiões sul e sudeste do Brasil na formação e produção de mestres e doutores que atuam nas instituições de ensino superior da região nordeste”. Estabeleceu-se, pois, o compromisso com a instituição de fomento, FAPESP, apresentação dos resultados da pesquisa realizada por meio da publicação da obra Produção do conhecimento na Educação Física no Nordeste Brasileiro: o impacto dos sistemas de pós- graduação na formação dos pesquisadores da região, em 2017.

Palavras-chave: Produção Científica; Tendência epistemológica; Matriz epistemológica; Epistemologia em Educação Física.





## **LUSO-BRASILIDADES IMAGINADAS: CLUBES E ASSOCIAÇÕES ESPORTIVAS DA COLÔNIA PORTUGUESA NA IMPRENSA PAULISTANA (DÉCADA DE 1930)**

Samuel Ribeiro dos Santos Neto

Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas

Em carta publicada no Correio Paulistano em 29 de Julho de 1937, uma longa lista de associações da colônia portuguesa expressavam ao ministro português dos Negócios Estrangeiros, em Lisboa, seu desgosto pela transferência para os EUA do então cônsul geral de Portugal em São Paulo, Dr. Jordão Maurício Henriques. Dentre as dezesseis entidades lusas que assinavam o texto, destacam-se três de caráter recreativo e esportivo: o Clube Português, o Portugal Clube e a Associação Portuguesa de Desportos. Casas de cultura, como os centros Trasmontano, do Minho, Beirão e do Douro também figuravam entre os remetentes. A correspondência é um exemplo da integração entre diferentes experiências associativas da colônia portuguesa e, para além disso, da atuação política que empreendiam, inclusive as associações de caráter recreativo e esportivo. Estas se propunham, principalmente, a congregar a colônia em torno de manifestações culturais, de eventos sociais e de práticas esportivas. O Portugal Clube e o Clube Português, por exemplo, destacavam-se pelas conferências com intelectuais portugueses de renome, por seus jantares dançantes e pelas suas equipes de esgrima. Já a Associação Portuguesa de Desportos destacava-se pela equipe de futebol e pelas festas joaninas que organizava anualmente, com música, danças e comida típica de Portugal. O presente trabalho utilizou a abordagem da história cultural para examinar de que forma esses espaços se relacionaram, na década de 1930, com as configurações e reconfigurações identitárias de uma luso-brasilidade. Como eixo de interpretação, foram utilizados os conceitos de práticas e representações, em sua indissociabilidade, nas perspectivas de Roger Chartier e Michel de Certeau. As fontes foram constituídas por veículos da grande imprensa paulistana do período (O Estado de S. Paulo, Correio Paulistano, Correio de S. Paulo), tendo em mente que suas publicações não são neutras e contêm disputas entre diferentes interesses e representações. Assim, a imprensa foi entendida como um espaço no qual as identidades nacionais eram configuradas e reconfiguradas, num processo dotado de tensões. Para analisar a questão das identidades, o estudo partiu do conceito de comunidade imaginada de Benedict Anderson, situando-as no campo do simbólico e do imaginário, e na ideia de identidade hifenizada trabalhada por Jeffrey Lesser, encarando-as como plásticas e negociáveis. A interpretação das fontes permitiu observar três aspectos em relação ao papel das associações e clubes portugueses de São Paulo nas negociações identitárias acerca da luso-brasilidade. O primeiro aspecto diz respeito ao papel mais evidente dessas instituições: a congregação de membros da colônia por meio da difusão de valores e de práticas culturais lusitanas, como palestras e conferências sobre datas históricas de Portugal (a Restauração, a Batalha de Aljubarrota, a travessia do Atlântico por Sacadura Cabral e Gago Coutinho, entre outras), festas típicas e organização de grupos de cultura regional, particularmente relevantes nas casas de culturas como o Centro Trasmontano. O segundo aspecto observado revelou que tais instituições exerciam, para além dessa influência cultural, uma influência política sobre a colônia. Os clubes e associações esportivas e recreativas agiam de modo integrado com outras entidades lusitanas, como a Câmara Portuguesa de Comércio, e participavam ativamente de eventos de caráter político, como a recepção de autoridades diplomáticas, militares e intelectuais de Portugal, além de solenidades



e festejos dedicados a tais indivíduos. Por fim, o terceiro e mais relevante aspecto de nossa análise revelou que essas experiências associativas, bem como as representações que a imprensa fazia delas, dialogavam com um processo de hifenização da identidade da colônia, isto é, da negociação de uma luso-brasilidade. Eram comuns eventos que se organizavam em torno de elementos de ambas identidades nacionais (brasileira e portuguesa), como o baile caipira-lusitano do Portugal Clube em 1934. Nas publicações dos jornais, transpareciam referências explícitas à luso-brasilidade nas divulgações das atividades clubísticas, fosse pelas palavras dos próprios dirigentes entrevistados ou pelos discursos presentes nos textos das notas e reportagens. O que foi possível notar, em suma, é que os clubes e associações da colônia portuguesa em São Paulo cumpriram, na década de 1930, múltiplos papéis de configuração e negociação das identidades daquele grupo, tanto do ponto de vista da orientação política quanto das fronteiras simbólicas de uma luso-brasilidade imaginada. Esses papéis se revelam não só nas práticas que eram levadas a cabo naqueles espaços, mas também no modo pelo qual elas eram representadas na grande imprensa.



## **DOS PASSEIOS, PIQUENIQUES E PESCARIAS AOS CLUBES: A CONSOLIDAÇÃO DO ESPORTE NOS RIOS DO ESTADO DE SÃO PAULO (1899 – 1940)**

Daniele Cristina Carqueijeiro de Medeiros  
Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas

Os rios do Estado de São Paulo, no período aqui recortado, foram palco de inúmeros divertimentos que se realizavam ao lado de um extenso universo de trabalho. Esta pesquisa tem como objetivo analisar as transformações ocorridas no âmbito dos divertimentos que culminaram na consolidação do esporte moderno, sobretudo, a partir do surgimento de clubes e competições esportivas à beira dos rios. Nossa pesquisa examina os clubes paulistas que foram construídos às margens dos rios Pinheiros e Tietê, pioneiros na participação de provas de regatas e natação.

Estes rios foram fundamentais ao crescimento da São Paulo que nascia às suas margens, pois facilitavam o transporte e forneciam matéria prima às construções em seu entorno, além de se constituírem como fonte indiscutível de alimentação. Esta cidade foi estabelecida em um entroncamento de mananciais, o que deu a ela diversos privilégios com relação aos transportes e instalação de centros populacionais. Ao longo deste período, estes rios foram objeto de inúmeras e diversificadas intervenções urbanas, desde a mudança de seus cursos, o alargamento de suas margens, até a construção de ancoradouros específicos para as competições de remo e regatas. Uma das consequências mais marcantes destas intervenções foi a crescente poluição de suas águas que, ao final da década de 1940, acabou por inutilizá-los em diversos aspectos, inclusive para a prática de esportes e outros divertimentos.

As primeiras décadas do século XX marcaram um período de intensas transformações na cidade, principalmente na tentativa de organizar e redesenhar o espaço urbano. O anseio de se modernizar, de acordo com os preceitos das cidades europeias tomadas como modelo, vinha a cabo através da expansão de ruas e avenidas, aterramento das várzeas, construção de pontes, prédios e edifícios, arborização da região central. Entretanto, esta modernização não se deu só no âmbito da malha urbana e da higiene: um sem número de costumes, modos de divertimentos e mesmo maquinários e equipamentos fora importados da Europa e incorporados ao cotidiano paulistano. Em meio a estes elementos, se encontrava o esporte.

Símbolo de um modo de vida urbano e republicano, o esporte serviria bem aos intentos de uma sociedade brasileira que pretendia se inserir na modernidade. Nos países em que os esportes primeiro se organizaram, como Inglaterra, França e Estados Unidos, a estruturação do esporte moderno se ligou a elementos como a nova dinâmica dos tempos sociais, o crescimento das cidades, as relações com o corpo, as novas formas de lidar com o tempo; enfim, com algumas dimensões que marcavam as novidades da vida urbana nestes países. Foi por conta destas características que os esportes foram incorporados ao cenário das cidades brasileiras desde fins do século XIX, assegurando-se, é claro, as tensões provenientes dos novos sentidos e significados atrelados a esta prática.

Nesse ínterim, diversos clubes foram nascendo nas margens dos rios aqui estudados, transformando, pouco a pouco, as práticas ali realizadas e permitindo a difusão dos esportes. As inúmeras intervenções e mudanças no curso destes rios, em especial o rio Tietê, acabaram por estabelecer uma grande extensão do rio sem curvas ou entraves, o que facilitava a



instalação de clubes à sua margem e a disputa de provas de natação e regatas.

Em 1899 foi fundado o “Clube Espéria”, o primeiro às margens do rio Tietê. Depois disso, ao longo das primeiras décadas do século XX, inúmeros clubes, constituídos por imigrantes, operários ou membros das altas classes paulistanas foram se instalando às margens desses rios, especialmente ligados à prática do remo e da natação. Assim, as práticas outrora realizadas às margens e mesmo dentro dos rios, como piqueniques, festas, passeios, nado, transporte, tiveram seus sentidos alterados e redimensionados.

É desse universo, dos divertimentos, clubes e práticas esportivas nos rios que nos ocuparemos nessa pesquisa, tomando como fontes principais: Atas, documentos e registros dos clubes esportivos; Legislação sobre os rios; Jornais “Gazeta Esportiva” e “Correio Paulistano”; Revistas “Educação Physica”; “Sports”, além de imagens tais como fotografias, pinturas e publicidade presentes nos acervos pesquisados, especialmente os acervos dos clubes aqui analisados. Trataremos, também, do âmbito de outros artefatos da cultura material relativos ao esporte existentes nos acervos pesquisados.



**NEM SÓ DE ARTE VIVE A BOLA:  
A COPA DE 1982 PELO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO**

Harian Pies Braga

Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas

Com a leitura do jornal *A Folha de São Paulo*, um dos principais periódicos brasileiros da época, este trabalho para debater como a construção de identidade nacional ocorreu na Copa do Mundo FIFA de futebol masculino em 1982. A escolha por essa Copa do Mundo justificase pelo intenso processo de espetacularização em curso no futebol no início dos anos de 1980, que faz com que as competições nacionais e internacionais tenham um alcance cada vez maior no público e no impacto cultural. A isso soma-se a imagem de que aquela foi uma das melhores representações do futebol arte no Brasil, tendo sido um marco positivo no que é o estilo nacional de futebol, apesar de não conseguir obter grande êxito esportivo; em suma demonstrou-se um local de memória que corroborou com uma imagem interna e externa do que seria o “verdadeiro” estilo nacional brasileiro de futebol, legitimando discursos pretéritos e projetando futuras imagens do esporte como discurso horizontal. Esse discurso do que é o futebol brasileiro é um discurso que por vezes se confunde com a própria ideia do que é o Brasil, num movimento de criação de imagens legítimas ao mesmo tempo em que se silencia campos que não se adequam ao instrumental identitário. Por isso, o resultado esportivo torna-se parte de um processo muito mais amplo, que engloba a própria ideia de nacionalidade e que tem peso em momentos de transformação social abrupta como é o caso do período de Redemocratização, em curso no início da década de 1980.

A pesquisa atentou-se à seção de esportes e aos interlocutores do passado, vozes que surgem para legitimar uma concepção de futebol que responde não somente às demandas do jogo, mas também do pensamento social brasileiro. Como vozes do passado guardam um duplo papel, pois ao mesmo tempo em que são guardiãs inequívocas da memória coletiva, como uma espécie de repositório especial e legítimo, são também, ao mesmo tempo, um palco para construção de novas imagens. Um jornal de grande circulação, tem a possibilidade de mobilizar opiniões com veemência e a partir dessa mobilização criar imagens que geram um novo fato histórico, que longe de ser inventado, é parte do processo de memória e de história que é amplo e de diferentes locais. O jornal, no entanto, não deixou de demonstrar que tensões estão em curso e que o treino e a tática também foram agentes presentes na forma que se construiu aquele campeonato, o que demonstra que antes de se ter uma imagem única do que é o futebol brasileiro, temos uma miríade de possibilidades e que elas não se encerram apenas num biônimo força x arte, tão comumente retratado. Estavam em voga também tensões na dimensão do trabalho, das relações sociais entre atletas e imprensa e a própria ideia de amor e de honra a pátria.



## DAS NECESSIDADES DE UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Iggor Taddeu Bahiense Fernandez, Ravine Carvalho Pessanha Coelho da Silva,  
Felipe Lameu dos Santos, Valéria Nascimento Lebeis Pires  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

O Tordo, um pássaro de hábitos curiosos, com o qual uma lição se pode aprender, é capaz de cantar de três formas distintas: [1] o canto de acasalamento, que ocorre quando machos disputam infatigavelmente pela fêmea, que parece escolher de acordo com a harmonia e potência dos machos que por ela disputam; [2] o canto de território, em que novamente vemos uma situação de disputa, mas que tem seu foco voltado aos domínios da ave; e [3] o canto ao sol, que com uma beleza distinta e sublime parece reverenciar ao grande-astro duas vezes ao dia: no crepúsculo e na aurora. Podemos ver que dois desses cantos apresentam características objetivas à vida do tordo, enquanto o terceiro, este parece reservar-se à própria subjetividade. Os primeiros são de grande utilidade à vida dos tordos, o último, além da inutilidade orgânica, apresenta um grande risco à vida destes, pois é justamente na eminência da ausência de luz, na eminência de ser deflagrado por seus predadores que eles se manifestam, que eles cotidianamente parecem celebrar a vida. Finalmente, assim como os tordos somos nós, alguns de nossos cantos serão de grande utilidade, ao passo que alguns: apenas estética, mas de tamanha beleza, que garantem a satisfação interna de estarmos de acordo com a própria existência. Parece razoável afirmar que o objetivo de vida dum sujeito rume no sentido das melhores condições para sua existência. E dessa forma, Aristóteles nos propõe em sua obra *Ethica Nicomacheo* conceito de *eudaimonia*, o qual se refere a um estado de sumo bem individual. Assim, ele define eudaimonia como: a atividade da alma em consonância com a virtude mais completa e perfeita; sendo a virtude: uma disposição de agir que tende a levar à alma a ação mais harmônica, a fim de pôr-se no meio, entre excessos e faltas. Desse modo, munidos com o conceito da eudaimonia aristotélica, veremos que qualquer atividade humana que vise o próprio desenvolvimento deve minimamente buscar proporcionar as condições para que o sujeito possa progredir no campo de suas virtudes, em afinidade com as próprias potências, desenvolvendo-se rumo ao aperfeiçoamento de si mesmo. Nesse sentido – também acrescentará Spinoza em sua *Ética* – “agir absolutamente por virtude nada mais é do que agir segundo as leis da própria natureza.” e ainda que, esse agir virtuosamente necessariamente será pelas vias da razão, a qual é a ferramenta capaz de livrar-nos dos afetos, os quais perturbam a harmonia do ser com oscilações inadequadas de suas potências de agir – conceito utilizado por ele em alusão as energias ativas de um ser – que em poucas palavras definiriam a própria existência, ou seja, o ser como fluxo energético. Destarte, ele irá tratar os afetos, que aqui representam as paixões, como ideias confusas das quais apenas a razão poderá nos livrar, pois tão mais adequada será uma ideia quanto mais clara e distinta ela for. E nesse sentido deverá dirigir-se o desenvolvimento humano: adequando as próprias ideias por meio do conhecimento dos próprios afetos, aumentando a potência da mente, num processo de esclarecimento que leva à autonomia e naturalmente à liberdade do indivíduo. A posição kantiana afirma ainda que: dentre todos os animais, os seres humanos parecem ser os que apresentam maiores níveis de dependência para o próprio desenvolvimento, sua essência clama pela emancipação e liberdade, diferenciando-se dos demais animais pela capacidade de



“pôr-se fins”, ultrapassando os limites de sua natureza material. Contudo, os níveis de acesso à cultura e à educação irão propiciar, ou não, tais condições; como ele afirma: “*o homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação, ele é aquilo que a educação faz dele*”. Kant ainda irá propor que a prática pedagógica deverá rumar no sentido da autonomia do educando e para tal deverá ser uma prática libertadora, corroborando com a perspectiva de Spinoza que propõe o desenvolvimento humano a partir de ganhos epistêmicos. Que somadas aos conceitos aristotélicos que definem o ser como uma entidade indissociável, veremos que uma educação que vise a liberdade perpassa por ganhos de conhecimento abrangente, propiciando o desenvolvimento do corpo e da alma. Uma prática que respeite as especificidades individuais e que esteja distante desses ciclos de efetividades em que os conhecimentos parecem ter de se encaixar de acordo com as necessidades sociais, onde os corpos e as subjetividades da mente são postos de lado. Como se educássemos à tordos, reservando o espaço para as inutilidades objetivas aos nossos olhos, pois é apenas aí que se manifesta a beleza de nossa prática.



## UMA ANÁLISE HISTÓRICA DOS CONGRESSOS DO COI (1894 – 1914)

Jean dos Santos Mantovani

FEF Universidade Estadual de Campinas

Esta pesquisa analisou por meio dos documentos oficiais do COI - Boletins e Minutas - as nuances da formação do Comitê Olímpico. O olhar da pesquisa voltou-se para as discussões que apareceram no tocante ao amadorismo. O recorte temporal em questão (1894 – 1914) foi definido pelo fato de neste curto período terem ocorrido seis Congressos, além de que, como eventos pioneiros os debates e definições acerca do atleta amador foram fundamentais para a trajetória do Movimento Olímpico.

Para chegarmos à constituição do Comitê Olímpico Internacional (COI) precisamos entender um pouco do processo de surgimento do Esporte Moderno. Primeiro é preciso diferenciá-lo de disputas comuns. O Esporte Moderno é sistematizado, com um grande controle e repugnância à violência física, além de possuir regras e estruturas unificadas e preestabelecidas. Pode-se também compreendê-lo como sendo racionalizado, secularizado e espetacularizado (DUNNING, 2014). Entender o caráter espetacular do esporte é de suma importância para analisar a efervescência que o fenômeno esportivo aparece na sociedade moderna.

Muitas das modalidades esportivas enquadradas no Esporte Moderno tiveram grande difusão nas *public schools* que eram seletos locais educativos frequentados por alunos de sexo masculino provindos da aristocracia ou da alta burguesia (BOURDIEU, 1983). Hobsbawm (1997) pontua que o esporte moderno surge fruto da Revolução Industrial e que sua estrutura estaria enraizada no modelo capitalista moderno. Em um primeiro momento o esporte parece restrito às classes mais abastadas e objetivavam-se nele a promoção de uma distinção social. Apesar de o Esporte Moderno florescer no seio da aristocracia e alta burguesia é importante frisar que o fenômeno esportivo não é estanque, e numa sociedade porosa ele se prolifera entre os sujeitos, e desta maneira, seus ideais e propósitos são multiplicados. Nesse contexto é intrigante debruçar com relação às definições do COI e o Movimento Olímpico. O critério de o atleta ser amador para poder participar dos Jogos Olímpicos demonstra uma visão de significado do esporte. Mapear como o termo amadorismo aparece no debate do COI fornece uma perspectiva de como o campo esportivo vai se pluralizando e quais foram às tensões inerentes a esse processo. Para analisar os acontecimentos e medidas tomadas nos Congressos, foram utilizados os documentos oficiais do COI. Os documentos oficiais em questão datam do período de escopo da análise (1894 – 1914).

Para estabelecer diálogo com os arquivos, autores que teorizaram sobre a História foram norteadores tanto na acuidade do analisar, como também no fornecimento de pistas para escapar de armadilhas próprias da pesquisa documental. Aqui vale citar Marc Block (2001) e Jacques Le Goff (2003). Suas críticas feitas aos documentos são valiosas para tencionar a pesquisa histórica, e fornecem uma luz para promover diálogo com os vestígios.

Vale ressaltar de antemão que analisar a formação do COI com o olhar para as concepções de amadorismo-profissionalismo não nos fornece um dado pronto e acabado. Antes mesmo da formação e primeiro Congresso do COI (1894), os membros destacados do Comitê já haviam se reunido, e muito do que margearia as pautas dos primeiros congressos já estavam estabelecidas. Junto à realização dos Jogos o cerne dos primeiros debates no Comitê





foi referente ao amadorismo. Com relação ao amadorismo ficou definido que os atletas não poderiam ser pagos de nenhuma maneira, pois se assim consumado, feririam o ideal de atleta amador e seriam desqualificados dos Jogos. É também ressaltado que não poderia estar como amador em uma determinada modalidade e profissional em outra, assim como um professor de esportes não se enquadraria no âmbito de atleta amador (BOLETIM OLÍMPICO Nº1, p.4). Esta definição parece contemplar, mesmo que de maneira não unânime, o grupo que ocupava o centro da entidade. Entretanto, em alguns momentos aparecem vestígios de rugas causadas pela delimitação de quem seria considerado um atleta amador. Frisa-se que neste contexto as definições do COI não contemplavam todas as federações esportivas e atletas.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; COI; Congressos.

#### Referências

BLOCH, Marc. **A apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOURDIEU, Pierre. "**Como é possível ser esportivo?**" In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia* (pp. 136 – 163). Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BULLETIN DU COMITÉ INTERNACIONAL des JEUX OLYMPIQUES. Nº1. Julho de 1894.

DUNNING, Eric. **Sociologia do Esporte e os Processos Civilizatórios**. Annablume, 2014.

HOBBSAWM, Eric, RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5ª ed. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2003.



## **POR UMA EDUCAÇÃO SUPERIOR ATIVA NA FORMAÇÃO DE TREINADORES ESPORTIVOS**

Daniela Bento Soares<sup>1</sup>, Laurita Marconi Schiavon<sup>1</sup>, Gethin L. Thomas<sup>2</sup>,  
Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas  
Cardiff School of Sport, Cardiff Metropolitan University

Este resumo apresenta uma realidade conhecida durante o Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (CAPES - 88881.135084/2016-01) realizado pela primeira autora na *Cardiff Metropolitan University*, em Cardiff, País de Gales, Reino Unido, sob supervisão da segunda autora e do Professor Doutor Robyn L. Jones, orientador do estágio no exterior. Tal instituição, especificamente a *School of Sport*, oferece programas de graduação (BSc), Mestrado (MSc) e Doutorado Profissional (*Taught Doctorate*) em Ciências Aplicadas em *Sport Coaching and Pedagogy*, programas que tem o Professor Doutor Gethin Ll. Thomas como Diretor de Estudos e docente, terceiro autor desse resumo.

Com base na experiência obtida com o acompanhamento de aulas de tais programas e com as discussões com os docentes responsáveis, essa comunicação científica tem como objetivo apresentar algumas das estratégias de ensino-aprendizagem e de avaliação utilizadas nas aulas de Graduação e Pós-Graduação. Os cursos em questão têm como ponto de partida abordagens socioculturais que visam incentivar treinadores esportivos em formação e atuantes à prática reflexiva sobre suas atuações pedagógicas e sobre a administração do contexto esportivo (CARDIFF METROPOLITAN UNIVERSITY, 2017). A visão de treinador esportivo em que se baseiam tais cursos entende-o como um profissional que exerce sua função em um contexto marcado por ambiguidade e por dilemas em decorrência das relações sociais e, portanto, de poder, envolvidas (JONES; WALLACE, 2006). Suas ações não podem ser completamente previstas ou ensaiadas e, da mesma forma, ensinadas. Nessa perspectiva, o programa se dedica a incentivar a formação mediada direta e indiretamente pelos professores tutores do programa, com ênfase nas relações entre os alunos e desses com materiais de aprendizagem.

Assim, ao considerar, portanto, que as decisões profissionais são balizadas por crenças, valores e processos individuais impregnados nas ações cotidianas (JONES; CORSEBY, 2015), o processo de educação dos treinadores deve incentivar o autoconhecimento e a reflexão dos profissionais para que o processo de tomada de decisão ocorra de forma coerente na prática. Dessa maneira, as estratégias de ensino-aprendizagem precisam ser mais ligadas ao cotidiano da profissão (CASSIDY et al., 2006), com conteúdos que se aproximam mais da realidade, em desfavorecendo aqueles muito básicos ou muito abstratos para serem usados na prática (GILBERT; TRUDEL, 1999; JONES et al., 2004), para que os alunos sintam-se desafiados à discussão com colegas e mediadores (PIGGOTT, 2012). Embora esse assunto já seja amplamente discutido no âmbito da Educação, no que concerne à formação de treinadores essa metodologia é ainda pouca explorada e utilizada nos processos de educação formal (LEMYRE; TRUDEL; DURAND-BUSH, 2007).

As estratégias observadas respaldam-se na metodologia de ensino ativo, a partir do uso de Etnografia, Etnodrama, Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), Pesquisa-Ação e



Prática Reflexiva. A adoção da Etnografia (WOLCOTT, 1990) como instrumento para a prática reflexiva é utilizada tanto com a recomendação de leituras de trabalhos desenvolvidos a partir dessa perspectiva, com o olhar sobre a prática “do outro”, quanto com o incentivo à própria escrita, especialmente em trabalhos de conclusão de curso ou, com menor dimensão, em trabalhos finais de disciplinas. Uma variação da mesma combinada com o método de ABP (JONES; TURNER, 2006), o Etnodrama (MIENCZAKOWSKI; MORGAN, 2001), se utiliza de representações cênicas de cenários esportivos para proporcionar mais proximidade emocional e interação entre os debatedores da estratégia pedagógica. Diferentemente da ABP, em que as situações da realidade já estão descritas para que os alunos discutam possíveis decisões para as situações apresentadas, no Etnodrama tais situações precisam ser percebidas. Na realidade observada, para tal estratégia, são utilizados vídeos gravados com atores. A Pesquisa-Ação é utilizada nessa abordagem em parceria com os estágios obrigatórios ou, no caso da Pós-Graduação Profissional, com a prática pedagógica já exercida pelos alunos, que possuem uma disciplina em específico para apresentar e discutir suas percepções das situações vividas com colegas e mediador.

Dessa forma, a Prática Reflexiva é uma constante no desenvolvimento do programa, que tem atingido relevância na área da educação de treinadores e é referência no Reino Unido. Os docentes consideram que as abordagens ativas de aprendizagem, no âmbito da formação inicial e continuada do treinador esportivo, podem ser mais exploradas nos programas de educação formal brasileiros, em especial nas universidades.



## RELAÇÕES ENTRE O FLOREIO DA CAPOEIRA E A DANÇA ACROBÁTICA AFRICANA DOS HOMENS-PANTERA

Lívia de Paula Machado Pasqua, Eliana de Toledo Ishibashi  
FEF e FCA/ Universidade Estadual de Campinas

A capoeira vem sendo estudada em diferentes áreas do conhecimento, por entendimento de seus aspectos históricos, Soares (2002); pedagógicos e socioculturais, Falcão (1996), Silva (2009); artísticos, Castro Júnior (2010), estéticos e antropológicos Silva (2008), Pasqua (2011). Destacamos os estudos de Deschi Obi (2008), que pesquisa as relações entre lutas africanas e lutas decorrentes da diáspora africana, e sendo a capoeira também fruto dessa diáspora, surge cada vez mais a necessidade de compreender suas origens e possíveis relações entre práticas matrizes e práticas surgidas em territórios além-mar. Nesse sentido, a presente pesquisa tem por objetivo estabelecer possíveis relações entre a capoeira e a dança acrobática africana dos homens-pantera. Para tanto, foi realizada uma análise documental cuja fonte de pesquisa é o vídeo do ritual da dança dos homens-pantera, denominado *The Panther Dance*, disponibilizado na internet (20/06/2013), parte do documentário *The bridge of spirits* produzido pela *New Atlantis Wild*, a fim de nele identificar elementos relacionados à Capoeira de maneira geral, dispostos em livros e artigos da área. Elegemos para categorias de análise: *caracterização da prática corporal, execução e musicalidade*. A dança dos homens-pantera consiste num ritual da cultura Senufo, situada na Costa do Marfim, na qual há demonstração de destreza corporal e elementos acrobáticos, em que apenas um indivíduo do sexo masculino, vestido com a indumentária de pantera, realiza os movimentos, desafiando o próximo indivíduo que pertence a outro grupo. Há também demonstrações em duplas e trios. Essa demonstração acontece dentro de uma roda, composta pelos instrumentistas (que cantam e tocam um instrumento parecido com o berimbau, xquerê e canto), os outros homens-pantera e o público. Diferentemente na capoeira, manifestação brasileira de matriz africana, há a luta corporal entre dois oponentes, independente de gênero, em que consiste num diálogo corporal, com golpes de linha, rodados, esquivas e movimentos desequilibrantes, podendo ou não aparecer elementos acrobáticos, os conhecidos floreios (PASQUA, 2011). Assim como a luta dos homens-pantera, o jogo da capoeira acontece dentro de uma roda, composta pelos instrumentistas (que cantam e tocam berimbau, atabaque, pandeiro e agogô), outros capoeiristas e o público. No caso da capoeira os indivíduos que estão na roda batem palmas, e podem revezar instrumentos e jogar também na roda. Podem estar vestidos com a roupa de sua escola de capoeira, geralmente abadá branco e corda de capoeira. Destacamos a categoria de análise *execução*, em que encontramos elementos acrobáticos semelhantes entre a dança dos homens-pantera e a capoeira, a saber: bananeira, parada de cabeça, aú de frente, pulo do gato, giro de cabeça, mortal e mola. Concluímos que essa dança apresenta uma dinâmica diferente da capoeira, porém há elementos semelhantes, como forma de roda, presença de instrumentos e canto, e floreio. Segundo COSTA e SILVA (2011) foram poucos os escravos vindos da costa do Marfim ao Brasil, especificamente para a região de Pernambuco, o que o fez sugerir em sua obra que o frevo tenha surgido dessa luta acrobática da cultura Senufo. Poderíamos inferir que teriam sido também alguns floreios da capoeira de Pernambuco influenciados por elementos acrobáticos advindos dessa manifestação?



### Referências Bibliográficas

CASTRO JÚNIOR, Luis Vitor. **Campos de visibilidade da capoeira baiana**: as festas populares, as escolas de capoeira, o cinema e a arte (1955-1985). Brasília: Ministério do Esporte, 2010.

COSTA e SILVA, Alberto. **Um rio chamado Atlântico**: A África no Brasil e o Brasil na África. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, UFRJ, 2011.

DESCH OBI, T. J. **Fighting for honor**: the history of african martial art traditions in the atlantic world. Columbia: University of South Carolina, 2008.

FALCÃO, J. L. C. **A escolarização da capoeira**. Brasília: Royal Court, 1996.

NEW ATLANTIS WILD. The Panther Dance. Youtube, 20 jun. 2013. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=2OAD5LJj2Jo>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

PASQUA, Livia de Paula Machado. **O floreio na Capoeira**. Dissertação de Mestrado. Monografia. Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: [s.n.], 2011.

SILVA, Eusébio Lobo da (Mestre Pavão). **O corpo na capoeira**. Introdução ao estudo do corpo na capoeira. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2008. vol 1.

SILVA, Paula Cristina da Costa. **O ensino-aprendizado da Capoeira nas aulas de Educação Física Escolar**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: [s.n.], 2009.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava**: e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850). Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2002



## PRODUÇÕES SOBRE VIOLÊNCIA NO ENSINO MÉDIO

Raquel Larissa Cabral, Daiani Larissa Maciel, Ivan Lima, Paulo Vitor Bognoli Mattosinho,  
Elaine Prodócimo

Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas

### Introdução

O tema ensino médio tem estado em destaque nos últimos meses em virtude de alterações na sua organização por parte do governo federal. Muito se tem debatido sobre o assunto em suas diferentes vertentes e possibilidades. Na mesma linha de preocupações, o presente estudo trata de um recorte de um estudo mais amplo, que vem sendo realizado pelo GEPEVs – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Violências, cujo alvo são as publicações sobre a violência no contexto escolar em periódicos do estrato A1 da área da Educação. O objetivo desse trabalho é analisar as publicações que tratam da temática da violência no contexto do ensino médio.

### Método

Para a seleção dos artigos, usamos o critério de indexação da Capes 2014. Todas as revistas do estrato A1 da área de Educação foram pesquisadas, excetuando as que não eram em língua portuguesa.

Foram buscados todos os artigos que contivessem os termos de pesquisa: violência, agressão e agressividade, nos campos “Título”, “Assunto” e “Resumo”. Foram excluídas as resenhas de livro, artigos em língua estrangeira ou que não contivessem resumo. Para o estudo, selecionamos os artigos publicados entre 2010 e 2016, sendo encontrado um total de 152 textos. Após a seleção os artigos foram classificados como pertinentes à temática escolar ou não por três diferentes pesquisadores a partir do resumo. O índice de concordância foi de 88,5% e, neste intervalo, o total de artigos sobre a escola foi de 58, distribuídos em 15 periódicos.

Em uma nova seleção, utilizamos o termo de pesquisa ensino médio em todo o corpo do texto dos 58 artigos para verificar quantos deles versavam sobre esta temática. Encontramos 12 artigos, distribuídos em 7 revistas. Esses 12 artigos foram lidos na íntegra e analisados de acordo com sua estrutura e temática (PRODÓCIMO et al, 2014).

### Resultados e Discussões

Sobre o ano de publicação dos artigos temos: 2015, 3 artigos; 2016, 2012 e 2010, 2 artigos cada ano; 2014, 2013 e 2011, 1 artigos cada ano, mostrando uma distribuição ao longo do tempo. A predominância dos trabalhos é de pesquisa de campo totalizando 11 dos 12 analisados. As técnicas mais utilizadas nas pesquisas de campo foram entrevista (6), questionário ou outros instrumentos (4), além de observação, grupo focal e apenas 1 estudo de intervenção. Na maioria, os sujeitos das pesquisas são os alunos (8), entretanto em algumas também são incluídos professores (6) e gestores (3), além da família em menor proporção. Em um artigo, a polícia foi incluída como sujeito. Oito estudos foram realizados em escolas públicas. Em um caso, as informações foram coletadas em uma Parada do Orgulho LGBT.

Os artigos foram produzidos prioritariamente por pesquisadores vinculados a



universidades públicas (9), e um foi publicado por pesquisador de universidade portuguesa. O número de autores variou de um a cinco. Apesar de vermos uma presença de ambos os gêneros como pesquisadores desta área, nesta revisão 20 de um total de 27 autores eram mulheres.

Alguns dos textos analisados, embora contenham em seu desenvolvimento elementos da temática do ensino médio, não trataram especificamente sobre ele. Entre as temáticas trabalhadas estão as seguintes: homofobia, diagnóstico da violência escolar, intervenção na violência escolar, clima escolar, eficácia coletiva, bullying, justiça X injustiça, violência doméstica e impacto na aprendizagem.

Foi levantada a questão sobre o preparo dos professores para lidar com as diferentes temáticas relacionadas às ocorrências de violência, porém apenas um dos textos analisados refere-se a uma proposta de intervenção, realizada junto a professores do ensino fundamental e ensino médio. Há um acordo entre alguns dos estudos que a escola é um espaço em que ocorrem manifestações de violência e que este é um local em que o assunto poderia ser abordado de maneira crítica visando a formação dos estudantes.

Entre os fatores presentes que influenciam a violência escolar os artigos trazem: estrutura intraescolar, que envolve não apenas os aspectos físicos, mas também pessoais, como boas condições de trabalho, formação continuada; estrutura extraescolar que envolve o entorno, a comunidade, a família. A questão de gênero também é apontada como elemento presente nas manifestações de violência e se mostra uma discussão bastante atual.

### Considerações

Há a necessidade de mais estudos que proponham formas de intervenção para avançar para além de uma visão diagnóstica avaliativa. Embora os artigos levantados tenham o foco no ensino médio, os pontos levantados não se diferenciam em demasia de produções sobre outros níveis de ensino, contudo, a idade dos estudantes permite um maior aprofundamento das questões postas.

### Referência bibliográfica

PRODÓCIMO, Elaine; ET AL. Produções acadêmicas sobre Violência, Agressão e Agressividade em periódicos brasileiros de Educação Física. *Pensar a Prática*, v.17, n.3, p.682-700, jul/set, 2014.



## **A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR: DESCREVENDO E INTERPRETANDO TEORIAS SUBJETIVAS**

Mariella Brighenti Bortoluzzi, Elaine Prodócimo  
Universidade Estadual de Campinas

Este resumo apresenta os resultados de uma tese de doutorado realizada na FEF- Universidade Estadual de Campinas, na área de Educação Física e Sociedade. Procura-se discutir as teorias e crenças de professores de EF escolar sobre seu cotidiano e suas problemáticas.

A investigação centra-se na identificação, descrição, interpretação e discussão de tais representações. Como base teórica utiliza-se as *Teorias Subjetivas-TS-* de Groeben e Scheele, que são uma reinterpretação dos construtos pessoais ou teorias Implícitas de George Kelly. Tal abordagem permite ao estudo considerar ambas as teorias pessoais, as implícitas, inferidas pelo investigador, assim como também as declaradas diretamente pelos sujeitos.

Conceituando as TS, pode-se dizer que são cognições sobre fenômenos de si mesmo e do mundo, que possuem uma estrutura argumentativa hipotética, parcialmente explícita, e que orientam o comportamento. São também conhecidas como crenças, concepções, representações ou construtos. Os estudos pautados nessa teoria são orientados a entender os processos de reflexão dos sujeitos, portanto para atender aos objetivos, a investigação segue a epistemologia e método qualitativo, com paradigma interpretativo.

Utilizando esta teoria como base, o estudo objetiva compreender o que é a EF e qual a sua importância no contexto escolar, na perspectiva dos próprios professores. Além disso, analisar qual o papel auto atribuído do professor na escola, assim como a relevância de seu trabalho. Por meio da triangulação metodológica, analisa-se as consistências e inconsistências entre o que os sujeitos declaram, o que se infere implicitamente de seus discursos e a relação entre suas palavras e as ações praticadas. Por fim procura-se analisar se o professor de Educação Física tem consciência de quais pressupostos epistemológicos norteiam sua prática. Participam do estudo 4 professores de estabelecimentos públicos de uma cidade do sul do estado de Minas Gerais. A investigação é composta por duas fases: A fase inicial conta com entrevistas semi-estruturadas, que são analisadas por meio da análise de discurso com orientação na *Grounded Theory*. Esta análise conta com três etapas fundamentais, a Codificação Aberta: na qual a entrevista é codificada de forma detalhada e são atribuídos conceitos às linhas de pensamento. Nesta fase são identificadas as TS dos professores, as quais são reconstruídas, classificadas e analisadas segundo níveis de profundidade reflexiva; o significado emocional que o sujeito lhes atribui; que tipo de ação estas teorias orientam e a proximidade do sujeito com o objeto teorizado. A Codificação Axial: na qual os conceitos gerados na codificação aberta são agrupados em categorias, segundo os significados que emergiram dos próprios dados. E a Codificação Seletiva: que culmina a análise, gerando teorias e hipóteses, formuladas a partir dos próprios dados recolhidos e não de marcos teóricos pré-existentes.

A segunda fase conta com observação da prática de aula, com o intuito de constatar as consistências e inconsistências entre discursos e ações praticadas em aula. Entre os resultados encontrados, foi possível identificar as TS centrais e secundárias dos





professores a respeito da EF, estas foram bastante variadas entre os sujeitos, incluso entre aqueles que seguem o mesmo planejamento metodológico, apresentando-se com concepções de EF nas linhas da Pedagogia do Esporte (P1), Pedagógica Crítica (P2), Atividade Física e Saúde (P3) e Psicomotricidade (P4). Estas concepções foram identificadas de forma explícita, no entanto de forma implícita foram identificadas TS ligadas às concepções de EF advindas de memórias de infância e primeiros contatos com essa disciplina, algumas ligadas ao esporte competitivo, ao treinamento esportivo na escola e incluso às concepções militaristas. As observações deixam evidências de que ambas TS orientam a prática, no entanto percebe-se preferência por práticas com desfechos conhecidos e seguros.

Constata-se que os professores atribuem maior importância ao seu papel na escola, assim como o da disciplina, percebendo-se desvalorizados frente aos colegas e sociedade, o que implica nos sentimentos conflitantes de realização profissional/frustração.

Observa-se consciência epistemológica parcial, pois optam por práticas arraigadas mais frequentemente que às práticas aprendidas na formação, justificando e atribuindo as dificuldades de trabalho a causas externas, assim como, costumam delegar seus fracassos a fatores incontrolláveis. No entanto percebe-se proatividade no enfrentamento de obstáculos estruturais e materiais, com adaptações e soluções criativas, assim como a incessante busca por reconhecimento dentro da escola como estratégia de sobrevivência. Espera-se através destes resultados incrementar elementos à discussão sobre a formação docente inicial e continuada.



## **ESCADA DE AGILIDADE: UMA NOVA PROPOSTA DE DUPLA TAREFA PARA IDOSOS DA COMUNIDADE**

Vivian Castillo De Lima, Luz Albany Arcila Castaño, Marco Carlos Uchida Gepefan, Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas

O crescimento da população idosa no Brasil nos últimos anos ocorreu devido ao aumento da longevidade e queda da fecundidade (DUARTE e BARRETO, 2012). Nesse contexto do envelhecimento no Brasil, encontram-se as síndromes da fragilidade e da sarcopenia, nas quais o indivíduo idoso apresenta vulnerabilidade sob sua funcionalidade e sua Qualidade de Vida. Por meio de atividades físicas o processo do envelhecimento e suas síndromes relacionadas podem ser revertidas. A atividade com dupla tarefa -ou *Dual Task*-, por exemplo, mostra-se importante para a vida diária do idoso por explorar a capacidade cognitiva e a capacidade física ao mesmo tempo (YAMADA et al., 2011).

A capacidade cognitiva da dupla tarefa neste estudo irá estimular a atenção dividida, orientação espacial e memória de curto e longo prazo (DIAMOND, 2013). A capacidade física utilizada neste estudo será a agilidade e coordenação, por estimular o controle motor, a mudança de direção e velocidade de reação (SHEPPARD et al., 2006). Cognição será realizada a partir da fala de palavras, contas básicas de soma e subtração, e coordenação de membros superiores com membros inferiores. Já a agilidade será praticada a partir de uma Escada de Agilidade (EA), a qual tem a forma de um trilho exposto no chão com 4,6 metros de comprimento e com 12 divisões ao longo do seu comprimento (HOLLAND, 2004).

O objetivo deste estudo é investigar a influência do protocolo de dupla tarefa com agilidade na função física e cognitiva de idosos da comunidade da região de Campinas. Aproximadamente 42 participantes do gênero feminino e masculino serão divididos em três grupos: (1) grupo de intervenção com Agilidade a partir da EA (GA) – 14 idosos; (2) grupo de intervenção com Dupla Tarefa a partir da EA (GDT) – 14 idosos; (3) grupo Controle (GC) – 14 idosos. O GC realizará alongamento uma vez na semana, com duração de 20 minutos. As intervenções dos grupos GA e GDT serão realizadas com duração de aproximadamente 30 minutos e frequência de duas vezes na semana durante 14 semanas. As 14 semanas serão dispostas entre duas semanas de familiarização e 12 semanas de intervenção.

Os grupos com intervenção por meio da EA irão executar quatro tipos de coordenação de membros inferiores em todas as sessões previstas. As intervenções serão controladas por tempo (quatro séries de dois minutos – sendo que, cada série será realizada uma das coordenações) e por intensidade através da cadência (velocidade dos movimentos), controlada por um metrônomo. O GA irá apenas realizar as coordenações, enquanto que o GDT irá realizar a coordenação juntamente com uma atividade cognitiva, a qual terá uma distribuição de tarefas ao longo das semanas. A intensidade terá uma progressão durante as semanas de acordo com a percepção subjetiva de esforço (PSE) do voluntário e observação do pesquisador. Essa metodologia foi pensada de forma que o participante esteja sempre interessado em participar da atividade.

Os participantes serão avaliados pré (anterior às semanas de familiarização), pós 1 (após seis semanas, sendo quatro de intervenção e duas de familiarização) e pós 2 (ao final das 14 semanas). As avaliações serão por meio de questionários (sociodemográfico, MEEM,



KCL – fragilidade, WHOQOL BREF e OLD – Qualidade de Vida), testes físicos/funcionais (Equilíbrio Unipodal, *Timed Up and Go* sob três condições – normal, cognitivo e manual, Velocidade Usual e Acelerada da Marcha, Levantar e Sentar 5 vezes, Prensão Manual e Illinois Test - agilidade), e avaliação morfológica com bioimpedância. A partir da análise dos dados coletados antes, durante e após as intervenções será possível verificar a provável importância da agilidade e da atividade de dupla tarefa para a capacidade física e cognitiva dos idosos. Além de uma possível melhora da Qualidade de Vida, diminuição da fragilidade e melhora da síndrome da sarcopenia.

**Palavras-chave:** Envelhecimento; Dupla Tarefa; Agilidade; Qualidade de Vida.

**Referências:**

- DIAMOND, A. Executive functions. **Annual review of psychology**. V. 64. p. 135-68. 2013.
- DUARTE, E. C.; BARRETO, S. M. Transição demográfica e epidemiológica: a Epidemiologia e Serviços de Saúde revisita e atualiza o tema. **Epidemiol. Serv. Saúde**. v. 21. n. 4. 2012.
- HOLLAND, A. inventor. **Sports training ladder**. United State. Patent US20140287878 A1. 2014.
- SHEPPARD, J. M.; YOUNG, W. B. Agility literature review: classifications, training and testing. **J. Sports Sci**. v. 24. n. 9. p. 919-32. 2006.
- YAMADA, M. et al. Rhythmic stepping exercise under cognitive conditions improves fall risk factors in community-dwelling older adults: Preliminary results of a cluster-randomized controlled trial. **Aging Mental Health**. v. 15. n. 5. p. 647-653. 2011.



## **PARQUE MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE: RELAÇÕES ENTRE DIVERTIMENTO, CORPO E NATUREZA**

Maria Cristina Rosa

Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Estadual de Campinas

Pesquisas sobre histórias dos divertimentos em Minas Gerais, especialmente abrangendo o final do século XIX e início do século XX, aumentaram nos últimos anos. Dos estudos existentes, muitos têm como recorte espacial Belo Horizonte. Isso ocorre porque determinados divertimentos, como os esportes, são considerados um fenômeno urbano e moderno, e Belo Horizonte é uma cidade planejada e construída no final do século XIX para ser a nova capital de Minas Gerais, em substituição a Ouro Preto, cidade considerada atrasada. Segundo Horta, Belo Horizonte teve um plano de elaboração influenciado pelo positivismo e por uma arquitetura racional e moderna, idealizado de forma: “[...] rigidamente geométrica, funcional, limpa e saudável, constituída de parques e áreas verdes, ventilada e iluminada.” (1994, p. 79). Entre os espaços destaca-se o Parque Municipal, inaugurado em 1897, planejado para realização de divertimentos ao ar livre e também para os esportes (RODRIGUES, 2007).

O clube pioneiro de futebol da cidade, o *Sport Club*, por exemplo, instalou seu campo no parque, “[...] demonstrando estar atento às diretrizes propostas pelos planejadores da nova capital, apropriou-se, inicialmente, do espaço que, se não era dedicado particularmente ao futebol, o era aos divertimentos ao ar livre” (RIBEIRO, 2007, p. 154).

Ao escrever sobre o crescimento urbano, a valorização das atividades ao ar livre e os cuidados com o corpo na passagem do século XIX para o século XX, Lovisolo (2016) destaca que planos e obras em cidades como São Paulo e Buenos Aires, que seguiram passos de Paris e Londres, impoem novos modos de vida. Como no século XVIII, em cidades da França citadas por Corbin (1989), é necessário buscar resposta para os males das cidades e sua vida moderna.

Influenciada pelo higienismo ou naturismo, as reformas urbanas “[...] enfatizam os esforços para se criar espaços ‘naturais’ nas cidades, espaços livres, com parques de diferentes tamanhos, alguns deles com seus próprio lago, e praças. [...] Ar livre e água são considerados índices de condições da vida boa. (LOVISOLO, 2016, p. 2). Em Belo Horizonte não foi diferente, embora no final do século XIX e início do século XX, a cidade estivesse nascendo. Conforme Galera, “[...] a maior área verde local foi disposta próxima a um dos três bulevares estruturadores da malha urbana. O parque desenvolvia-se numa superfície de 64 hectares, com base na aplicação dos princípios de jardim paisagista moderno, com a concepção naturalista, que buscava adaptar o desenho paisagístico à situação natural do terreno. [...]” (2014, p. 56) Ele foi pensado para ser a maior área central verde da capital e seguia orientações do higienismo, almejando salubridade e saúde pública.

Este trabalho, em andamento tem por objetivo analisar relações entre divertimento, corpo e natureza, a partir do estudo do Parque Municipal de Belo Horizonte. De natureza historiográfica, o trabalho realiza pesquisa bibliográfica e pesquisa documental, priorizando o estudo de fontes impressas e manuscritas, como relatórios de prefeitos, documentos da Comissão Construtora da Nova Capital, código de postura municipal, revistas e jornais, entre



outras. Algumas perguntas norteiam a pesquisa, como: qual era a compreensão de natureza naquele tempo e lugar e como o parque impactava os divertimentos e a saúde da população.

#### Referências Bibliográficas

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (dir.). *História do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GALERA, Izabella. *Os parques do século XIX em meio à cidade contemporânea: um estudo comparativo entre o Passeio Público de Curitiba e o Parque Municipal de Belo Horizonte*. Dissertação de mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

HORTA, Célio Augusto da Cunha. *Belo Horizonte: a construção de um saber geográfico*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo. A educação pela natureza para a vida boa. In: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). *Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana*. Campinas: Autores Associados, 2016. p. 1-7.

RIBEIRO, Raphael Rajão. *A bola em meio as ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. *Constituição do sentido moderno de esporte: pelas trilhas históricas do Minas Tênis Clube*. 325 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.



## A COPA DO MUNDO COMO POLÍTICA PÚBLICA: 1950 E 2014

Simone Gonçalves de Paiva,  
Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas

Há algum tempo não é mais necessário muito esforço para mostrar o quanto o esporte se tornou importante no contexto mundial (DUNNING, 2003). Ele deixou de ser uma simples forma de competição, para se tornar um dos grandes negócios do mundo, um mercado em constante crescimento. Os megaeventos esportivos se tornaram um grande símbolo desse novo modelo de esporte, uma forma construída para ir muito além da exibição esportiva. Ganham o mesmo status de uma grande indústria capaz de acelerar o “possível” processo de desenvolvimento de um determinado país; ou seja: os países que se prontificam a sediar tais eventos têm o interesse de ampliar o seu mercado local e de projetar o país internacionalmente (MATIAS, MASCARENHAS, 2017). Logo, os países que apresentam sua candidatura a um megaevento geralmente expõem em seu discurso a capacidade de impulsionar o desenvolvimento urbano, social e econômico do país em questão que o evento apresenta. Dão ênfase em particular ao crescimento econômico, fator extremamente interessante a quaisquer país, mas principalmente àqueles em desenvolvimento.

De acordo com Bueno (2008), o esporte se tornou uma vitrine irresistível para certas finalidades políticas e/ou promoção de ideologias, assim como se tornou inevitável o envolvimento direto do Estado na sua regulação. Os megaeventos ganharam importância política, ou seja, atingiram *status* de política de desenvolvimento. Desde a vinda do Pan-Americano de 2007 ao Rio de Janeiro, o Brasil se utilizou do discurso de desenvolvimento urbano, social, econômico e esportivo para continuar trazendo os grandes eventos esportivos para o Brasil. No entanto, esse discurso é mais antigo que se possa imaginar. Em 1950, o Brasil e o futebol eram outros (DAMO, OLIVEN, 2013), o mundo vivia um contexto político, econômico e esportivo diferente. A Copa do Mundo ainda não tinha a formatação de um megaevento. Entretanto, a ideia de trazê-la para cá como uma estratégia de fortalecer o Brasil no mapa dos países em desenvolvimento, delineando-o como uma grande potência, já era presente. A capacidade dos eventos esportivos já era observada e usada para tais pretextos. Sediar uma copa é muito diferente de jogá-la (DAMO; OLIVEN, 2013). Para organizar um mundial, o Estado necessita de um grande aporte político e econômico. Trazer tanto a Copa do Mundo, quanto os Jogos Olímpicos para o país nada mais é que um Projeto de Governo. Ele é o grande responsável por fazer com que tudo funcione.

Assim, o objetivo desta pesquisa é investigar quais eram os propósitos do projeto político dos Governos que estavam no poder, no período que se refere à indicação e escolha da sede, organização e execução das Copas de 1950 e 2014. Busca-se analisar a gestão política e avaliar as políticas públicas esportivas adotadas para a realização dos eventos, e como os eventos influenciaram-nas. Para isso, será realizado uma pesquisa documental, com a análise dos relatórios oficiais das Copas, de documentos relacionados às políticas para o esporte e para a realização dos megaeventos do Governo Brasileiro e em jornais de grande circulação no país. Os jornais analisados serão: A Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo, além de serem os de maior circulação no país, estes jornais estão presentes dentro do recorte de tempo a ser estudado: de 1946 a 1950 e 2009 a 2014, períodos que englobam a



escolha da sede, a preparação e a realização dos jogos. Para analisar e avaliar a gestão política e as políticas públicas será utilizado o modelo proposto por Boschetti (2009).

Os mundiais de 1950 e 2014 estão registrados em períodos extremamente distintos tanto na política e na economia, quanto no futebol - compará-los permite analisar uma transformação na construção e na influência da política de Estado e/ou nos programas de governo para o esporte e o lugar deste evento neste cenário. Analisar a política de ambos momentos exige que todas essas distinções sejam consideradas para tentar compreender o período analisado e quais mudanças ocorreram no projeto governamental para sediar o evento, e como isso afetou as políticas públicas de Estado do período analisado, no tocante ao esporte. O desenvolvimento do esporte como um campo político o transformou em um objeto importante dentro da pesquisa científica, pois sua atuação como “símbolo” de desenvolvimento econômico, além da sua capacidade de formação ideológica, fez com que ganhasse relevo por afetar direta ou indiretamente os programas e as políticas sociais. Destarte, investigar como essa relação entre esporte e política se constrói e se realiza se tornou um ponto cabal para compreender o novo modelo de esporte e como ambos se influenciam.



## “ESCOLA SEM PARTIDO”: O CORPO (MAIS UMA VEZ) EM JOGO

Rebeca Signorelli Miguel<sup>1</sup>, Paulo Henrique de Souza Cavalcante<sup>2</sup>

Vivian Marina Redi Pontin<sup>1,3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Campinas, <sup>2</sup>Universidade de São Paulo, <sup>3</sup>Universidade Federal de Lavras

A Educação Física é uma área de produção do conhecimento e de intervenção pedagógica. Nela estão inseridos os conhecimentos do corpo e da cultura corporal que dizem respeito às configurações sociais que está imersa.

Ao analisarmos alguns documentos legais que tratam especificamente da Educação Física escolar, podemos pensar sobre quais conhecimentos a área está produzindo, como eles devem ser tratados, e quais são as dimensões a serem alcançadas.

O objetivo desse trabalho é confrontar algumas ideias presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais<sup>1</sup> (PCN's) com o projeto de lei “Escola Sem Partido”, trazendo as incongruências para o pensamento da área com relação àquilo que diz respeito ao corpo e o que pode a Educação Física diante desse cenário.

Dentro das justificativas do projeto de lei, há menção de que professores e autores de livros didáticos vêm utilizando esse espaço social para disseminar padrões de julgamento e conduta moral e ressaltam a moral sexual como participante dessa disseminação.

São muitas as questões possíveis quando o cerceamento ao professor se mostra mais presente que o incentivo e/ou fomento. É preciso prudência para lidar com elas tendo em vista o pensamento da função social da escola e qual é a contribuição da educação física nesse intento, essas são as questões que animam esse trabalho.

Os PCN's (temas transversais) trazem como proposição, por exemplo, a necessidade de disseminar desde a escola condutas preventivas em relação à gravidez na adolescência e à AIDS. Altmann (2001) escreve que nesse documento há uma concepção bastante normalizadora da sexualidade e ressalta o enviesamento biológico para o corpo que está ali presente.

Ao analisarmos a BNCC de Educação Física, lá estão presentes as competências específicas para a escola, propondo a reflexão crítica acerca dos conteúdos da cultura corporal e salientando a necessidade do combate a preconceitos e discriminações, utilizando-se de marcadores sociais de gênero, etnia e religião para o trabalho nas aulas.

Ao confrontarmos estes documentos com o PL “Escola Sem Partido”, já é possível visualizar descompassos e incongruências que acarretariam na negligência do professor tanto da BNCC como dos PCN's.

Para tal reflexão, se faz necessário entender que o “Escola sem Partido” faz parte de uma política maior de supervalorização de um determinado campo do conhecimento que Denzin e Giardina (2016) chamam de STEM<sup>2</sup>. É o setor privado criando demandas de mercado relacionadas ao ensino tecnológico, e afetando a educação, em prol da desvalorização de outras áreas que possibilitariam a reflexão crítica sobre o social.

Os alunos passam a ser consumidores dos ditames do mercado, estabelece-se uma lógica política de compra e venda e de demandas criadas pelo Estado. Para a Educação Física, que há tempos corre para acompanhar as ciências biomédicas, buscando afirmação





tecnológica positivista, é de importância neste momento continuar a resistência de uma afirmação da Cultura Corporal, e na escola é preciso criar espaços de reflexão sobre o corpo e as práticas corporais a partir da experiência e não só da transmissão de informações e técnicas.

Como inspiração para mais este momento em que a educação e a ação pedagógica corre sérios riscos de cerceamento, no qual projetos visam um retrocesso nas conquistas Legislativas da Educação em nosso país, das quais não tiveram oportunidade de fecundar em todas as escolas, Paulo Freire (2000, p. 22) nos diz da necessidade de não “fazer nenhuma concessão às artimanhas do 'pragmatismo' neoliberal que reduz a prática educativa ao treinamento técnico-científico dos educandos”, e ressalta “que o educador progressista, capaz e sério, não apenas deve ensinar muito bem sua disciplina, mas desafiar o educando a pensar criticamente a realidade social, política e histórica em que é uma presença”.

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 575-585, 2001.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB – Lei nº 9394**, 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual**. Brasília: MEC, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **BNCC (versão final)**. Estabelece a base nacional comum curricular da Educação Nacional. Brasília: MEC, 2017.

DENZIN, Norman; GIARDINA, Michael. **Qualitative Inquiry Through a Critical Lens**. New York: Taylor And Francis Inc, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

<sup>1</sup> Especialmente aquele dedicado ao tema transversal orientação sexual.

<sup>2</sup> Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática.



## MARIA ESTHER BUENO NAS PÁGINAS DO JORNAL “O GLOBO”

Giovanna Garcia Ticianelli<sup>1</sup>, Helena Altmann  
FEF- Universidade Estadual de Campinas

### Introdução

Maria Esther Bueno é uma importante tenista reconhecida nacional e internacionalmente. Venceu os maiores e mais reconhecidos torneios de tênis do mundo, entre eles: Wimbledon, U. S. Open, Open da Austrália e Open da França. Na época em que jogou, era comum atletas participarem dos campeonatos nas modalidades simples, duplas e duplas mistas. Somando todos os títulos nessas modalidades, Maria Esther totalizou 19 vitórias nesses campeonatos, sendo que em 1960, de forma inédita no cenário mundial, ela foi campeã de todos os Grand Slams.

A tenista inseriu-se no esporte em uma época em que a participação das mulheres já era permitida, mas menos frequente e diversificada se comparada ao período atual. Estudar a carreira de Maria Esther Bueno nos possibilitará compreender os processos sociais nos quais as mulheres inseriam-se no ambiente esportivo competitivo.

### Objetivo

O presente trabalho tem como objetivo analisar como a carreira da atleta Maria Esther Bueno foi retratada no jornal O Globo, entre 1950 e 1970, período em que a atleta teve destaque nacional e internacionalmente no esporte, a partir de um referencial teórico de gênero.

### Os exemplares de O Globo

Os jornais foram coletados do acervo online do jornal O Globo no período entre 1950 e 1970. O período determinado foi escolhido por ser o que representa seus maiores títulos.

O nome completo da atleta (Maria Esther Bueno) foi utilizado como palavra-chave para a busca no acervo online com o filtro “Expressão ou frase exata”.

Foram encontradas 23 incidências nos jornais com a palavra-chave. A maioria era apenas pequenas notas comunicando resultados de campeonatos finalizados ou em andamento. O que demonstra a pequena aparição da tenista nesse jornal, mesmo tendo ganhado nesse período mais de uma vez o campeonato mais importante do mundo de tênis (Wimbledon).

Dessas 23 aparições, duas foram selecionadas para discussão nesse presente trabalho, por serem as que apresentaram mais elementos para pensarmos na carreira de Maria Esther Bueno.

### “Meu personagem da semana. Nelson Rodrigues”

Essa é uma coluna que havia no jornal e que foi selecionada para discussão. Em um exemplar de 1964, Nelson Rodrigues escreve sobre a terceira vitória de Maria Esther Bueno em Wimbledon, a relação dos brasileiros com a modalidade tênis e a falta de conhecimento dos brasileiros em relação às vitórias de Maria Esther.

Nelson Rodrigues refere-se ao tênis como “um esporte fechado, aristocratíssimo e



caríssimo”, do qual os brasileiros não têm conhecimento e interesse. A partir disso, questiona “como explicar a vitória de uma pau-de-arara como Maria Esther Bueno que não tem nem para o taioba?”, demonstrando seu físico considerado frágil que ele justifica pela possível subnutrição do seu passado.

Essa coluna expõe a realidade da modalidade no contexto brasileiro, o que reflete na pouca visibilidade encontrada no jornal O Globo. No período selecionado, Maria Esther ganhou 19 títulos de Grand Slams e o máximo que apareceu no jornal foram pequenas notas com o resultado. O que reflete no desconhecimento dos brasileiros em relação à carreira da atleta e a falta de espaço de divulgação desses resultados.

“Uma queixa justa”

A outra incidência no jornal selecionada foi da sessão “Reportagem social. Carlos Swann”, em que há pequenas notícias de diversos assuntos.

Uma delas foi intitulada “Uma queixa justa”, esta destaca e concorda com as queixas feitas por Maria Esther na Europa sobre a pouca valorização dos seus resultados no Brasil.

Assim como encontrado como resultado dessa pesquisa, o autor dessa notícia escreve “Aqui, os jornais fazem alguns comentários elogiosos, depois que Maria Esther ganha um torneio importante, e logo se calam”, diferente do que acontece na Europa que os jornais divulgam muito seus resultados com matérias e manchetes expressivas, considerando-a a maior esportiva desse período.

O escritor reforça a necessidade da carreira da tenista ser valorizada e percebida com prestígio, assim como o Pelé e o futebol aqui no país.

#### Considerações finais

A baixa incidência da tenista no jornal pode ser resultante da distância entre os brasileiros e a modalidade tênis e pelo destaque que o futebol brasileiro possuía no período, tendo Pelé como referência. O que demonstra uma relação de poder entre homens e mulheres no contexto esportivo que pode ser analisado a partir do conceito de gênero de Scott (1995) em que as diferenças entre os sexos são uma forma primária de significar as relações de poder (Foucault, 1995).

Além disso, os resultados permitem que continuemos investigando a trajetória dessa tenista para que entendamos, assim como questionou Nelson Rodrigues, como uma mulher brasileira que não pertencia à aristocracia, chegou a esse lugar, com esses resultados.

---

<sup>1</sup> Bolsista de mestrado Capes/CNPq.



## **DIÁLOGOS CIRCENSES: A CONSTRUÇÃO DE UMA LINHA DE PESQUISA NA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Camila da Silva Ribeiro, Leonora Tanasovici Cardani, Gilson Santos Rodrigues,  
Marco Antonio Coelho Bortoleto.

FEF/Universidade Estadual de Campinas.

Grupo de Estudos e Pesquisas das Artes Circenses - CIRCUS.

O Circo enquanto linguagem artística remonta séculos de existência, mas pode ser considerado um recente objeto de estudo acadêmico. Com o surgimento de novos modos de produção e, principalmente, com a revolução das escolas de Circo no final do século XX (ABREU; SILVA, 2009) percebemos um exponencial aumento das pesquisas. De fato, os primeiros estudos datam da década de 1980 e posteriormente há um progressivo aumento das publicações nacionais e internacionais, abordando diversas temáticas do Circo (ONTAÑÓN, DUPRAT; BORTOLETO, 2012).

O Grupo de Estudo e Pesquisa das Artes Circenses (CIRCUS) certificado pela Universidade Estadual de Campinas junto ao CNPq desde 2006, vem desenvolvendo um conjunto de estudos, projetos de extensão universitária e eventos acadêmicos relacionados com as atividades circenses, com especial atenção para suas relações com a Educação Física (EF). O grupo oferece uma disciplina no âmbito da graduação, com participação de alunos de outras instituições e de outras unidades da Unicamp. Assim, buscamos a consolidação do espaço interno e externo, e, com isso, o fortalecimento dessa jovem linha de pesquisa. Nesse contexto, pretendemos discutir o espaço que o Circo ocupa no programa de pós-graduação da FEF/Unicamp e como vem se consolidando como uma “linha de pesquisa” junto à área Esporte, lazer e sociedade, e mais precisamente, na linha Educação e artes corporais.

Uma revisão sistemática da literatura apontou a existência de 55 teses/dissertações (ROCHA, 2010). Dois anos mais tarde, Ontañón, Duprat e Bortoleto (2012) encontraram 175 documentos, sendo 76 livros, três capítulos de livro e 96 artigos em relação à temática. Mais recentemente, Bortoleto, Duprat e Tucunduva (2016) analisaram 138 pesquisas, incluindo trabalhos de conclusão de curso (TCC), dissertações e teses.

Por outro lado, analisando dados disponíveis no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq em um total de 37.640 grupos, conforme o censo de 2016, encontramos apenas quatro grupos que possuem o circo como uma de suas linhas de pesquisa. Desses, três estão vinculadas à área de Artes e apenas o CIRCUS na área de EF. Evidentemente somos conscientes da existência de diversos pesquisadores que investigam ou orientam trabalhos em programas de pós-graduação nessa temática, não obstante, não parece haver nesse aspecto um crescimento similar ao observado com a produção acadêmica.

O CIRCUS mantém parcerias externas à universidade junto a fabricantes de materiais circenses, companhias artísticas, e com a Escola Nacional de Circo (RJ) vinculada à Fundação Nacional das Artes (FUNARTE). Embora o financiamento de suas pesquisas ainda seja um desafio, dada a incipiência do tema na área, diferentes projetos de pesquisa do CIRCUS foram contemplados com o Prêmio Funarte Petrobrás Carequinha de Estímulo ao Circo (2009, 2010, 2011, 2012), permitindo contribuições significativas à área na forma



de documentários (BRAVO RAMÓN!, 2014), livros e capítulos e quase uma trintena de artigos no período (BORTOLETO et al., 2017). De fato, uma tese de doutorado sobre Formação Superior no Circo foi agraciada com a Menção Honrosa do Prêmio CAPES de Teses em 2014, mostrando o avanço na qualidade do trabalho realizado, notado internamente, após dois prêmios nos congressos da Unicamp no âmbito da Iniciação Científica (2009, 2016).

Apesar de parecer um amplo e promissor campo de pesquisa para a EF, é notório que o Circo ocupa um espaço periférico no âmbito da pós-graduação em EF. Estudá-lo é estabelecer tensões e desdobramentos constantes com outras áreas do conhecimento, realizando uma aproximação constante entre a EF, a Educação e as Artes. Logo, dentre os principais desafios enfrentados pelo CIRCUS na atualidade, temos a internacionalização de sua produção bem como o fortalecimento do financiamento obtido junto às agências de fomento.

## REFERÊNCIAS

- BORTOLETO, M.A.C, ONTAÑÓN, T., DUPRAT, R.M., TUCUNDUVA, B.B.P. (2017). O circo na universidade: por uma coerência entre a prática de ensino, pesquisa e extensão. In Schineider, O. & Gama, J.C.F. (Org.). Educação Física e seus caminhos - programa de educação tutorial, Virtual Livros editora, Vitória
- Bravo Ramón! LOPES, D.C. ; SILVA, E. 2014.
- ONTAÑÓN, T., DUPRAT, R.M. & BORTOLETO, M.A.C. (2012). Educação Física e Atividades Circenses: O estado da arte. Porto Alegre: *Revista Movimento*, v.18, n.02, abr-jun.
- ROCHA, G. (2010). O circo no Brasil - estado da arte. BIB. In: *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, v. 70, p. 51-70, 2010.
- SILVA, E.; ABREU, L.A. de. Respeitável público... o circo em cena. Rio de Janeiro: Funarte, 2009.



## **HÁ FORÇA NO ESPORTE?: O CONTEXTO GREGO ANTIGO COMO INSPIRAÇÃO PARA UMA REFLEXÃO ÉTICO-ESTÉTICA**

Fidel Machado de Castro Silva, Odilon José Roble  
Universidade Estadual de Campinas

Ao situarmos a Educação Física como uma dimensão que opera e produz saberes e conhecimentos sobre a educação do corpo, acreditamos que o esporte, pertencente a seara supracitada, possui contribuições no que tange o dado estético do movimento humano. É fato que na contemporaneidade a prática esportiva sofre constantes mudanças. Percebemos, dessa forma, um possível esvaziamento do potencial estético devido ao advento do entretenimento e da espetacularização do gestual, para a qual se orientam os ramos do virtuosismo gratuito, da agressividade que pode ocasionar uma sobreposição demasiada da eficiência da técnica e da busca pelo resultado final. Fatores esses corroboram para a redução da potencialidade corporal a habilidades motoras. Tal sobreposição reduz o potencial da prática esportiva para atender demandas de uma sociedade com inclinação à espetacularização e à busca da superestimulação das sensações. Com o propósito de contribuir para uma reflexão epistemológica, de modo que a relação estabelecida com o corpo possa, possivelmente, adquirir novos sentidos no que concerne às questões relacionadas à sua vertente estética, intentamos realizar um estudo em que a questão - A expressão de força que encontramos no mito grego pode nos oferecer subsídios para pensarmos o esporte contemporâneo? – possa ser tensionada a partir de aportes teóricos, como o conceito de força presente no pensamento do filósofo Friedrich Nietzsche. Ainda que esse conceito refira-se fundamentalmente, a elementos fisiológicos e biomecânicos, compreendemos que há uma projeção de sua representação no imaginário da área, compondo uma percepção distorcida do que significa o desenvolvimento da força. Para tanto, contrapomos os argumentos do imaginário de força comumente presente no esporte com as concepções nietzschianas. Optamos pela escolha desse filósofo por acreditar que ele oferece um apoio a este estudo, devido à sua interpretação sobre as disposições de força que perpassam sua obra e à reconhecida importância que esse conceito assumiu na filosofia, ainda que em contextos distintos dos aqui abordados. Nesse propósito, encontra-se ainda o arcabouço teórico da mitologia grega que, assim como Nietzsche, apresenta-nos uma alternativa que parece indicar uma educação da força compreendida como uma disposição energética volitiva inerente e imanente aos corpos, distantes de uma mera subserviência a padrões preestabelecidos, ou seja, a realização de uma educação ativa - e não passiva - da força. Ressaltamos que para o grego antigo a música, a ginástica e os jogos possuíam posição de destaque no cultivo das habilidades intelectuais do cidadão helênico. Destarte, poderíamos contestar se o termo esporte é cabível para o contexto grego antigo, contudo, neste estudo, entenderemos esporte como um fenômeno amplo que, de certo modo, condensa práticas diversas tais como os jogos e outras expressões do corpo. Tal aproximação visa retomar o corpo como matriz estética e experienciável que possa agir com a sua força potencialmente ativa e vitalista. Inspirados pela Estética Filosófica, teremos subsídios para analisar o esporte em termos de seu dado estético e encontrar nexos de inteligibilidade com a experiência de movimento. O conhecimento produzido pelo corpo é



materializado por meio das ações, ou melhor, do movimento, das percepções e das experiências. Logo, a prática esportiva apresenta-se como um universo para a elaboração de saberes éticos, estéticos e epistemológicos sobre o corpo. Acreditamos que o esporte é um lócus em potencial para possibilitar a abertura à experiência e ao instante, pois, dada a sua imprevisibilidade, pode propiciar a expressão e a manifestação de impulsos criativos. A criação de novos sentidos e a proposição de ressignificação dos conceitos, serve-nos para iluminar, sob diferentes perspectivas, os debates nos quais algumas posições tenderiam a estar cristalizadas. A utilização da metodologia filosófico-conceitual nos permite pensar problemas que não foram os que o filósofo pensou quando criou seus sistemas filosóficos e seus conceitos. Ademais, por possuir um caráter construtivo a metodologia filosófico-conceitual promove reconceitualizações que nos permite propor modos de ver o mundo sob outras lentes, de uma outra maneira que não seja a convencional. Tal cenário proposto não invalida o conhecimento já posto do fenômeno esporte, mas apresenta-se como outra forma de se estabelecer nexos inteligíveis sobre o corpo e o movimento humano. Uma mudança de panorama talvez seja possível no sentido de conjugar tanto o caráter da técnica quanto o caráter energético da estética.



## REDE NACIONAL DE TREINAMENTO QUESTÕES INICIAIS SOBRE LEGADO OU DEMANDA OLÍMPICA?

Carlos Fabre Miranda<sup>1,2</sup>, Silvia C. F. Amaral<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Instituto Federal do Rio Grande do Sul, <sup>2</sup> Universidade Estadual de Campinas

O presente trabalho busca explicar, para melhor compreender o contexto em que foi elaborado uma Política Pública de Esporte importante que é a Rede Nacional de Treinamento. Esta proposta se apresenta como um dos legados dos Jogos Olímpicos do Rio 2016, apresentado como “Legado Esportivo”. Entendemos ser fundamental compreender qual o embasamento conceitual que sustentam as escolhas feitas por aqueles que estão formulando esta política, assim, encontramos na descrição de que implementar uma política pública é colocar algo para funcionar, identificado com a ideia de fazer, embasamos o conceito de implementação segundo Di Giovanni (2015).

Este trabalho faz parte de uma pesquisa que está pautada em buscar elementos relacionados a questões socioculturais que possam se apresentar na formulação da Rede Nacional de Treinamento. O objetivo deste trabalho é apresentar elementos conceituais da Rede Nacional de Treinamento e iniciar um debate se esta política seria um “Legado” ou uma “Demanda” dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro.

A metodologia utilizada é uma revisão bibliográfica, focando na análise de documentos e discussão sobre elementos relacionadas com a implementação de Políticas Públicas presentes na Rede Nacional de Treinamento. Neste sentido Di Giovanni (2009) apresenta que: “Na verdade, o que se sugere é um constante movimento da razão que transita ininterruptamente entre a observação e a construção teórica. A observação histórica das políticas públicas possibilita a identificação de elementos invariantes em todas elas, embora cada uma delas tenha ocorrido de maneira singular e única.” (DI GIOVANNI, 2009, p. 18 e 19).

Elmore (1979) ao investigar a implementação, apresenta que os investigadores ao egerem um marco de análise não devem se centrar em questões como se este marco resulta em algo “correto” ou “equivocado”, mas sim se ele se apresenta como suficientemente inteligível como para que se possa submeter a discussão. O autor apresenta que a análise da implementação possui pelo menos dois enfoques distintos: o desenho prospectivo (*forward mapping*) e o desenho retrospectivo (*backward mapping*).

Buscando inicialmente um desenho retrospectivo da Rede Nacional de Treinamento, encontramos que esta possui forte relação com questões importantes e recentes relacionadas com o esporte no Brasil que passam pelo seu “anúncio” na III Conferência Nacional de Esporte no ano de 2010, a sua criação através de lei em 2011, portarias que regulam objetivos e funcionamento as vésperas dos Jogos Olímpicos em 2016. No atletismo esta política já está em funcionamento com normatizações reguladas pela Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt) e convênio celebrado com o Ministério do Esporte. Sendo assim, enquanto esta Política Pública é apresentada como um dos Legados dos Jogos Olímpicos, apontamos para a discussão sobre legado e embasados em Damo (2014) temos uma crítica sobre o que ficou de aproveitável depois do evento. Também encontramos nos





Cadernos de Encargos apresentados pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), elementos que apontam para a necessidade daquelas cidades pretendentes a sediar os Jogos Olímpicos questões relacionadas com a construção de estruturas esportivas e desenvolvimento das modalidades olímpicas e que apontam para que a Rede Nacional de Treinamento se apresente como uma Demanda e não um Legado.

Buscamos com esta discussão sobre a Rede Nacional de Treinamento, a identificação de elementos invariantes para assim buscar compreender o que Bourdieu (1997) ao abordar os Jogos Olímpicos e seus efeitos, apresenta que é analisar o aparecimento de uma política esportiva dos Estados. Seria preciso analisar os diferentes efeitos da intensificação da competição entre as nações que a televisão produziu através da planetarização do espetáculo olímpico, como o aparecimento de uma política esportiva dos Estados orientada para sucessos internacionais, a exploração simbólica e econômica das vitórias e a industrialização da produção esportiva. (BOURDIEU 1997 p.126)

#### REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

DAMO, Arlei e OLIVEN, Ruben. **Megaeventos no Brasil: um olhar antropológico**. Campinas-SP: Armazém do Ipê, 2014.

DI GIOVANNI, Geraldo. **As Estruturas Elementares das Políticas Públicas**. NEEP, Universidade Estadual de Campinas, Caderno 82, Campinas, 2009.

DI GIOVANNI, Geraldo. Implementação In: **Dicionário de políticas públicas**. DI GIOVANNI, Geraldo (org.) e NOGUEIRA, Marco Aurélio (org.) São Paulo: Editora da UNESP, 2015.

ELMORE, R. F. 1979. Backward Mapping: Implementation research and policy decisions. **Political Science Quarterly**, New York, v. 94, n.4, p. 601-616, Winter.

Contato: carlosfabremiranda@gmail.com



## UM OLHAR ESTÉTICO PARA A RODA DE CAPOEIRA: DESAFIOS DA PESQUISA COM DADOS SENSÍVEIS

Renan Almeida Barjud, Odilon José Roble  
Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas  
Grupo de Pesquisas em Filosofia e Estética do Movimento

Pretendemos apresentar algumas questões levantadas em uma pesquisa em andamento sobre a capoeira, especificamente, sobre uma roda de capoeira de rua: a Roda da Feira. Essa roda, materializada aos sábados na Feira Hippie da cidade de Campinas, tem como características fundamentais não pertencer a nenhum grupo ou instituição de capoeira e ocorrer em espaço público de grande circulação de pessoas – uma praça pública –, o que contribui para não ter um caminho definido com desdobramentos calculados. Mudanças podem ocorrer no caminho alterando as direções. A roda em questão possui uma grande abertura para aqueles que desejam jogar capoeira, se estabelecendo como um espaço de encontro e de vadiagem – movimento de afirmação na capoeira dentro de uma outra relação com o tempo, tendo no corpo a expressão do lúdico. A Roda da Feira, constituída já há muitos anos, vai surgindo e se configurando de forma mais espontânea do que planejada, é fruto das vontades de cada capoeira, nascida pela busca do encontro dos corpos que jogam, gingam, lutam, cantam, assistem e se sensibilizam por essa manifestação. Como abordar essa roda em questão que, a priori, é semelhante a qualquer outra roda de capoeira, mas que nas relações que estabelece e nas experiências que proporciona aos corpos se constitui como única? Encontramos um caminho interessante quando passamos a entender a Roda da Feira como um fenômeno sensível, capaz de propiciar uma experiência estética entre seus participantes. Etimologicamente a palavra estética vem do grego *aisthesis*, trazendo o significado de “faculdade de sentir”, “compreensão pelos sentidos”. Partindo desse ponto, o caminho que se abre para olharmos para essa roda de capoeira é o da Estética Filosófica, ramo da filosofia que tem como primazia o estudo do belo e o sentimento que provoca nos seres humanos. Arthur Schopenhauer, em sua obra *Metafísica do Belo*, apresenta o belo como um modo especial de conhecer, que nos fornece esclarecimentos outros à nossa concepção de mundo. Outro filósofo central para nossas reflexões que eleva essa outra forma de conceber o mundo é Friedrich Nietzsche. Ele argumenta que a vida se justifica enquanto fenômeno estético, atribuindo à estética filosófica ponto central em sua obra. Nietzsche encontra em sua leitura do povo grego antigo uma potência de vida muito relacionada à presença da arte como mediadora entre os homens, entre o homem e o mundo e entre o homem e o sagrado. Sensibilizados pelas reflexões desse filósofo, sobretudo, presentes no seu livro *O Nascimento da Tragédia*, procuramos, no exercício de estranhar aquilo que nos é familiar e trazer conceitos que vitalizem as discussões, atribuir nexos de inteligibilidade sobre esse fenômeno singular que é a Roda da Feira. As referências aos deuses Apolo e Dioniso, bem como as características de suas manifestações, nos apontam para pensar os movimentos e direções que essa roda de capoeira pode assumir. Nietzsche alerta que a mudança das disposições técnicos-energéticas nos fenômenos constrói um encadeamento de significados cambiantes capazes de serem entendidos em conjunto, como uma genealogia. No caso de alguns elementos constituintes da roda de capoeira a



exacerbação da forma, da plasticidade e do gesto técnico, remete a alguns atributos relacionados à divindade grega de Apolo, deus da bela aparência, da medida e do limite. Destarte, a sobreposição dessas características pode culminar em uma fragilização do tronco central. A luz demasiado forte de Apolo parece ter trazido seus ramos para um mesmo lado. Essa luz é a espetacularização do gestual, para a qual se orientam os ramos da esportivização, da individualidade, da agressividade inconsequente, que tentam enfraquecer a experiência coletiva. Ao pender mais para esse lado em que o gestual é pautado pela reprodutibilidade técnica, o movimento corporal humano, elemento intrínseco ao mundo da cultura, conseqüentemente é alterado de forma profunda. Como roda de rua, a Roda da Feira proporciona uma maior abertura a novos elementos, que poderão ou não ser assimilados por ela. Notamos que a presença do incerto - da instabilidade - aparentemente, cria um novo cenário que contrasta com os movimentos que organizaram a capoeira dentro de uma perspectiva preponderantemente racional. Trazemos, assim, os desafios em nossa busca pelos dados sensíveis que mobilizam essa roda de capoeira.



## A MAGIA DE ENSINAR O VOLEIBOL

Vitor Daronco Freire, Stefanie Hesse Alves, Isabela Boscolo, Phillippe Mendes  
Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas

Durante este texto, discorreremos sobre situações vivenciadas durante quatro semestres de aulas de vôlei na extensão da Faculdade de Educação Física da Unicamp, destinada a comunidade de Barão Geraldo e Campinas.

Marcel Mauss (2003), discorre sobre a interferência da magia nas relações sociais e utilizaremos desse contexto para tentar explicar algumas relações que tivemos durante nossa passagem nas aulas de voleibol que ministramos. No nosso contexto, nossos alunos são adultos que muitas vezes passaram por aulas de vôlei anteriormente que tiveram uma metodologia de treinamento mais analítica e/ou tecnicista.

Assim podemos denominar os professores anteriores de vôlei como os mágicos que encantaram seus alunos e o fizeram acreditar nessa crença, tornando essa metodologia como verdade e isso só é questionado quando essa crença é quebrada por serem colocados frente a uma metodologia diferente. E essa magia encaminha durante muitos momentos das nossas aulas e comentaremos sobre isso mais a frente no capítulo.

Ao longo da experiência com as turmas da extensão, dois pontos se destacaram como problematizadores da nossa prática. O primeiro foi a distância estrutural do voleibol quando comparado aos outros esportes frequentemente ensinados no contexto escolar (futsal, basquete e handebol).

Quando resgatamos a base teórica que norteia nossa proposta pedagógica, cujo foco são os esportes coletivos de invasão, notamos que tanto as invariantes e princípios operacionais de Bayer (1994), quanto os níveis de relação de Garganta (1995) são identificáveis no voleibol, mas de maneira diferenciada. Por não se tratar de um esporte de invasão, a progressão em direção ao alvo corresponde à preparação do ataque, e a equipe adversária não pode impedir diretamente essa ação

A segunda dificuldade foi a resistência daqueles que já jogavam voleibol em outros contextos e se depararam com uma metodologia diferenciada. Precisamos convencê-los a trocar a ótica pela qual eles olhavam a modalidade, e mostrar as potencialidades da nossa forma de ensinar. Isso significou quebrar a crença e a magia que envolve o ensino do voleibol, na qual o ensino técnico, com exercícios fechados, prevalece em muitas das metodologias utilizadas.

Quando iniciamos as aulas do projeto, pedimos para os alunos que falassem sobre as aulas anteriores, com sugestões e críticas para que pudéssemos melhorá-las. Novamente nos deparamos com críticas sobre a metodologia que utilizamos, e pedidos para passarmos mais exercícios técnicos, ou seja, exercícios de caráter analítico-sintético.

Explicamos nossa metodologia e a razão de não passarmos tais atividades com mais frequência, já que acreditamos que cada pessoa tem o seu movimento ideal, e que ensinar padrões de movimento pode limitar a experimentação, e dificultar o desenvolvimento de movimentos que melhor se adequam ao estilo e características de cada aluno. Além disso, argumentamos que todas as atividades ministradas trabalhavam a técnica, já que ela está necessariamente posta em todos os momentos do jogo. Ainda assim, com o passar do tempo,



continuamos recebendo pedidos por aulas mais específicas de técnicas.

Podemos explicar essa recorrência pelos significados atribuídos à técnica, ou a magia que entrelaça o voleibol com o seu ensino. Mauss (2003, p. 175) diz que “*Aos gestos mal coordenados e impotentes, pelos quais se exprime a necessidade dos indivíduos, a magia dá uma forma e, porque os transforma em ritos, torna-os eficazes*”. Sendo assim, o voleibol quando ensinado em espaços que priorizam a estrutura de treinos baseada em exercícios fechados encanta os alunos que a vivenciaram. E essa magia fornece abrigo aos que procuram uma razão ao desenvolvimento. E isso faz com que professores que tentem variar essa estrutura não consigam a atenção desejada de alunos que já foram encantados, sendo recebidos com ceticismo.

Entretanto, a resistência dos alunos no contato com uma forma diferente de ensino diminuiu com o tempo e eles perceberam a mudança na forma de jogo individual e coletiva. Assim demonstraram-se cada vez mais abertos ao nosso trabalho, compreendendo que a partir da compreensão da lógica de jogo, que envolve, entre outras coisas, a ocupação dos espaços, a leitura do jogo e a visualização dos espaços vazios seriam capazes de melhorar o nível de jogo.

Nesse texto relatamos algumas dificuldades que vivenciamos na prática, destacando a distância do voleibol, quando comparado com os outros esportes mais frequentes no contexto escolar (futsal, handebol e basquete), o desafio de implantar uma proposta pedagógica pautada pelas teorias dos jogos coletivos desportivos de Bayer e Garganta, e o enfrentamento de paradigmas trazidos por praticantes de voleibol encantados pela magia da metodologia de treinamento do voleibol a partir de exercícios fechados.



## **TÁ NO SANGUE E NO SUOR: OS SIGNIFICADOS DAS PRÁTICAS CORPORAIS DO FORRÓ UNIVERSITÁRIO**

Ricardo Henrique Zambon, Mário Luiz Ferrari Nunes  
Universidade Estadual de Campinas

Sabemos que em uma escola a escolha de seu currículo é uma decisão política, pois trata-se de um campo de disputa no qual grupos sociais tentam consolidar seus conhecimentos e visões de mundo. Partindo do princípio da escola democrática, as aulas, em particular de Educação Física, não deveriam privilegiar determinados saberes em detrimento de outros. Nessa direção, o professor precisará de elementos que o auxiliem na elaboração de um currículo que atenda às diferenças culturais, tendo em vista democratizar o conhecimento a respeito das práticas corporais. Diante desse quadro, esta pesquisa visou identificar alguns modos de regulação da cultura no posicionamento do sujeito em um espaço de produção cultural. Destacamos alguns dos aspectos substantivos e epistemológicos (HALL, 1997) que compõe a cultura do forró universitário (FU) de uma grande cidade do interior do estado de São Paulo.

Compreender os significados de uma prática corporal nos ajuda a entender as representações que incidem tanto na sua identidade como na de seus sujeitos (NEIRA, NUNES 2011). Desta forma, pretendeu-se transpassar a abordagem puramente motora e turística como tradicionalmente são tratadas as práticas culturais nos currículos, a fim de facilitar aos discentes a possibilidade de realizarem uma leitura crítica desse artefato cultural.

Para a realizar está pesquisa utilizamos a etnografia participante a partir da perspectiva de um etnógrafo pós moderno. Neste caso, na visão de MacLaren (2000), adotando a posição de um flâneur. O resultado e a personificação de duas figuras no mesmo indivíduo: a de um flâneur observador e reflexivo e a de um pesquisador teórico e crítico. As observações foram realizadas em quatro momentos diferentes em uma casa noturna de FU de uma grande cidade do interior do estado de São Paulo. Os shows analisados foram escolhidos com o propósito de observar as formas de regulação do comportamento dos forrozeiros.

A escolha do FU de uma cidade do interior de SP deve se ao fato de que este local é uma das intercessões da multiculturalidade existente no Brasil. A visão de multiculturalidade usada aqui, parte dos estudos de Stuart Hall (2003) para quem o fragmento “multi” refere-se à noção de multiplicação, ou seja, uma multiplicação cultural.

A prática do FU, da cidade pesquisada, possui códigos e linguagens de forma singular, dentro de uma cadeia de representações. Apesar de estarem em constante transformação, alguns saberes são dominantes e determinam a permeabilidade do sujeito no grupo, a aceitação e a recusa pelos demais praticantes. O domínio da dança, dos movimentos ritmados e das conexões entre rodopios durante a prática é, sem dúvida, o saber mais notório. No FU, as relações sociais giram em torno da dança, mas ela não é a única força que regula o comportamento do forrozeiro. Outros elementos, tais como roupas, a localização em relação à pista de dança, a posição em rodas de conversa entre outros códigos, fazem parte das forças que regulam o comportamento dos sujeitos, contribuindo para a formação da identidade forrozeira.

O FU do interior de SP produz, de forma única, sua própria relação de signos e significados. Nesta pesquisa foi possível concluir, por meio das observações, que o conhecimento da “dança”, sobretudo de forma prática, é o principal fator de regulação dos sujeitos, contribuindo para a produção de identidades e marcando diferenças.

Esta pesquisa foi realizada para colaborar com a democratização dos saberes proposta pelo currículo cultural, na Educação Física escolar. Traz elementos dos significados do forró universitário, para que o docente em ação na escola tenha elementos que o auxiliem na elaboração de um currículo que



atenda às diversas práticas culturais, colaborando para a justiça curricular.

**Referências:**

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade,**

Porto Alegre, v. 22, n. 2, p.15-46, jul. 1997.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Ufmg, 2003. 434 p. Tradução Aldelaine La Guardia Resende [et. all].

MCLAREN, P.; O etnógrafo como um flâneur pós-moderno: reflexividade crítica e o pós-hibridismo como engajamento narrativo. In: MCLAREN, P. **Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio.** p. 82-116 Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. Contribuições dos estudos culturais para o currículo da educação física. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis*, v. 33, n. 3, p. 671-685. Florianópolis, 2011



## EM SÃO PAULO DÉCADA DE 1970: ROUPAS NO SKATE

Vinícius Pereira Chieppe  
FEF/ Universidade Estadual de Campinas

O presente trabalho faz uma relação entre o Skate, seus significados e as roupas. É corrente o discurso que o Skate é um esporte (BRANDÃO, 2014). Entretanto, mostra-se que é necessário ter cautela nesse discurso. Esporte tem suas definições, limites e não pode ser confundido com outros elementos da cultura corporal, já que têm valores distintos. A roupa pode ser uma importante ferramenta na análise da esportivização do Skate.

Defendo aqui que a esportivização do Skate é uma forma de mercantilização. Por meio das vestimentas, demonstro que as roupas dos skatistas foram transformando-se ao longo do tempo e que o que os processos de repressão que o Skate sofreu na cidade de São Paulo na década de 1970 também contribuíram para essa mudança. Assim, esportivizar o Skate seria uma forma de legitimá-lo, já que proibir uma prática esportiva tem um peso diferente do que uma prática corporal outra não esportivizada.

A maioria das fontes são específicas da área do Skate ou relacionadas ao público jovem. São revistas importantes, pois marcam uma transformação na cultura skatista. Agora, tais revistas defendiam a esportivização do Skate, pois assim deixaria de ser uma prática desprestigiada para gozar das vantagens que há em ser considerado um esporte.

Vale notar, que para Bourdieu (1983), o esporte é associado a uma parte integrante de uma “ideia moral”, ou seja, um conjunto de valores dominantes visto que o esporte é a “concretização pragmática desse ideal”. Complementando a ideia, para Elias e Dunning (1995) o esporte é a representação mimética das guerras, uma “batalha controlada em um cenário imaginário”. O esporte, portanto, é uma simbologia que carrega conceitos consigo, refletindo um modelo de sociedade. Esporte tem características como: racionalização, espetacularização e dessacralização.

Chegamos então em uma ideia primordial: aquelas práticas corporais que não refletem os valores morais dominantes não podem ser consideradas esporte. Aquilo que não necessariamente racionalizado, espetacularizado e dessacralizado não pode ser considerado esporte, porém ainda é uma prática corporal.

Assim, o Skate aparece como uma prática corporal de questionamento de valores em sua origem (BRANDÃO, 2014). Valores muito diferentes daqueles defendidos pelo esporte. Sem defender, portanto, competições e normatizações, skatistas reuniam-se em espaços públicos e se apropriavam deles, ressignificavam-nos.

O movimento Skatista, inspirado pelos surfistas, define um novo meio de vestir-se. Nada de “carentice”, o importante era a liberdade. Porém, a liberdade dentro dos padrões estéticos do Skate. Será que seria aceito no (s) grupo (s) skatista (s) alguém que se vestisse “carente”?

Infelizmente, não poderemos contar com o recurso visual nesse texto, porém indico o documentário “Uretano no Asfalto”. Ele resgata diversas imagens e fontes históricas dos períodos do Skate que chamarei de antes da esportivização e dos depois da esportivização. Nas imagens é possível notar skatistas sem calçados, com sungas ou apenas com shorts que correspondem ao período anterior ao da esportivização. Todavia, há também imagens de





skatistas já profissionais, competindo. É possível perceber equipamentos de segurança e propagandas em seus próprios corpos ou nos cenários das fotos.

O embate entre esportivizar ou não o Skate ainda é atual. Neira (2014) em uma etnografia na praça Roosevelt encontrou grupos que apenas queriam simplesmente dar um tour<sup>1</sup> ou servirem de plateia para quem faziam manobras. Há uma competição disfarçada em fazer a melhor manobra, porém não podemos caracterizar esse momento como uma prática esportiva. Quem sabe, uma forma misturada e confusa entre os valores do Skate antes da mercantilização e depois?

Finalmente, as imagens podem ser uma boa ferramenta de análise. Mostram roupas e períodos distintos dessa breve história do Skate. Seja ele um Esporte ou não.

Fontes utilizadas:

Revistas:

*Esquete* (1977);

*Brasil Surf* (1978);

*Revista Brasil Skate* (1978).

Filme:

*Uretano no Asfalto*

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRANDÃO, Leonardo. **Para Além do Esporte: Uma história do skate no Brasil**. Blumenau: Editora da Furb, 2014.

ELIAS, N. e DUNNING, E. **Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion**. México: FCE, 1995.

NEIRA, Marcos Garcia. Etnografando a prática do skate: elementos para o currículo da Educação Física. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 18, p.138-155, 18 dez. 2014. Semestral. Disponível em: <[http://www.gpef.fe.usp.br/teses/marcos\\_34.pdf](http://www.gpef.fe.usp.br/teses/marcos_34.pdf)>. Acesso em: 12 out. 2017.

URETANO no Asfalto. Direção de Luiz Fernando da Silva, Fito C.. São Paulo: Grama Filmes, 2015. Son., color.

<sup>1</sup>“Simplesmente andar (NEIRA, 2014, p.146).



## **POS-GRADUAÇÃO E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO NORDESTE BRASILEIRO: migrações e fragmentações**

Silvio Sánchez Gamboa

Universidade Estadual de Campinas

### **INTRODUÇÃO**

Os resultados aqui apresentados correspondem a uma pesquisa desenvolvida na Região Nordeste do Brasil, no período de julho de 2012 a maio de 2016 com a participação de 79 pesquisadores vinculados as nove (9) universidades federais da região e quatro (4) do Sul e Sudeste<sup>1</sup>.

Pesquisas anteriores (CHAVES-GAMBOA, 2005), identificaram algumas situações problemáticas derivadas da inexistência de programas de pós-graduação em educação física na região Nordeste, tais como a migração de docentes formados em Educação Física para o exterior, para outras regiões do país ou para outras áreas a fim de realizarem seus estudos pós-graduados.

No caso do Nordeste, onde são escassos os programas de pós-graduação *stricto sensu*, a maioria deles concentrados nas regiões Sul e Sudeste, justifica a hipótese sobre a influência de perspectivas teóricas, metodologias que poderão determinar a interpretação da problemática da Educação Física das regiões menos desenvolvidas.

### **METODOLOGIA**

A pesquisa considerou dados e/ou informações sobre os pesquisadores (mestres e doutores) que atuam nos 123 cursos ativos na área da Educação Física- IES (e-MEC e Plataforma Lattes do CNPq) e dados sobre as pesquisas produzidas (amostra de 424).

### **DESCRIÇÕES, RESULTADOS, INTERPRETAÇÕES**

1. O volume da produção dos mestres e doutores que atuam nos 123 cursos pode ser sintetizado na seguinte tabela geral



Tabela geral EPISTENORDESTE

Estado	Cursos em atividade Planilhas	Mestres e doutores (currículo Lattes localizados)	Localização de pesquisas	Análise epistemológica
1. Alagoas	10	63	36	36
2. Bahia	37	144	123	87
3. Ceará	23	52	104	52
4. Maranhão	8	49	40	35
5. Paraíba	7	67	130	58
6. Pernambuco	19	174	136	78
7. Piauí	7	26	26	16
8. Rio Grande do Norte	6	55	64	29
9. Sergipe	6	29	63	33
<b>Total</b>	<b>123</b>	<b>821</b>	<b>691</b>	<b>424</b>
%			100%	61.36%

Fonte: elaboração própria

2. O volume de 691 pesquisas localizadas (dissertações, 59% e teses 41%) significa que apesar do Nordeste não sediar programas de pós-graduação em Educação Física sua produção é altamente significativa (recentemente foram criados 2 programas). Se comparado ao volume produzido no mesmo período (1980-2012) nos programas *stricto sensu* (3233 pesquisas), a produção do Nordeste, equivale aproximadamente a 30% desse volume.

3. O impacto dos programas do Sul e Sudeste, é relativo, já que a maioria das pesquisas foram defendidas em programas do mesmo Nordeste (43%) que somadas às IES estrangeiras (14%)<sup>2</sup> e do Centro-Oeste (6%) representam 63%, ultrapassando às defendidas no Sul (11%) e Sudeste (26%). De igual maneira, a maioria delas foi defendida em outras áreas, Educação (29%), Ciências Sociais (6%), Ciências da saúde (21%), Ciências biológicas e outras (6%), indicando que o impacto da Educação Física (38%) também é relativo.

## CONCLUSÕES

O predomínio das áreas biológicas (52%) sinaliza uma “atração (fatal) para a biodinâmica” e denuncia o trato desigual da produção, cuja característica principal é ser polissêmica.

Espera-se que os resultados desta pesquisa contribuam para

a constituição de Programas de Pós Graduação em Educação Física para o Nordeste que superem as lacunas impostas pela própria política de PG na área 21, que privilegia a subárea e a linha de pesquisa da biodinâmica e, dessa forma, intensifica a fragmentação do conhecimento entre as ciências humanas e sociais, e as ciências biológicas e da saúde, os quais tem sido



expressas pelas características das tendências temáticas, epistemológicas e teóricas, que apontam para diferentes perspectivas de formação humana (SACARDO et al. 2017, p. 275).

Espera também, que os resultados gerem debates em torno das novas políticas de pós- graduação na área.

## REFERÊNCIAS

CHAVES-GAMBOA, M. **A produção do conhecimento em Educação Física nos Estados do Nordeste (Alagoas, Bahia, Pernambuco e Sergipe) 1982-2004: balanço e perspectivas**. 2005. Tese (Pós-doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SACARDO, M.S.; CARDOSO, A. E. Indicadores e características da produção do conhecimento *stricto sensu* dos docentes dos cursos de educação física no estado do Ceará (1989-2012). In. CHAVES-GAMBOA, M.; SÁNCHEZ GAMBOA, S. TAFFAREL, C. (Orgs).

**Produção do conhecimento em educação física no nordeste brasileiro: o impacto dos sistemas de pós-graduação na formação dos pesquisadores da região**, Campinas: Librum Editora. 2017, p. 260-277.

---

<sup>1</sup> A pesquisa foi intitulada: “PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: impacto do sistema de pós- graduação das regiões sul e sudeste do Brasil na formação e produção de mestres e doutores que atuam nas instituições de ensino superior da região nordeste” e teve o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP (proc. 2012/50019-7).

<sup>2</sup> Destaque para a Universidade do Porto 49 pesquisas defendidas (46 em Ed. física) que supera a qualquer universidade brasileira. Nesse sentido é a IES que mais impacto tem na produção.



## PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE DANÇA E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO BRASIL: ANALISANDO ARTIGOS CIENTÍFICOS

Aline Renata de Farias Fragoso, Livia Tenorio Brasileiro  
Universidade de Pernambuco

Ao observar as publicações em livros sobre dança no Brasil, Brasileiro (2009) identifica um acervo de textos que apresentam a constituição histórica da dança, inúmeras traduções, porém poucas que se dedicam a refletir a dança no espaço escolar, de formação no Brasil. Aquino (2008, p. 8) afirma que “a pesquisa em dança é uma prática recente com poucos exemplares, de modo que não é possível se referir a uma tradição de conhecimento acadêmico em dança no Brasil”. Neste contexto, este estudo pretende analisar as produções publicadas em periódicos nacionais, no formato de artigos científicos, sobre a dança como conhecimento tratado pela área de Educação Física (EF), tendo como intenção identificar seus principais campos de estudo, bem como consolidar um catálogo de acesso público aos pesquisadores da área de EF e áreas afins, a fim de contribuir com a qualificação da formação para o ensino da dança. Trata-se de uma pesquisa de abordagem quanti-qualitativa, do tipo documental, que tomou como fonte as produções, no formato artigo científico, sobre dança e EF em nosso país. O acesso se deu essencialmente *online*, onde inicialmente ocorreu o acesso ao banco de periódicos da CAPES, na área da EF, nos seus respectivos estratos *qualis*, sendo identificado 1.952 periódicos, dos quais 672 pertenciam aos periódicos brasileiros, selecionados 47 periódicos na área da EF, que pela disponibilidade virtual ficou em 34, mas apenas 24 apresentaram artigos que tomam a dança como possibilidade de pesquisa. Na tabulação dos dados elencamos dados de localização e identificação do artigo, resumo e texto completo. Foram analisados 212 artigos, sendo agrupados em 7 temáticas: Dança e Educação (75) - compreendendo os estudos sobre intervenção pedagógica e formação na Educação Básica e no Ensino Superior; Dança e Movimento (50) - compreendendo os estudos sobre desenvolvimento e controle motor, exercício físico e aptidão física e diversos aspectos da saúde; Dança e Estética (25) - compreendendo estudos que tematizam a dimensão estética, aspectos de corpo e expressão; Dança e História (18) - reunindo estudos de memória, arte e cultura; Dança e Lazer (7) - estudos sobre a dança como lazer e políticas públicas de lazer; Dança e Inclusão (17) - estudos dedicados especialmente as pessoas com deficiência; Dança e Temáticas Transversais (14) - estudos sobre dança e gênero, religião, preconceito, violência, autoestima etc. Havendo ainda 6 estudos que não conseguimos classificar. Claro que há entrecruzamento destas temáticas, mas os artigos foram incluídos nas temáticas de acordo com as suas principais características/objetivo. O periódico com maior quantidade de publicações sobre dança e Educação Física pertence ao *qualis* mais elevado na área: Revista Movimento, importante destacar o escopo desta revista que inclui sistematicamente estudos do campo sociocultural; seguido da Revista Motriz, Pensar a Prática e Conexões, que também tem essa característica em boa parte de suas publicações. Estas produções têm seu primeiro registro a partir do ano de 1987, sendo o ano de 2010 o maior registro de produções (25). Entre 2007 a 2013 houve um aumento de publicações, se comparado ao período anterior, e o cenário indica continuidade crescente de publicações desta temática.



Das 7 temáticas apresentadas, a de maior incidência em publicação foi Dança e Educação (35,38%), que concentra estudos que relacionam a dança e as intervenções pedagógicas em sua quase totalidade, apresentando estudos que analisam as dificuldades e possibilidades do ensino da dança em diferentes níveis de ensino (. Reafirmamos a necessidade de recorrer a literatura buscando através de pesquisas, novas formas para o trato da dança nas aulas de Educação Física. As pesquisas ampliam as possibilidades e asseguram a necessidade de confirmar tal conteúdo nas aulas de Educação Física, visando à qualificação da formação de crianças e jovens.

**Palavras-chave:** Dança, Educação Física Escolar, Produção do conhecimento.

### **Referências**

AQUINO, R. A produção de pesquisas acadêmicas em dança no país: um olhar a partir de teses e dissertações. In: **V Congresso ABRACE: criação e reflexão crítica**. Belo Horizonte; 2008. Disponível em: <http://www.portalabrace.org/vcongresso/textosdancacorpo.htm>. Acesso em: 29 de maio de 2014.

BRASILEIRO, L. T. **Dança – Educação Física: (in)tensas relações**. 2009. 223f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.



## **CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA NO ENSINO DE JOGOS POPULARES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Caio Henrique Caldato Ferreira

Escola Superior de Educação Física de Jundiaí

Inúmeros estudos na área da Educação Física escolar, vem promovendo discussões sobre quais conteúdos e as respectivas abordagens pedagógicas devem ser adotadas pelos professores de Educação Física para o ensino e o desenvolvimento de um trabalho efetivo nas aulas. Mas quando nos referimos aos jogos populares, enquanto saber elaborado proveniente da manifestação cultural de diversos povos e sua incorporação como objeto de estudo da cultura corporal, surgem as seguintes questões: Qual a relevância desse conteúdo nas aulas de Educação Física? E como uma abordagem pedagógica pode contribuir para o ensino de tais jogos? Buscando discorrer tais indagações presente no cotidiano dos professores de Educação Física escolar, este trabalho tem por objetivo discutir as contribuições da Pedagogia Histórico-Crítica nas aulas de Educação Física, cogitando, de modo geral, sua relevância no ensino de jogos populares. O método adotado para a realização do estudo foi uma revisão bibliográfica acerca do tema proposto através de artigos de revistas indexadas e livros do acervo da Biblioteca da Escola Superior de Educação Física de Jundiaí, ESEF, os termos de pesquisa foram: Pedagogia Histórico-Crítica, Jogos Populares, Jogos na Educação Física Escolar. Concluímos que a partir da proposta dialética integrada ao método de ensino da Pedagogia Histórico-crítica, a prática pedagógica resulta aos professores de Educação Física escolar aspectos didáticos efetivos para o desenvolvimento de um trabalho estruturado no ensino de jogos populares.

Email: [caio- caldato@hotmail.com](mailto:caio-caldato@hotmail.com)

---

<sup>1</sup> Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).



## MOTIVAÇÃO DE CORREDORES PARA CONSUMO DE SUPLEMENTOS NUTRICIONAIS

Gabriel Kaiser Fullin Castanho<sup>1</sup>, José Eduardo Corrente<sup>2</sup> Paula Teixeira Fernandes<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas,

<sup>2</sup> Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Atualmente, percebe-se um crescimento na procura por recursos ergogênicos no esporte. Com isso, o consumo de suplementos nutricionais também aumentou entre atletas. Porém, estudiosos abordam o risco de contaminação por substâncias ilícitas e por conterem outros componentes não relatados nos rótulos. Apesar desses fatores, pouco se sabe sobre a motivação para o consumo desses suplementos por atletas. Objetivo: Identificar os fatores motivacionais de corredores para o consumo de suplementos nutricionais. Metodologia: Foram avaliados 72 indivíduos (58 homens,  $37,7 \pm 11,9$  anos). Eles responderam a dois questionários sobre motivação, o "Inventário de Motivação à Prática regulares de Atividades Físicas e esporte" (IMPRAF-54) (Balbinotti; Barbosa, 2006) e outro que foi construído a partir desse para verificar a motivação para o consumo dos suplementos, ambos com 54 questões com respostas em escala de Likert de cinco pontos. Resultados: Os resultados mostraram que o suplemento mais consumido foi o *whey protein* (48,6%). A motivação para o consumo dos suplementos nutricionais foi a estética e a motivação para a prática de exercícios físicos foi a sociabilidade. Considerações finais: De acordo com os resultados, os principais motivos para o consumo de suplementos e para a prática de exercícios para os corredores foi estética e sociabilidade, respectivamente.

Palavras-chave: suplementos nutricionais, exercício, motivação, psicologia do esporte.





## **CAN TRANSCRANIAL DIRECT CURRENT STIMULATION IMPROVE MUSCLE POWER IN INDIVIDUALS WITH ADVANCED WEIGHT-TRAINING EXPERIENCE?**

Samanta Fioravante Saraiva, Geraldo Maranhão, Sergio Machado,  
Alexandre Paixão de Moraes

Programa de Pós-graduação em Ciências Atividade Física, Universidade Salgado de Oliveira.

A força muscular tem como definição o produto da força e a velocidade do movimento. Evidências sugerem que alguns fatores provavelmente desempenham papel importante nos mecanismos que influenciam o desenvolvimento muscular, a saber, a força relativa, o gênero, as características musculares e neuromusculares, a fadiga e o tempo de treinamento. Além disso, é possível que mudanças na excitabilidade cortical ou na via corticoespinal possam melhorar as medidas relacionadas à força. A Estimulação de corrente contínua (ETCC) tem sido amplamente associada a mudanças na excitabilidade cortical, sendo uma ferramenta potencial para melhorar as medidas de resultado relacionadas à força. A ETCC é uma técnica de neuromodulação, fácil de aplicar e menos dispendiosa, capaz de induzir mudanças na excitabilidade cortical por até uma hora após o término de estimulação. O principal mecanismo de ação da ETCC é modificar a excitabilidade neuronal espontânea e a atividade elétrica do potencial de repouso da membrana. A estimulação anódica (a-ETCC) favorece a despolarização de neurônios e, conseqüentemente, aumenta a excitabilidade da taxa de disparo neuronal espontânea. Por outro lado, a estimulação catódica (c-ETCC) foi associada com efeitos inversos, supressão da excitabilidade cortical. As mudanças nos potenciais da membrana neuronal estão subjacentes ligados aos efeitos agudos da ETCC. Embora a ETCC tenha sido utilizada principalmente para pacientes com doenças neurológicas e distúrbios psiquiátricos, também foi destacada como uma ferramenta valiosa para melhorar o treinamento físico. O salto com contramovimento é extremamente importante para a prática de vários esportes e um grande número de treinadores acreditam que a força muscular é essencial para melhorar o desempenho do salto vertical. Deste modo, avaliar se a-ETCC tem um efeito ergogênico no desempenho do salto com contramovimento é extremamente relevante, pois proporcionaria a primeira evidência de seus efeitos nos exercícios de potência muscular orientados para o desempenho. Assim, o objetivo deste estudo foi investigar os efeitos da Estimulação Transcraniana de Corrente Contínua (ETCC) no desempenho do salto com contramovimento em homens com experiência avançada de treinamento de força. Dez indivíduos masculinos saudáveis, com treinamento avançado de força e com experiência em exercícios de agachamento, foram incluídos. Os participantes tomaram parte do estudo em uma visita inicial ao laboratório, para completar medidas antropométricas e realizar a cinemática do salto com contramovimento com o teste-reteste para confiabilidade. Os participantes completaram três condições experimentais, em 48-72 horas de intervalo, em um projeto de randomização e duplo-cego: ETCC anódica, catódica e SHAM (2 mA por 20 minutos visando o córtex motor bilateralmente). Os participantes completaram três testes de salto com contramovimento antes e depois de cada condição experimental, com um intervalo de recuperação de um minuto entre cada teste. O melhor salto em cada momento foi selecionado para análise. Two-way (condição por momento) foram realizadas para a altura do



salto, o tempo de voo e a potência do pico muscular. Foram também analisados os tamanhos de efeitos e a variabilidade interindividual das respostas de ETCC. Houve uma interação significativa por momento para todas as medidas de resultado, com um grande aumento pré e pós na altura do salto, tempo de voo e potência do pico muscular na condição anódica. Todos os participantes apresentaram melhorias de desempenho no salto após a condição anódica. Não houve diferenças significativas nas condições catódicas e SHAM. A ETCC anódica pode ser uma ferramenta valiosa para melhorar o desempenho das tarefas relacionadas com o poder muscular, o que é extremamente relevante para esportes que requerem habilidade de salto vertical. A ETCC anódica também pode ser usada para apoiar o treinamento de força, aumentando seus efeitos nas medidas de resultado orientadas para o desempenho.



## **FORMAS DE HIGIENIZAR POR MEIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA SEGUNDO TESES, CONFERÊNCIAS E PERIÓDICOS MÉDICOS DO RIO DE JANEIRO ENTRE 1870 E 1892**

Felipe Lameu dos Santos

Departamento de Educação Física e Desportos da  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

O objetivo desta pesquisa foi realizar uma história do que era entendido como educação física e suas relações com as propostas de formas de higienizar a população brasileira segundo parte da medicina no contexto do Rio de Janeiro entre os anos de 1870 e 1892. Estive, assim, atento ao que se entendia como educação física no contexto histórico e cultural da época. Os principais documentos tornados fontes foram as teses para obtenção do título de doutor em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, as Conferências Populares da Glória e os artigos dos Annaes Brasilienses de Medicina e dos Annaes da Academia de Medicina que tratassem do tema da educação física dentro do período pesquisado. Para a maioria dos autores dos documentos, a educação física era entendida de forma ampla e abarcava a ginástica, a arquitetura dos edifícios, a alimentação, o banho, o asseio, a dança, o canto e declamação, a natação, a esgrima, os jogos, o sport, a equitação, os passeios e a caça. Tudo que dizia respeito ao desenvolvimento físico podia ser enquadrado de alguma forma na educação física. Esse olhar sobre a documentação pode colaborar para a interpretação sobre o que os médicos entendiam por educação física sem a necessidade da utilização de uma categoria como “educação do corpo”. O próprio termo educação física significado de forma ampla já oferece eficácia heurística se respeitada sua historicidade. A partir das teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro defendidas entre os anos de 1870 até 1892, percebe-se que a escola era elevada como um espaço de difusão das luzes que deveria ser estendida a toda a população, pois cada indivíduo estava ligado ao destino da nação. Dentro do projeto de difusão das luzes a educação física deveria fazer parte de um modelo de educação integral formado pela educação física, moral e intelectual. Os três aspectos da educação deveriam ser equilibrados, sendo a educação física mais ligada aos aspectos físicos da educação e à higiene. Nas teses, os autores apontavam que no modelo de escola vigente naquele momento os aspectos intelectuais sobressaiam aos outros. Para corrigir esse desequilíbrio, uma educação física baseada na higiene deveria fazer parte de uma nova forma de conceber a escola. Os autores defendiam que se deveria criar uma nova cultura escolar baseada nos conhecimentos da ciência e da higiene. Ainda nas teses percebe-se que o principal aspecto da educação física era o exercício físico, mas é em 1892, na tese de Severino Sá de Brito, que a educação física passa a designar somente o exercício físico. Parece que estava em processo a especialização da educação física como uma área responsável pela racionalização do exercício físico. A partir da leitura das teses percebe-se que outras fontes seriam necessárias para compreender formas propostas para higienizar a população por meio da educação física, defendidas por parte dos médicos nos anos finais do século XIX em seu diálogo com a sociedade. Com isso, as Conferências Públicas da Glória e dois periódicos médicos serviram como fontes. Nas conferências e periódicos analisados ocorria a defesa da educação integral, sendo a educação física a



dimensão mais ligada à higiene. Nessas fontes, se propõe que a educação física também deveria ser estendida para toda a população no processo de difusão das luzes. Entretanto, percebe-se uma maior diferenciação entre a educação física para as mulheres e para os homens do que nas teses. Parece que não existia um consenso na documentação analisada sobre como deveria ocorrer a educação física de cada sexo. O exercício físico também representava a dimensão mais importante da educação física nessas fontes. Contudo, diferentemente do que ocorreu na tese de Brito, o conteúdo privilegiado era a ginástica. Isso também demonstra que não existia um único exercício físico para a educação física. A ginástica e o esporte dividiam espaço nas defesas dos médicos pesquisados. Nos limites desse trabalho pude compreender as formas propostas para higienizar a população por meio da educação física defendidas por parte da medicina nos anos de 1870 até 1892. Uma questão ainda em aberto que está para fora dos limites desse trabalho é como a educação física entendida de forma ampla foi apreendida dentro do cotidiano das escolas nesse período. Será que as propostas do pensamento médico eram respeitadas? Como essas formas de educação física foram ressignificadas dentro das culturas escolares? Essas são perguntas para outra história.

Palavras-chave: Higiene; Rio de Janeiro; educação física.



## AS CONTROVÉRSIAS DO PILATES: A VIA DE MÃO DUPLA ENTRE O ESTÚDIO E O LABORATÓRIO

Raquel da Silveira<sup>1</sup>, Marco Paulo Stigger<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande, <sup>2</sup>Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Partindo do entendimento de que há múltiplas ciências sendo promulgadas na Educação Física (SILVEIRA, 2016), o presente trabalho analisa de que maneira são realizadas as pesquisas sobre Pilates em um laboratório de Biomecânica. Desenvolvemos um estudo etnográfico baseado nos preceitos dos Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia (LATOUR, 2000), em que acompanhamos o dia a dia dos cientistas, a rotina estabelecida no Laboratório e as inúmeras associações entre elementos diversos que compõem o fazer científico investigado. A partir desse percurso de pesquisa identificamos que o ‘Método Pilates’ consiste em um conjunto de exercícios propostos por Joseph Pilates, que com o passar do tempo foi sendo apropriado e alterado por diferentes ‘linhas’, ‘escolas’ e ‘correntes’ que se estabeleceram na condição de representantes do ‘Método’. Nesse processo, emergem inúmeras controvérsias em relação aos exercícios que devem ser realizados, à forma com que devem ser executados, e aos efeitos que esses exercícios provocam nos seus praticantes. Nessa direção, não é por acaso que a ciência passa a ser acionada com o objetivo de minimizar essas controvérsias e começam a surgir trabalhos científicos com objetivos diversos sobre o ‘Método Pilates’. Dessa forma, professores de Pilates passam a se inserir em espaços científicos, deslocando suas experiências de dentro dos ‘estúdios’ para os laboratórios de pesquisa. Já, em relação ao Laboratório investigado, foi possível identificar que os estudos sobre o Pilates iniciaram em 2006 quando uma professora dessa prática ingressou em um curso de especialização em Biomecânica em que o pesquisador responsável pelo Laboratório investigado ministrava algumas disciplinas. A professora tinha o objetivo de aplicar os conhecimentos adquiridos no curso de especialização em suas aulas de Pilates, e investigar algum aspecto dessa prática na pesquisa que deveria realizar para finalizar a sua formação. O pesquisador, que a orientou nessa pesquisa, estava interessado em mensurar as forças que atuam no corpo humano, sendo o Pilates apenas mais uma prática que oferecia movimentos para serem avaliados. Hoje, passados mais de 10 anos dessa primeira pesquisa, o Pilates é a temática prioritária do Laboratório, em que as mensurações das forças nos exercícios deixam de ser a unanimidade nos objetivos, pois também se investigam os benefícios dessa prática em diferentes esferas da vida das pessoas. Além disso, outras ações foram realizadas pelos pesquisadores do Laboratório: a criação de um curso de especialização em Pilates; a organização e realização de um congresso nacional sobre pesquisas voltadas a essa atividade; e o pesquisador responsável se tornou o editor da seção ‘Pilates’ de um periódico científico. Assim, podemos dizer que tanto na esfera do Pilates (o qual passa a requerer da ciência argumentos para minimizar suas controvérsias) quanto no Laboratório (que elege esse sistema de exercícios como prioridade em suas ações e investigações), esses deslocamentos possuem relações estreitas e são fundamentais no processo de elaboração dos conhecimentos científicos resultantes das pesquisas. Percebemos uma constante interação e dependência das ações que acontecem no Laboratório com aquelas que



acontecem nos estúdios de Pilates. Em síntese, pudemos concluir que as pesquisas realizadas sobre Pilates no Laboratório investigado aconteciam a partir de uma ‘via de mão dupla’ entre os conhecimentos de biomecânica, física, anatomia, forças, ângulos, eletromiógrafos, estatísticas e os conhecimentos das técnicas dos movimentos, da história, das crenças e de todo o processo de ensino-aprendizagem específicos do Pilates. Se foram os professores de Pilates que começaram a se inserir nas ciências para compreender essa prática, agora é o universo científico que se interessa e amplia os espaços destinados ao Pilates. Dessa forma, novos elementos começam a ser associados às pesquisas realizadas pelo Laboratório, fortalecendo e legitimando essa prática como temática de investigação e o próprio grupo de pesquisadores investigado como *expert* em produção de conhecimento sobre Pilates. Diferentes tipos de relações foram estabelecidas com empresas que produzem equipamentos de Pilates, com periódicos acadêmicos, com professores renomados do Pilates, com outros pesquisadores, com estúdios, com instituições científicas e com os praticantes que resultaram em uma ‘rede’ de produção de conhecimentos que, diferente de outras temáticas, está se mantendo e ganhando protagonismo no Laboratório por agregar, cada vez mais, novos aliados. Assim, é a partir de parcerias, acordos, colaborações e alguns enfrentamentos que o Laboratório transforma as controvérsias presentes nos estúdios de Pilates em controvérsias científicas e vice-versa.

### Referência Bibliográfica

LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação:** como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. Tradução Ivone C. Benedetti; revisão de tradução Jesus de Paula Assis. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

SILVEIRA, Raquel da. **Vivendo ciências:** às (co)existências de diferentes ontologias científicas da Educação Física. 2016, 431f, Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.



## **EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, PRÁTICAS CORPORAIS E LAZER DE ALUNOS EVANGÉLICOS**

Talita de Carvalho Sajorato<sup>1</sup>, Ana Carolina Capellini Rigoni<sup>2</sup>  
Universidade Metodista de Piracicaba, Universidade Federal do Espírito Santo.

É fato o expressivo aumento do número de alunos evangélicos nas escolas brasileiras e a forma como estes segmentos religiosos influenciam sobremaneira na regulação dos comportamentos e dos corpos de seus fiéis, agenciando, inclusive, a relação das crianças e adolescentes com a aula de Educação Física e com as práticas corporais. Estas questões, por sua vez, afetam diretamente a relação destes sujeitos com o tempo livre e com as práticas de lazer. São muitos os alunos evangélicos que sofrem restrições da família e da Igreja no que diz respeito à participação em jogos, danças, e em tantos outros conteúdos da Educação Física e do lazer. Partimos, então, do pressuposto de que uma “boa” aula de Educação Física seja capaz de gerar no aluno a reflexão sobre estas questões e o desejo de continuar praticando tal atividade fora da escola, o que, conseqüentemente, pode influenciar em suas práticas de lazer. O objetivo deste projeto<sup>1</sup> foi, portanto, analisar como e se a experiência afetiva com as práticas corporais vivenciadas durante as aulas de EF são capazes de transformar a relação de alunos evangélicos com estas práticas e com o “uso do corpo” no tempo livre. Neste sentido, mais do que analisar o modo como os sujeitos mediam os conhecimentos da igreja com os conhecimentos da Educação Física, buscamos compreender como pessoas religiosas, de igrejas evangélicas tradicionais, ao participarem de práticas corporais podem desenvolver uma experiência afetiva com o movimento e, deste modo, levar sua relação com essas práticas para além da escola, ou seja, para o seu tempo de lazer. Para isso lançamos mão de pesquisa etnográfica, que foi realizada em duas escolas públicas no Município de Piracicaba – SP durante um semestre letivo. Na Escola 1 observamos uma turma de 6º, 7º e 8º anos e na Escola 2 turmas do 1º e 2º anos do Ensino Médio. Além da observação e registro em caderno de campo, selecionamos 12 alunos, pertencentes a igrejas tradicionais, para a realização de entrevistas semiestruturadas. Através da etnografia percebemos que atualmente há uma proibição velada em relação os alunos participarem das aulas de EF e de qualquer outra atividade que tenha como princípio as práticas corporais sem fins religiosos. Até mesmo porque, como demonstrado nas entrevistas, a família é a influência primordial para os adolescentes serem inseridos na religião evangélica e a igreja também parece influenciar sobremaneira nas escolhas dos alunos. Ainda que, se confirme um afrouxamento das regras religiosas percebemos, nitidamente, que as formas utilizadas pela igreja para definir os limites e acordos cotidianos, são determinantes na formação da consciência destes. De qualquer forma, todos os entrevistados participavam das atividades propostas durante as aulas de EF, mas a maioria deles, principalmente as meninas, o faziam apenas visando a aprovação na disciplina. Essa participação ocorre a partir de “acordos” que eles fazem consigo mesmos e com os pais, no sentido de abrir exceções para não se prejudicarem na escola. Observamos ainda, que alguns alunos, principalmente as meninas, demonstraram certa preocupação com os conteúdos que poderiam apresentar, segundo elas, relações com a sensualidade, o prazer



ou, ainda, com conotação sexual. Outro dado constatado é que do ponto de vista da aparência, os alunos evangélicos investigados já não se diferenciam tanto dos outros alunos como acontecia há alguns anos. Isto confirma certo afrouxamento dos costumes. Percebemos, também, que os alunos evangélicos concebem o lazer de forma diferente da concepção acadêmica/científica. Se, para os principais autores do campo, o lazer remete as práticas vivenciadas no tempo disponível das obrigações, incluindo as religiosas, para os alunos entrevistados as atividades da e na igreja são consideradas como lazer. Também foi possível concluir que, apesar da relação afetiva que principalmente os meninos tem com o esporte, a influencia da Igreja parece ser mais significativa do que a da EF escolar na vida destes alunos. Compreendemos, por fim, que, pelo menos da forma que ela é ministrada hoje (nas escolas pesquisadas), a disciplina de EF não parece estar sendo eficiente no sentido de promover relações afetivas entre os alunos e as práticas corporais para além do tempo e espaço escolar. E ainda, não tem promovido a tensão necessária para que os alunos se questionem e se envolvam com as práticas corporais de lazer fora da escola ou fora do “olhar” atento da igreja.

<sup>1</sup> O projeto em questão foi financiado pela FAPESP (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo), com o número de processo 2016/13375-0, finalizado em Outubro de 2017.





## DANÇA NA UNIVERSIDADE: UMA RELAÇÃO DE AMOR E ÓDIO

Ravine Carvalho Pessanha Coelho da Silva, Felipe Lameu dos Santos,  
Valéria Nascimento Lebeis Pires  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Esse texto é fruto de um relato de experiência a partir da atuação/participação enquanto bailarina, discente do curso de Licenciatura em Educação Física da UFRRJ e monitora da disciplina de Dança I, II e III. A Dança como prática corporal é entendida como expressão da vida por meio de uma linguagem corporal constituinte do sujeito. A disciplina Dança, de caráter teórico-prático, obrigatória na matriz curricular do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) demanda de comprometimento do discente quanto ao processo de ensino-aprendizagem que a compõe. Nesse sentido, esta é uma área de conhecimento diretamente relacionada à cultura corporal de movimento, sendo, portanto, imprescindível compreendê-la em favor do processo educativo através de um importante meio de comunicação: O movimento Humano. No entanto, importa adentrar as discussões acerca da originalidade dessa manifestação artística, seu vocabulário corporal específico, respeitando a individualidade na ação coletiva, buscando melhor compreender a si próprio, o mundo e os outros. Os alunos inscritos nessa disciplina são em geral do 2º período do referido curso, compondo, em alguns casos, diferentes grupos, como os alunos, profissionais de dança com formação técnica; pessoas que praticam a dança de maneira livre e pessoas que nunca vivenciaram esta prática. É possível fazer desse relato, um instrumento de conhecimento e promoção da dança em educação, visto que a disciplina aborda assuntos teóricos como o processos históricos e culturais da dança, divisões e classificações de gêneros musicais e de ritmos, assim como os fundamentos da dança aplicáveis em âmbito escolar. Para além desses conhecimentos, é possível identificar a importância da relação entre teoria e prática propiciada pela dança, relação que pode vir a permitir a elaboração e apresentação da coreografia e que possui em si uma proposta pedagógica para o ensino da dança na escola considerando essa proposta uma ação promotora e precursora de uma prática mais prazerosa, livre, espontânea e porque não mais sistematizada? Entende-se que a dança constitui um importante conteúdo da Educação Física escolar, com possibilidade de refletir e compartilhar valores como cooperação, solidariedade, respeito as diferenças e os limites, acreditando que cada aluno reserva algo especial, observando momentos de superação de ser dançante e estar dançando. Esses sentimentos que fluem entre o ser e estar se desenvolvem sob a subjetividade entendida como experiência personalíssima e única do sujeito. Com relação ao repertório corporal individual das experiências, entende-se que os espaços de aprendizagem possibilitam trocas culturais e ressignificação do corpo de forma singular e múltipla. As referidas trocas são percebidas durante os encontros de sextas feiras pela manhã, dia da semana que para os estudantes representa o mais esperado por se tratar do dia em que voltam para casa depois de uma semana intensa de trabalho e estudos envolvidos no curso integral, é possível observar a ansiedade dos mesmos com relação à finalização da aula e do dia de estudo, mas também observa-se a expectativa e participação expressiva nas aulas propostas. Acredita-se que tal fato possa estar relacionada a preocupação com a avaliação prática da disciplina, composta



pelo processo de elaboração coreográfica para apresentação no evento maior da disciplina: A Mostra de Dança, que avalia a habilidade física, sobretudo motora e a expressividade, consagrando o trabalho desenvolvido ao longo do semestre e representando a disponibilidade dos universitários de dançar para uma grande plateia composta por estudantes, professores, funcionários, parentes e amigos, no Anfiteatro da Universidade onde estudam. O evento acontece duas vezes por ano, finalizando as atividades por semestre e é esperado pela comunidade acadêmica e do entorno, por se tratar de um acontecimento artístico e cultural, de participação aberta ao público de forma geral. No que diz respeito a participação dos alunos nas aulas e na Mostra, é fundamental considerar as experiências anteriores com dança ou com práticas corporais rítmicas e expressivas. Nesse sentido, essa participação pode ser prazerosa ou não. Considerando a experiência corporal dos mesmos, entendemos que a intervenção pedagógica deve ser acolhedora, descontraída e sensibilizadora, capaz de desenvolver conceitos e afetos que possam vislumbrar a liberdade de expressão, criatividade, a sociabilização e a humanização da ação dançante.



## **AS LEIS DE FINANCIAMENTO ESPORTIVO PÓS CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA (1988)**

Amanda Sousa do Nascimento, Eliana de Toledo Ishibashi  
Faculdade de Ciências Aplicadas e Programa de Pós Graduação  
da Universidade Estadual de Campinas

A Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 1988, se caracteriza como protagonista quando abordamos o tema das políticas públicas do país. O Artigo 217, desta Constituição apresenta as práticas desportivas como direito de cada um, e designa ao Estado a obrigatoriedade de fomentar tais práticas, sendo elas formais ou não. Para Veronez (2005), este artigo influenciou a ação estatal no esporte, sobretudo quanto ao novo relacionamento entre o Estado e o setor esportivo. Para Nascimento e Toledo (2016), com o esporte constitucionalizado, os governos seguintes passaram a ponderar estratégias de políticas e elaboração de leis que ampliassem a colaboração do Estado com o esporte. Nesse contexto, essa pesquisa teve como objetivo fazer o levantamento e análise das Leis, a nível federal, que foram promulgadas após a Constituição de 1988, que foi um marco para o esporte brasileiro. Trata-se de uma pesquisa documental, que tem como fonte primária as Leis que abordam a temática em questão. Essa busca foi realizada em plataformas digitais do poder legislativo, entre o período da promulgação da Constituição de 1988, até a criação do Ministério do Esporte (2003). Como fonte secundária, foram utilizados livros específicos, que tratam sobre a temática da legislação esportiva. Identificou-se que a Lei Mendes Thame (nº7.752/89) foi a primeira lei de incentivo fiscal relacionada ao esporte, pois possibilitava que pessoas físicas e jurídicas abatessem parte do imposto de renda devido para o fomento ao esporte. As destinações dos recursos eram feitas na forma de doação ou patrocínio. (BRASIL, 1989). As entidades favorecidas eram de caráter jurídico e todo o processo era realizado pelo Ministério da Educação, e pelo Conselho Nacional do Desporto, órgãos reguladores do esporte antes da criação do Ministério do Esporte. Logo após a posse do Governo Fernando Collor de Melo, a Lei foi suspensa, fazendo parte de um conjunto de ações da gestão desse governo. Para Tubino (2002) a lei gerou uma ilusão no âmbito esportivo com o governo Collor, a idealização de uma lei de incentivos fiscais terminou. Em 1993, foi promulgada a Lei Zico (nº8.672), esta Lei diminuiu a interferência do Estado nas ações esportivas, de forma direta. A partir disso, a autonomia e a iniciativa privada se fortaleceram no contexto esportivo. A Lei Zico, também ampliou o conceito de esporte, que antes compreendia o esporte de rendimento, e passou a contemplar o esporte educacional e de participação (BRASIL, 1993). Azevedo e Barros (2004), explicam a Lei Zico, como uma tentativa de trazer investimentos para o esporte, assim como ocorre em outros negócios, levando o esporte para outras dimensões. Em sequência, no ano de 1998, temos a Lei Pelé (nº9.615), que vem como revoga da Lei Zico, e faz algumas alterações no que diz respeito ao relacionamento entre clube e atleta, e estabelece outras diretrizes, como a possibilidade do clube se tornar empresa, o que colaborou para que o esporte tivesse, outras possibilidades de fomento (sobretudo no esporte de rendimento). A Lei Manguito Vilela (nº9.981/00), revogou algumas das ações da Lei Pelé, grande parte das alterações foram relacionadas ao futebol, se tratando principalmente da relação atleta-clube,



Tubino (2002) afirma que essa lei foi necessária para a atualização do cenário esportivo no país, sobretudo por conta da criação do Ministério do Turismo e Esporte. No ano seguinte, foi aprovada Lei Agnelo Piva (nº10.264/01), que estabeleceu uma repasse de 2% da arrecadação total das loterias federais do país, para o Comitê Olímpico e Paralímpico brasileiro, isso garante o financiamento direto ao esporte de alto rendimento. Em 2006, três anos após a criação do Ministério do Esporte, foi promulgada uma outra lei de incentivo fiscal, a Lei de Incentivo ao Esporte (nº11.438/06), essa Lei estabelece que pessoas físicas e jurídicas podem doar parte do imposto de renda devido, para projetos esportivos aprovados pelo Ministério do Esporte. A referida Lei colabora diretamente com o desenvolvimento do esporte no país em parceria com o poder privado. Outro ponto importante, é que ao contrário das leis anteriores, que abordam o financiamento ao esporte de modo geral, a Lei de Incentivo é uma lei específica, que trata especificamente sobre o financiamento. Nota-se que houve um aumento relevante na promulgação de leis gerais que abordam o financiamento do esporte a partir da década de 90. Com a criação do Ministério do Esporte, as Leis ficaram mais específicas e articularam mecanismos de financiamentos diretos, como a Lei de Incentivo fiscal. As ações políticas ainda se dão de forma pontual, porém é claro a importância do esporte nas políticas de governo ao longo dos anos.



## EDUCACIÓN FÍSICA Y GUBERNAMENTALIDAD BIOPOLÍTICA

Jorge Andrés Jiménez Muñoz, Carlos José Martins

Universidade Estadual Paulista “Júlio da Mesquita Filho” UNESP/Rio Claro

Actualmente, países de América del sur como Brasil y Colombia conciben a la Educación Física a través de sus instituciones gestoras de políticas científicas (CAPES-COLCIENCIAS) como un área de conocimiento inserida en las Ciencias de la Salud. Más allá de dilemas epistemológicos que pretenden discutir el lugar que ella ocupa en ese espectro científico, planteamos algunas reflexiones sobre cuáles razones “gubernamentales”, es decir, que tipo de racionalidad gubernamental estaría detrás de la ubicación de la Educación Física en esta gran área y no en la gran área de Ciencias Humanas, donde en Educación, por ejemplo, tendría una inserción histórica y social más significativa. Para el caso de Brasil, aunque en el sitio web de la CAPES encontremos la justificación de agrupación de las “áreas de conocimiento, en virtud de la afinidad de sus objetos, métodos cognitivos y recursos instrumentales reflexionando contextos sociopolíticos específicos”, y para Colombia a través de su ministerio de Ciencia y Tecnología (COLCIENCIAS) que dispone una clasificación de “grupos (de investigación) de acuerdo a las grandes áreas de conocimiento definidas por la Organización para la Cooperación y el Desarrollo Económicos (en adelante, OCDE)” se trata, antes de aceptar estos argumentos de orden más epistemológico y nada consensuales al interior de la Educación Física, interrogar esta inserción a partir de otra perspectiva, aquella de la gubernamentalidad según la concepción de Michel Foucault. Entendemos esta noción como “el conjunto constituido por las instituciones, los procedimientos, análisis y reflexiones, los cálculos y las tácticas que permiten ejercer esa forma muy específica, sin embargo muy compleja, de poder que tiene por objetivo principal la población, por principal forma de saber la economía política y por instrumento técnico esencial los dispositivos de seguridad” (Martins, 2011, p. 112). Este concepto tuvo su emergencia en los estudios arqueológicos y genealógicos de Foucault, desde los que analizó como el surgimiento de la medicina social en el inicio de la modernidad brindó un saber biomédico sobre las poblaciones, como pieza clave en el interior de una red compleja y múltiple de saberes con los cuales el Estado pretendió hacer frente a problemáticas como la expansión demográfica, una abundancia monetaria y el aumento de la producción agrícola. Esa compleja red contornó el origen de una ciencia política que empleó como principal saber una economía política y que definió a la medicina como una tecnología de gobierno. En el marco de esta perspectiva, entendemos a la Educación Física más allá de los límites de su campo científico específico y, por el contrario, intentamos mostrar como esa estrategia de ubicación en la gran área de la salud corresponde a una estrategia de gubernamentalidad biopolítica, en la que el área viene a ser comprendida como una tecnología destinada a orientar las prácticas de gestión de los cuerpos y las poblaciones, actuando conjuntamente con una racionalidad económica predominante. En este sentido, podemos comprender como esta estrategia de inserción se extiende más allá de este campo con su amplia inclusión en el campo educacional, en donde maximiza su acceso a los cuerpos y las poblaciones, encontrándose investida de su papel biopolítico gubernamental. No es de extrañar las sucesivas reinversiones de poder gubernamental sobre ella para refinar tal función a través de la proposición de reformas. Delante de esta problematización,



proponemos discutir nuestras hipótesis desde los siguientes niveles: a) En el campo científico, unas políticas establecidas por instituciones gubernamentales que comprenden a la Educación Física, en el caso de Colombia, influenciadas por directrices emanadas por la OCDE, que la ubican en el área de “Ciencias del Deporte” y en la gran área de “Ciencias Médicas y de la salud”, con el fin de clasificar a grupos de investigación de acuerdo con estándares internacionales de visibilidad e impacto; y en el caso de Brasil, estableciendo una finalidad eminentemente práctica de sistematización e información científica que orienta a las instituciones de enseñanza, investigación e innovación; b) en la Educación Física Escolar, comprendida al interior de la discursividad de una serie de reformas gubernamentales como la “Reforma do ensino medio”.



## A SAÚDE NO CADERNO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ESTADO DE SP: UMA REFLEXÃO DE SUA PRESENÇA NA ESCOLA

Cássia Maria Hess, Eliana de Toledo Ishibashi  
FCA – FEF Universidade Estadual de Campinas

A escola sempre foi vista como um lugar para higienizar os corpos das crianças, tendo em vista, conforme Soares (2006) que as pedagogias higienistas (séculos XIX e XX) mediam e pesavam esses corpos. Na escola moderna, segundo Cesar e Duarte (2009, p. 124) “uma grande máquina de governo das crianças, produzindo práticas e saberes sobre a infância”, é local para exercícios exaustivos, manutenção de exames, castigos e gratificações. Em especial, na escola contemporânea, o corpo magro e saudável, toma um lugar importante seguindo programas de medidas contra a obesidade infantil (SOARES, 2006), além de novas propostas de merendas e estilo de vida, denominado por Cesar e Duarte (2009) como pedagogias do *fitness*, citamos também os programas das Secretarias de Estado da Educação e da Saúde como o “Agita São Paulo” e o “Agita Galera” originado pelo “Programa Educação + Saúde: Não Existe Melhor Remédio”, alguns documentos oficiais do Brasil que norteiam os professores, acerca de como desenvolver a temática da Saúde nas aulas de Educação Física escolar, em nível nacional os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000) e em nível estadual o Caderno do Professor do Estado de São Paulo (2014-2017), além de Propostas e Abordagens como a Saúde Renovada (DARIDO, 2001) e de obras como de Nista-Piccolo e Moreira (2012). Neste sentido, o objetivo deste trabalho será analisar como e em quais anos finais do ensino fundamental, o tema Saúde vem sendo tratado no quadro de conteúdos do Caderno do Professor do Estado de SP, na disciplina de Educação Física. Sendo uma pesquisa documental, e se justifica, por realizarmos uma ponte entre Universidade, Políticas Públicas Educacionais e Escola. Identificamos que o tema Saúde nos Cadernos do Professor do Estado de SP está atrelado aos temas Organismo humano e movimento, sendo assim denominado - “Organismo humano, movimento e saúde”, abordando diferentes subtemas ao longo dos anos escolares. No 6º ano, *Capacidades físicas: noções gerais (agilidade, velocidade e flexibilidade); A importância do alongamento e do aquecimento; Capacidades físicas: noções gerais (força e resistência); A importância da postura adequada; Noções gerais sobre ritmo; jogos rítmicos.* No 7º ano, *Capacidades físicas: aplicações no atletismo e na atividade rítmica; Capacidades físicas e aplicações no basquetebol.* No 8º ano, *Capacidades físicas: aplicações no atletismo e na luta; Princípios e efeitos do treinamento físico; Atividade física/exercício físico: implicações na obesidade e no emagrecimento; Doping: substâncias proibidas.* Destacamos que no 9º ano, não é abordado nenhum subtema sobre o tema. A partir desses dados é possível identificar um desequilíbrio entre os conhecimentos das ciências humanas e biológicas, pendendo mais para a área da biomecânica e do condicionamento físico, não sendo abordados os conhecimentos da área de humanidades, relacionados aos aspectos históricos, sociológicos, pedagógicos e psicológicos do tema Saúde relacionados à atividade física. Não que esses conhecimentos mencionados acima não sejam relevantes para os alunos do ensino fundamental dos anos finais, assim corroboramos com Carvalho (2001) que defende a Saúde como um dos direitos dos cidadãos, como alimentação, moradia, educação, saneamento básico e alimentação, e, portanto a atividade física não pode promover



essas necessidades. Assim, concluímos que para além da própria execução da atividade física, a Educação Física na escola é um espaço de prazer, conscientização e problematização do corpo em movimento, da cultura corporal e esportiva, da atividade física e de suas relações com a sociedade. Carecendo de um debate mais amplo na área para possíveis mudanças no âmbito curricular referentes ao tema Saúde, verificando também se os professores ensinam e quais estratégias utilizam, para ensinarem esses conteúdos nas aulas de Educação Física na escola.

### **Referências Bibliográficas**

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio ambiente e saúde – temas transversais**. Brasília, MEC/SEF, 2000.

CARVALHO, Y. M. **O mito da Atividade Física e Saúde**. 3. Ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

CESAR, M. R. A.; DUARTE, A. Governo dos Corpos e Escola Contemporânea: pedagogia do fitness. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n.2, p.119-134, mai/ago 2009.

DARIDO, S.C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

NISTA- PICCOLO, V. L.; MOREIRA, W.W. **Esporte para a saúde nos anos finais do ensino fundamental**. 1. Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SÃO PAULO (Estado). **Caderno do Professor**. Educação Física: ensino fundamental. São Paulo: SEE, 2014-2017.

SOARES, C. L. Pedagogias do corpo: higiene, ginástica, esporte. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. P. 75-85.





## **EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E PÓS-GRADUAÇÃO: ANÁLISE DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DE UM PROGRAMA RECOMENDADO PELA CAPES**

Vinícius dos Santos Moreira, Daniel Teixeira Maldonado, Bruno Freitas Meireles,  
Fabiano Dias, Aline Rodrigues Santos, Valdilene Aline Nogueira, Uirá de Siqueira Farias,  
Paulo Clepard Silva Januario, Elisabete dos Santos Freire  
Universidade São Judas

É notório o aumento dos programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física nas últimas décadas. Por consequência, a produção de conhecimento nessa área passou a ser mais valorizada, principalmente naqueles estudos vinculados com a área da saúde, já que a Educação Física adentrou a área 21 da CAPES, junto com a Fisioterapia, a Fonoaudiologia e a Terapia Ocupacional. Nesse sentido, os estudos socioculturais e pedagógicos da área perderam um pouco de espaço, principalmente aqueles voltados para a Educação Física Escolar, que faz parte da área de Códigos e Linguagens nas escolas de Educação Básica espalhadas pelo Brasil. A partir dessa reflexão, acreditamos ser importante investigar como os programas de Pós-Graduação em Educação Física estão se estruturando para fomentar as pesquisas na área e conhecer as perspectivas para a produção do conhecimento sobre a Educação Física na escola. Partindo desta premissa, o objetivo deste estudo foi compreender as características dos estudos que se relacionam com a Educação Física Escolar publicados no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física de uma Universidade localizada em São Paulo. Averiguamos todas as teses e dissertações publicadas no programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física da Universidade São Judas, desde sua origem, em 2004, até o mês de agosto de 2017. Para acesso aos trabalhos produzidos foram realizadas buscas no banco de teses e dissertações disponibilizado pela Universidade. Foram analisadas 22 teses de Doutorado e 183 dissertações de Mestrado, alocadas em 4 linhas de pesquisa do programa (Atividades Físicas e Disfunções Orgânicas; Educação Física, Escola e Sociedade; Prevenção e Promoção da Saúde; e Fenômeno Esportivo). Verificamos que 54 (26,5%) investigações produzidas estão vinculadas à linha “Educação Física, Escola e Sociedade”, que concentra estudos históricos, sociais, políticos e pedagógicos sobre a Educação Física. Esse resultado demonstra que o programa tem valorizado a investigação na área sociocultural e pedagógica, situação que não vem ocorrendo em diversos programas de Pós-Graduação em Educação Física reconhecidos pela CAPES no Brasil. Para compreender as características das publicações relacionadas com a Educação Física Escolar, realizamos uma análise desses 54 estudos, de acordo com as categorias “Fundamentação, Intervenção, Diagnósticos de Contextos e Outras”. Ao explorar apenas os estudos publicados na linha Educação Física, Escola e Sociedade, encontramos 40 investigações que estavam diretamente relacionadas com a Educação Física Escolar, sendo que os/as pesquisadores/as deram maior enfoque para temas relacionados com a categoria Intervenção, compondo 65% do total. Esses estudos tinham como objetivo analisar os conteúdos tematizados nas aulas do componente curricular, os métodos de ensino utilizados, a formação inicial e continuada desses docentes, a avaliação e a organização curricular. Também identificamos que 35% das investigações foram realizadas com a intenção de diagnosticar contextos, principalmente no que se refere as concepções de corpo, saúde e esportes dos docentes, suas histórias de vida e o seu imaginário



sobre a Educação Física. Nenhum estudo encontrado se encaixou na categoria Fundamentação. O predomínio de estudos na categoria intervenção pode estar relacionado com as características dos pesquisadores, já que a maior parte das pesquisas foram produzidas por professores que estão vinculados à escola, construindo o cotidiano da Educação Física Escolar. Com frequência, esses professores têm dificuldade para ingressar em programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* ofertados por Universidades Públicas, já que dedicam grande parte de seu tempo ao cumprimento de sua jornada de trabalho na escola. Concluímos que, mesmo em um contexto adverso para pesquisas voltadas para o ensino da Educação Física na escola, o programa de Pós-Graduação analisado vem valorizando estudos voltados para essa temática, reconhecendo a importância do trabalho realizado pelos/as docentes da área na Educação Básica. Dessa forma, acreditamos que ele tem cumprido um papel importante para o desenvolvimento da área.



## **TECNOLOGIA-EDUCAÇÃO: CONFLITOS GERACIONAIS NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Monique Kathleen Soares de Camargo, Rubens Antônio Gurgel Vieira  
Grupo de Estudos em Pedagogia da Educação Física – FEFISO

### OS “CONECTADOS”

O momento histórico que vivemos de processos de aquisição do conhecimento denomina-se para Toffler (1980) Terceira Onda, uma intensificação dos meios de comunicação. Para Lévy (1999) estamos na época da Cibercultura, cultura que surge através dos meios de comunicação, transformando a natureza das relações dos homens com a tecnologia. Assim, a internet é potencializadora, os sujeitos que a acessam mudam a sua forma de pensar e agir, como potentes dispositivos de subjetivação.

A relação Tecnologia-Educação são construções dos saberes, formando identidades, necessário à mudança da consciência, aceitar a realidade e usufruí-la, que caminhe para frente. Para Paulo Freire (1988) a Educação vem a ser problematizada, os homens vão percebendo criticamente, como estão sendo no mundo com que é em que se acham.

Estudos realizados na última década mostram o surgimento de uma nova geração de seres humanos que possuem diversas características particulares. Um destes estudos foi feito pelo estadunidense Marc Prensky (2001), que criou o conceito de “nativos” e “imigrantes digitais”. Os nativos digitais são todos aqueles que nasceram e cresceram na era das tecnologias digitais, enquanto os imigrantes digitais nasceram na era analógica, tendo migrado, já adultos, para a era digital. Pode-se observar a diferença entre esses dois grupos, de acordo com a forma de pensar e de processar informações, o que pode acarretar conflitos no campo educacional.

A Educação Física, expressa a forma como os seres humanos se relacionam. As modificações do seu conteúdo e da forma de aplicá-los, bem como suas disposições legais, tendem a obedecer à lógica das mudanças dessa organização social, à medida que a sociedade é transformada pelos homens, transforma-se também a forma da Educação Física (MELLO, 2009).

Para compreender as mudanças causadas pela cibercultura no campo da Educação Física do ensino superior, foi realizada uma pesquisa observacional em uma faculdade no Brasil e no México, comparando os países emergentes e discutindo seus problemas.

A sociedade brasileira e mexicana apresentam as duas mais populosas das nações latino-americanas, transição tecnológica, com uma profunda desigualdade social, econômica e política. Vale ressaltar o grande salto que Brasil e México deram quando relacionado à tecnologia da informação como afirma Benachenhou (2013), um salto na utilização de telefone e acesso a internet, sendo os dois países com um maior índice quando relacionado aos países latino-americanos.

A parte observacional realizada no Brasil e México caracteriza-se pela tecnologia da inteligência coletiva, que Lévy (1999) caracteriza como uma nova forma de pensamento através de conexões sociais que se tornam viáveis pela utilização das redes abertas de computação da internet. Isso ficou claro quando observado nos dois países a enorme utilização das informações digitais, através da utilização de e-mails, para o compartilhamento



de documentos, atividades e cronogramas; o acessar de forma constante o Whatsapp como compartilhamento e conversas sobre todos os assuntos. Havendo um no Brasil que o acesso, era como o compartilhamento de dados no Whatsapp, já no México, o tirar fotos, ao invés de realizar anotações no caderno.

Os conflitos geracionais são o mais cabível a observação, sendo que essa passagem do bastão quando relacionado à mudança entre as gerações, um processo muito difícil, além do mais que a geração Z que é a atual, que se conectam cada vez mais e possuem suas características particulares. E essa sociedade possui uma liberdade de escolha imensa, trazendo "Novos estilos de família; maneiras diferentes de trabalhar, amar e viver; uma nova economia; novos conflitos políticos; e acima de tudo uma consciência modificada" (TOFFLER, p.142).

E quando relacionado com esses "conectados", Rudiger (2008) diz, "sim, somos nós a origem da era da informação os criadores da cibercultura", que em meio a tudo isso os professores e alunos precisam saber lidar e diferenciar o ser e estar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENACHENHOU, A. **Países emergentes**. Brasília: FUNAG, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: EDITORA PAZ E TERRA S/A, 1988.  
LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MELLO, R. A. **A necessidade histórica da Educação Física na escola: a emancipação humana como finalidade**. Tese (Doutorado), Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2009.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants**. MCB University Press, 2001.  
Disponível em: [http://marcprensky.com/writing/Prensky%20-](http://marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf)

[%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf](http://marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf). Acesso em 04/06/2016 às 22:30.

RIDGER, F. **Cibercultura e Pós-Humanismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

TOFFLER, A. **A Terceira Onda**. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.



## **DINÂMICA DIALÉTICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CONFIANÇA ENTRE ATLETAS DE ALTO NÍVEL DO VOLEIBOL**

Breno Alves dos Santos Blundi

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP/Ibilce

Apoiado no crescente espaço social que o voleibol tem conquistado por conta dos inúmeros títulos alcançados, a procura de pessoas para se tornar um atleta profissional aumenta-se cada dia mais. Com isso cresceu-se o número de clubes e, principalmente, o número de clubes na categoria de base, atletas iniciantes, visando um preparo esportivo deste indivíduo desde muito cedo, buscando desenvolver atletas profissionais. Por conta do número de atletas ter crescido consideravelmente ao que se tinha antes, hoje em dia os clubes de voleibol não possuem mais a necessidade de enviar para todo campeonato um olheiro, afinal, agora pode-se realizar testes e peneiras, facilitando a seleção dos melhores atletas. Com o grande crescimento dos clubes de voleibol, os clubes mais tradicionais e, conseqüentemente, com mais história são os que mais chamam atenção dos jovens atletas, sendo assim, os técnicos precisam apenas praticar o “mal me quer, bem me quer” para montar seus times. Isto causa um sintoma muito grave, os times de temporadas. Nos dias de hoje, os clubes montam times geralmente por 12 meses, dois meses de preparo inicial intensivo para o atleta acostumar ao ritmo de treino daquele clube e 10 meses de competição, após esses 12 meses os atletas que não alcançaram ou superaram a expectativa do técnico são mandados embora, precisando novamente correr atrás de testes e peneiras para garantir o seu lugar em quadra. Nesta perspectiva criou-se um grande problema dentro de quadra, a falta de confiança entre os atletas, pois por mudarem com frequência de time, não possuem os laços sociais entre si fortificados, quando realmente entram em um ritmo de jogo bom influenciado pela confiança entre si, a temporada acaba e muitas vezes precisam se separar, tendo que recriar laços novamente com outros indivíduos, perdendo cada vez mais a capacidade de realmente confiar no companheiro de quadra. A falta de confiança entre jogadores reflete diretamente nos resultados dos jogos, quando não se confia no amigo, o jogador fica mais limitado, pois acabam adquirindo uma tensão em relação ao rendimento esportivo do companheiro de quadra. Levando em consideração o histórico apresentado e como a falta de confiança influencia negativamente nos resultados dos jogos, a presente pesquisa tem como objetivo central, apresentar dinâmicas a serem desenvolvidas nos dois primeiros meses de treinamento da temporada, visando a aceleração do processo de desenvolvimento da confiança entre atletas. A metodologia aplicada é pautada na Metodologia de Projeto de Trabalho Docente-Discente na Perspectiva Histórico-Crítica, que compreende a aprendizagem como, “demonstração do domínio teórico do conteúdo e no seu uso pelo aluno, em função das necessidades sociais a que deve responder” Gasparini, 2013. Deste modo a confiança será tratada como categoria de totalidade das dinâmicas aqui apresentadas, sendo composta por partes, identificadas como: respeito mútuo, companheirismo e afeto entre atletas. As partes que formam a concretude da confiança serão superadas uma a uma durante as dinâmicas previstas para dois meses. Os atletas serão expostos a várias etapas até se chegar à última dinâmica, se apropriando do conceito de confiança, sendo elas: mobilização e resgate, problematização 1, dinâmica 1, síntese 1, problematização 2, dinâmica 2, síntese 2 e sistematizando. A mobilização e resgate é o momento que o técnico conversa com os atletas



antes de se iniciar os treinos, buscando compreender qual concepção de confiança estes atletas possuem, após realizar o resgate de conceitos, se parte então para a problematização 1. Como estas dinâmicas são pautadas no movimento dialético, buscar-se-á sempre colocar os atletas em contradição e logo em seguida, em superação, visando o desenvolvimento conceitual do indivíduo, primeiramente pelas partes e depois pelo todo. Na dinâmica 1 se supera as partes que formam a totalidade, sendo, o respeito, companheirismo e afeto, em seguida coloca os atletas e contradição novamente apresentando conceito de confiança e superando-o novamente através da dinâmica 2. Na última etapa visa-se a objetivação da totalidade, convidando os atletas através de um abraço coletivo colocar para fora o que aprenderam com as dinâmicas. Considera-se que estas dinâmicas pautadas na pedagogia histórico-crítica possam contribuir para um desenvolvimento mais rápido e eficaz da confiança entre atletas de alto nível do voleibol, melhorando o ritmo de jogo e auxiliando na vitória. Nesta perspectiva a anatomia da confiança é a chave da anatomia da vitória.



## **EFFECTS OF TRANSCRANIAL DIRECT CURRENT STIMULATION ON TIME LIMIT AND RATINGS OF PERCEIVED EXERTION IN PHYSICALLY ACTIVE WOMAN**

Alexandre Paixão de Moraes  
Universidade Salgado de Oliveira

Os fatores limitantes do desempenho máximo em seres humanos têm sido amplamente investigados. A falha do sistema neuromuscular em um exercício exaustivo foi interpretado a partir de perspectivas periféricas e centrais. Alguns estudos demonstraram o papel do sistema nervoso central, especificamente o córtex motor e o córtex pré-frontal, como responsabilidade direta pela manutenção das contrações musculares, mesmo em condições de fadiga muscular.

Várias técnicas de estimulação foram desenvolvidas para melhorar o desempenho da resistência muscular e induzir uma menor percepção de esforço durante a fadiga submáxima nas contrações musculares. Entre estas técnicas, a estimulação transcraniana de corrente contínua (ETCC) recebeu grande interesse de vários estudos. A ETCC é uma técnica de estimulação neural não invasiva com a aplicação de corrente elétrica em certas áreas do córtex cerebral. De acordo com as características do estímulo aplicado, pode ocorrer uma despolarização ou hiperpolarização da membrana neuronal em repouso, resultando em estímulo excitatório (estímulo anódico) ou inibidor (estímulo catódico).

Poucas pesquisas foram conduzidas usando ETCC em exercícios fatigantes com características cíclicas. Entre estes estudos, a variação da frequência cardíaca, a absorção máxima de oxigênio e percepção de esforço foram objeto de estudo. Apenas dois estudos examinaram o efeito da ETCC anódica (a-ETCC) no desempenho motor e percepção de esforço em exercícios cíclicos, assim o objetivo deste estudo foi verificar os efeitos agudos da estimulação transcraniana de corrente contínua no tempo limite em 100% do pico de potência e as classificações da percepção de esforço.

Onze mulheres moderadamente ativas foram submetidas a uma avaliação antropométrica e a um teste incremental máximo no cicloergômetro, para obter potência máxima (PP). Nas duas visitas subsequentes, que foram separadas por 48-72 horas, os participantes foram distribuídos aleatoriamente em duas condições experimentais: estimulação anódica (a-ETCC) e placebo (SHAM). Na condição a-ETCC, o estímulo foi aplicado no córtex pré-frontal dorsolateral esquerdo, com intensidade de 2 mA por 20 minutos. Na condição SHAM, o equipamento foi desligado após 30 segundos de estimulação. Imediatamente após as condições, os participantes realizaram o tempo limite em 100% no pico de potência. Imediatamente após o teste, a escala de percepção de esforço foi aplicada. Os resultados demonstraram que o tempo limite do pico de potência máxima foi maior na condição de a-ETCC em comparação com a condição SHAM da ( $p = 0,005$ ). Nenhuma diferença foi encontrada entre as condições (a-ETCC vs SHAM) para o escala de esforço ( $p = 0,52$ ). O estímulo anódico aumentou a tolerância ao exercício realizado no cicloergômetro com carga máxima, com efeito ergogênico em exercícios de características cíclicas.



## **PROCESSOS IDENTITÁRIOS RELACIONADOS AO ESPORTE NA MÍDIA IMPRESSA: O CASO DO BASQUETEBOL MASCULINO BICAMPEÃO MUNDIAL (1959-1963)**

Renan Felipe Correia, Edivaldo Góis Junior  
Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas

Esse trabalho propôs um olhar acerca da relação entre esporte e identidade nacional, a partir das representações na mídia impressa que teve, no Brasil, a equipe brasileira de basquetebol masculino campeã mundial entre os anos de 1959 e 1963. Os trabalhos de Benedict Anderson relacionados à temática das identidades nacionais foram referenciais para a análise dos documentos, compostos por diferentes jornais, periódicos e revistas.

A partir de uma leitura que fugiu do eurocentrismo comum aos estudos do nacionalismo, Benedict Anderson desenvolveu uma proposta de entendimento para a nação que produziu diálogos que romperam com a hierarquia acadêmica presente nos estudos sobre identidade nacional e nacionalismo. Seu entendimento do nacionalismo como um artefato eminentemente cultural e modular que se forma através da homogeneidade da língua impressa, permite-nos entender a identidade nacional como produto das interações culturais de uma sociedade. Por isso, nesse trabalho, adotamos seu conceito de identidade nacional atrelado à *imaginação* e à *simultaneidade* da vida cotidiana; dos gestos e hábitos que se replicam por toda a nação, dos quais cada indivíduo tem noção – imagina – que ocorra, através da sua interação com a mídia impressa.

Evidenciamos nas fontes como a mídia impressa narrou em suas páginas, jogadores em quadras, de diversos países e nacionalidades, falantes de diferentes línguas, cada qual defendendo uma equipe com seus costumes e culturas que paulatinamente os permitiram se compreender como cidadãos defensores de uma nação, naquilo que Anderson nos apontou como a simultaneidade que dá força à constituição de determinada identidade imaginada.

Porém, na quadra, todos “falavam a mesma língua”, submetiam-se às mesmas regras com um único objetivo. Assim, o jogo de basquetebol se configuraria enquanto uma linguagem “falada” e compreendida por todos, que simultaneamente os uniam e os separavam, permitindo que cada jogador se sentisse parte integrante de um “mundo” no qual se reconheciam através do esporte. Os jogos, cronometrados, desempenhados em tempo de calendário por atores que não se conheciam, foram noticiados e lidas por milhões de brasileiros, criando em suas mentes a imaginação de um Brasil extenso e comunitário.

Como exposto em algumas crônicas, inter-relacionada com identidades políticas e raciais, a identidade nacional é imaginada no campo esportivo, no caso no basquetebol nacional, quando promove o reconhecimento do brasileiro enquanto parte de uma nação que se coloca frente às demais através do esporte, mas também na defesa de uma forma específica, culturalmente própria de estética do jogo. Podemos interpretar que é nesse sentido que nossas fontes criam um discurso de cunho imagético a partir do esporte. Isto é, uma noção de identidade nacional a partir de líderes específicos, jogadores eleitos como aqueles que mostrariam ao mundo as características do brasileiro – e de mesmo modo, serviriam de modelo para todo o povo. Um modelo imaginado como mais criativo, aguerrido, vitorioso, o qual a superação não se deixa abater mesmo que, já de início, saiba-se que as dificuldades a





serem encontradas, decerto, tornariam a jornada praticamente impossível.

Nas fontes, o esperado “confronto” entre basquetebol e futebol, uma dada busca em estabelecer este ou aquele enquanto paixão nacional ou identidade-símbolo próprio de nossa gente, parte integrante de nossa cultura, se confirmou. Em alguns momentos foi possível perceber nos jornais e revistas, discursos afirmando a necessidade de voltarmos à prática do futebol ou abandoná-lo de vez e valorizarmos as glórias do basquetebol nacional, verdadeiro expoente de nossa cultura. O que identificamos foi a “chaga ainda aberta” com a derrota da equipe nacional na Copa do Mundo de futebol em 1950, que em diversas crônicas, matérias e editoriais era tratada como algo a ser superado e que era no basquetebol que o país mostraria ao mundo seu valor. Valor este que, talvez possamos afirmar, por não ser possível de se realizar política ou economicamente, dado o papel fundamental da mídia, seria efetivamente realizado pelo esporte, fosse ele o futebol, o basquetebol ou qualquer outro que se projetasse mundialmente, permitindo ao brasileiro se imaginar parte integrante de uma comunidade mundial, e assim, perante aos demais povos e nações reivindicar sua relevância, demonstrando ser “o melhor de todos” em pelo menos uma determinada prática, o campeão em um esporte mundialmente praticado.

Tudo isso converteu-se para o povo em reconhecimento como integrante de uma nação potência, mesmo que esportiva – que por si, já o permitiria se imaginar cidadão do mundo, detentor de uma identidade nacional própria e autêntica, única: Campeã do Mundo.